



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**PERFIS JORNALÍSTICOS E A PERSONALIZAÇÃO DA
POLÍTICA: GERALDO ALCKMIN E SÉRGIO CABRAL NA
REVISTA *PIAUI***

DIANE GEORGIA FERREIRA DIAS

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**PERFIS JORNALÍSTICOS E A PERSONALIZAÇÃO DA
POLÍTICA: GERALDO ALCKMIN E SÉRGIO CABRAL NA
REVISTA *PIAUI***

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo

DIANE GEORGIA FERREIRA DIAS

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Castro

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Perfis Jornalísticos e a personalização da política: Geraldo Alckmin e Sérgio Cabral na revista *piauí***, elaborada por Diane Georgia Ferreira Dias.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Castro

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ

Departamento de Expressão e Linguagens - UFRJ

Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF

Departamento de Expressão e Linguagens - UFRJ

Profa. Fernanda Melo da Escóssia

Mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ

Departamento de Expressão e Linguagens – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

DIAS, Diane Georgia Ferreira.

Perfis Jornalísticos e a personalização da política: Geraldo Alckmin e Sérgio Cabral na revista *piauí*. Rio de Janeiro, 2017.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Paulo César Castro

DIAS, Diane Georgia Ferreira. **Perfis Jornalísticos e a personalização da política: Geraldo Alckmin e Sérgio Cabral na revista *piauí***. Orientador: Paulo César Castro. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar em que medida os perfis do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, e do ex-governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, publicados pela revista *piauí*, corroboram ou desqualificam as imagens que deles foram construídas, principalmente a partir do material de campanha eleitoral que levou-os ao principal cargo do Poder Executivo nos dois principais estados do país. A análise das duas reportagens é feita tendo em conta dois aspectos fundamentais para a monografia. No campo da política, foi considerado o processo já amplamente consolidado da personalização, ou seja, da atividade política baseada nos indivíduos em detrimento dos partidos; e na área do jornalismo, a abordagem do material se faz a partir do tipo de reportagem que a revista *piauí* produz: sob forte influência do New Journalism, movimento que buscou nas técnicas da literatura realista o seu estilo de contar histórias; não por acaso, alguns autores preferem a denominação Jornalismo Literário. A pergunta que orientou o trabalho foi: até que ponto a revista, já reconhecida pela profundidade e pelo estilo literário com que trata os perfis que publica, muitos deles pertencentes ao campo da política, adota uma postura crítica diante das imagens dos personagens, já previamente construídas pelo marketing político tendo como base apenas qualidades positivas?

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus por ter guiado meus passos até aqui, permitindo que eu alcançasse o maior sonho da minha vida: estudar Jornalismo em uma universidade federal. Agradeço a Ele por cada vitória conquistada e à Maria, sua mãe, pela proteção e intercessão.

Meu segundo agradecimento vai para o meu grande amigo José Henrique por ser a pessoa que mais me estendeu a mão desde o dia em que o conheci. Essa conquista não seria possível sem o apoio incondicional que dele recebi, em todas as vertentes da vida, durante todos esses anos. Nada do que eu diga ou faça poderá expressar o tamanho da minha gratidão por tê-lo em minha vida e por tudo que fez por mim até aqui.

Agradeço à minha avó Maria da Luz, mulher nascida na década de 1930, porém empoderada e de personalidade forte. Meu primeiro exemplo de ser-humano, e que faz tanta falta em minha vida. Espero ser motivo de orgulho para ela, onde quer que sua alma esteja.

Agradeço aos meus pais pelo dom da vida, por terem me guiado até o início desta caminhada. Pela torcida, pelo apoio, por acreditarem mais do que eu mesma no meu potencial e por toda educação que me proporcionaram durante a vida.

Aos meus irmãos João Victor e Luana agradeço por serem a força que me move todos os dias. Saber que os tenho é ter motivos para, muitas vezes, engolir o choro, erguer a cabeça e seguir em frente. São, sem dúvidas, as pessoas que mais amo neste mundo. Ao meu irmão Renan, agradeço por ser meu exemplo desde quando nasci. Foi olhando seus passos que consegui traçar as metas para que esse sonho se realizasse.

Sou infinitamente grata às minhas amadas tias Rosemairy, Regina e Tais. Pessoas que me adotaram como filha em seus corações desde o dia em que vim ao mundo. São as responsáveis por plantar em mim o gosto e o hábito pela leitura, instrumento primordial para chegar até aqui. Eu jamais saberei retribuir todo amor e carinho que esses anjos me concederam durante toda a minha vida. Que bom que vocês existem!

À minha cunhada Renata, obrigada por ser sempre presente e por ter nos dado Alice Maria como presente. À Alice, que ainda nem entende o que de fato é a vida, agradeço por ter se tornado mais um motivo pelo qual eu vivo.

Agradeço ao Bernardo, meu companheiro nesses últimos anos de graduação. Sou grata pelo apoio incondicional, pela paciência nas minhas crises de ansiedade, e pela docilidade em dizer sempre que “você vai conseguir”, todas as vezes em que cogitei desistir. Obrigada por me transbordar de afeto e por me acompanhar nesta jornada louca.

Ao meu querido orientador e amigo Paulo Castro, que esteve comigo desde o 5º período até aqui. Meu mais sincero obrigada, pela paciência em todos esses anos, por tamanha gentileza em me aceitar como monitora e orientanda, e por não ter desistido de mim. A UFRJ precisa de mais professores como você.

Sou extremamente grata à minha amiga Natalia Sales por ter dividido comigo todos esses anos da graduação, do primeiro ao último dia. Obrigada por tornar meus dias mais alegres, por dividir comigo todas as alegrias e tristezas desses anos de UFRJ. Ter o seu apoio e incentivo foram fundamentais para que este trabalho saísse.

Aos meus queridos amigos Gabriela Isaías, Jéssica Dourado, Jéssica de Mello, Dominique Ciminelli, Dienne Lima, Thiago Patrick, Laís Jannuzzi, Aline Machado, Lauren Lima, Ana Carolina, Erique Dourado, que se fizeram presentes em todos os momentos da minha vida: obrigada.

Agradeço, em especial, meus amigos Beatriz Braga e Sacha Moledo, pessoas essenciais neste último ano. Obrigada por todo amor, carinho e dedicação por mim. Obrigada pela compreensão em todas as vezes que recusei um convite para sair, e obrigada principalmente por estarem ao meu lado nesta caminhada. Eu amo vocês!

A dona Maria do Carmo que me acolheu com tanto carinho e amor em seu lar, desde o primeiro dia que cheguei no Rio de Janeiro, obrigada!

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha trajetória até aqui, desde a educação infantil até o ensino médio. Em especial, agradeço ao Casd Vestibulares, cursinho comunitário gratuito que me preparou maravilhosamente bem para que eu, fruto da educação pública, chegasse aqui. Agradeço também a todos os professores da Escola de Comunicação da UFRJ, em especial à Marialva Barbosa e Fernanda da Escóssia que tão

gentilmente aceitaram compor a minha banca e por terem sido professoras incríveis na graduação; e à professora Raquel Paiva pelo apoio e preocupação que dispensa tão docemente aos seus alunos, e por inspirar em nós o brilho no olhar que às vezes falta.

Agradeço à Universidade Federal do Rio de Janeiro, e a todos os funcionários e servidores que a fazem a melhor universidade pública do Brasil. É uma honra enorme ter o nome dessa instituição no meu diploma. Obrigada pela formação humana e crítica que recebi durante esses anos e que me transformou: saio daqui uma pessoa muito melhor do que entrei.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	1
2. JORNALISMO E LITERATURA: O ESTILO FICCIONAL A SERVIÇO DO RELATO DE FATOS REAIS	5
2.1 – A Influência do Realismo no Jornalismo Literário e seus principais escritores.....	5
2.2. O Novo Jornalismo	8
2.3 – Recursos literários aplicados ao jornalismo	11
2.4 – O perfil jornalístico: o retrato de um momento.....	16
3. POLÍTICA E PERSONALIZAÇÃO: DO PARTIDO AO CANDIDATO	20
3.1 – Conceitos e definições.....	20
3.2 – Geraldo Alckmin: o político firme, trabalhador, mas de hábitos simples	24
3.3 – Sérgio Cabral: ao som do samba, o carioca que ama o Rio	27
4. ANÁLISE DOS PERFIS.....	31
4.1- <i>Piauí</i> : uma revista “inútil”	31
4.2 – As imagens políticas que os discursos constroem.....	33
4.2.1 – Nuvem de Palavras: Geraldo Alckmin	33
4.2.2 - Nuvem de palavras: Sérgio Cabral.....	37
4.2.3 - Imagens em contraste: a análise dos perfis	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	51
ANEXO 1.....	54
ANEXO 2.....	81

1. INTRODUÇÃO

O ponto de partida deste trabalho busca identificar a maneira como os recursos do Jornalismo Literário utilizados nos perfis da revista *piauí*¹ colaboram ou não com o fenômeno da personalização na política. A ideia principal do projeto é mostrar se, ao publicar longos perfis de políticos, o periódico reafirma o processo pelo qual a política tem sido feita: a partir dos indivíduos e muito pouco pelos partidos, principalmente a partir das imagens construídas durante o período de campanha eleitoral.

A revista *piauí* é uma das poucas publicações no Brasil que faz intensivo uso do Jornalismo Literário em seus textos, principalmente nos perfis. Entre os gêneros jornalísticos, o perfil representa uma escolha bem diferente do que costumeiramente se vê, principalmente, nas páginas de revistas: ao invés do foco em um acontecimento, o destaque é dado a uma pessoa, como defende Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari. Na verdade, a própria vida do personagem é a razão de ser da pauta. E não se trata de uma biografia, mas exatamente de um retrato, ou seja, de um registro do momento atual do entrevistado. A esta narrativa do presente se juntam registros do passado, mas apenas são tomados sob a perspectiva de contextualizarem, na forma de *flashbacks*, o aqui e agora do personagem.

Fugindo da descartabilidade da notícia factual vista principalmente dos jornais diários, o perfil é produzido a partir da combinação do jornalismo e da literatura. E para tal, requer do repórter, além de diferenciadas técnicas de apuração de informações, o uso de recursos estilísticos como foco narrativo, narração cena a cena, descrição de detalhes, alcance e planos de tempo, como presente histórico, analepse (*flashback*), entre outros, para a produção do texto (BOAS; COIMBRA). Para além da escolha de apenas uma pessoa com tema central da reportagem, tais técnicas têm o objetivo de humanizar o personagem (LIMA) e, ao fim das contas, de que ele sirva de exemplo para os leitores, seja como herói/modelo ou mesmo como anti-herói/anti-modelo.

Além disso, é perceptível no decorrer do tempo uma mudança no campo da política. Se, durante uma eleição, o foco era antes nos partidos, pelo menos nas últimas três décadas a atenção foi deslocada para os candidatos, dando luz a um movimento de personalização. Portanto, a escolha dos eleitores baseada nos partidos perde força – seja pela desilusão do público ou pela falta de interesse na política, visto que é muito mais complicado entender sobre estrutura e política partidárias, política de governo, sistema eleitoral, investimentos

¹ A grafia do nome *piauí* será referida sempre em caixa baixa, como a própria revista assina.

econômicos do Estado – em relação à política centrada na imagem de uma só pessoa. Dessa forma, aposta-se na suposta facilidade de compreensão dos atributos pessoais de um candidato, construídos através do marketing das campanhas eleitorais, esperando que sejam noções mais próximas da realidade do eleitorado. Aspectos como imagem física, histórias pessoal e familiar, religião, firmeza e caráter, entre outros, são menos complexos de avaliar do que aqueles que estão ligados ao sistema político partidário.

Dessa forma, pretende-se aqui comparar uma estrutura narrativa centrada em um único personagem, com uma política que a cada dia está mais personalizada, e, para tanto, a análise será feita levando em conta os programas exibidos durante as campanhas eleitorais dos políticos Geraldo Alckmin (atual governador de São Paulo) e Sergio Cabral (ex-governador do Rio de Janeiro), bem como, e principalmente, seus respectivos perfis publicados na revista *piauí*.

A escolha dos perfis “O PAULISTA GE-RAL-DO”, escrito por Júlia Duailibi, e “NA BOCA DO POVO”, por Daniela Pinheiro, se deu por diversos fatores. Primeiro por um interesse pessoal pelo tema, dado o atual panorama da política brasileira, no qual vários escândalos de corrupção envolvendo políticos de diversos partidos tomam conta dos noticiários e, mais recentemente, das redes sociais. A política, da forma como vem sendo realizada, é pauta de inúmeros debates informais, tanto na rua quanto nas redes, e aí vejo uma necessidade de novas pesquisas sobre o tema, pois, quanto maior o número de recortes, mais enriquecedor será para a sociedade e para a academia. Em terceiro lugar, a escolha do perfil desses dois políticos se deu pela relevância dos estados que governam (ou governaram no caso de Cabral): São Paulo e Rio de Janeiro são os dois estados com o maior Produto Interno Bruto do Brasil², representando 32,4% e 11% respectivamente, do PIB nacional, de acordo com a pesquisa de Contas Regionais do Brasil 2015, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O último motivo que pauta essa escolha é a vivência pessoal que tenho nesses dois estados: nasci e cresci em São Paulo, acompanhando o desenrolar político de uma unidade da federação que há décadas é comandada pelo mesmo partido (PSDB), e há seis anos vejo de perto o emaranhado da política fluminense, o que me fez perceber as particularidades existentes na maneira de se fazer política em cada uma dessas unidades da federação.

² Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/17999-contas-regionais-2015-queda-no-pib-atinge-todas-as-unidades-da-federacao-pela-primeira-vez-na-serie.html> <Acesso em 22/11/17>.

O que se busca com este trabalho é demonstrar qualitativamente se a construção da narrativa desses perfis, no modo como o perfilado é apresentado ao leitor, contribui para arraigar no imaginário social a personificação criada nas propagandas eleitorais, ou se, ao contrário, desconstruem a imagem antes estabelecida. Essa análise será feita a partir dos elementos que caracterizam o New Journalism propostos por Tom Wolfe (2015) – que será referido a partir de agora por sua tradução, Novo Jornalismo –, como a narração cena a cena, o diálogo, as descrições de detalhes e o foco narrativo. Além disso, para um primeiro enfrentamento das reportagens, também será utilizado, de forma breve, o método da nuvem de palavras, que, quantitativamente, destaca as palavras mais recorrentes no texto.

Para contextualizar a pesquisa, trataremos no capítulo 2 da ligação entre o jornalismo e a literatura. É importante deixar claro que o perfil aqui tomado como objeto da pesquisa é fruto dessa ligação, já que a revista *piauí* tem no estilo literário uma das marcas da sua enunciação, da sua forma de tratar os temas de suas reportagens. Assim, falaremos no capítulo inicial sobre as origens dessa ligação, desde a influência do Realismo – estilo literário que, ao substituir o Romantismo, enfatiza narrativas que mostram a vida como ela é – sobre o Jornalismo, culminando nos anos 1960 com o Novo Jornalismo. Neste capítulo serão abordados ainda os recursos que, segundo Tom Wolfe em *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, caracterizaram o movimento americano, tomando-os como base para analisar as reportagens. Além de Wolfe, é possível listar nas fileiras do Novo Jornalismo Truman Capote, Gay Talese, Jimmy Breslin, Norman Mailer, entre outros nomes.

Em seguida, no capítulo 3, o foco será no campo da política, sob a proposta de discutir como o fenômeno da personalização, baseada na imagem individual, substituiu paulatinamente o partido, seja no processo eleitoral ou mesmo no exercício dos cargos pelos governantes e/ou parlamentares. Há, para este processo, uma grande contribuição da mídia, pois a personalização tem nos meios de comunicação um lugar privilegiado. Através da televisão e do rádio (principalmente pelo Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral – HGPE), dos veículos impressos, da internet e de outros meios explorados pelo marketing, os candidatos aos diferentes tipos de mandatos são expostos, mas muito mais pelo viés individualizado (competências pessoais) e muito menos pelas propostas programáticas dos partidos aos quais estão filiados (SILVA, 2010).

O subcapítulo seguinte é o momento de perceber, na prática, como se dá o processo de personalização. Para tanto, são analisados alguns episódios dos programas eleitorais de Alckmin e Cabral durante as campanhas, respectivamente, nos anos de 2014 e 2010: o

paulista, na disputa pela reeleição ao cargo de governador; e o carioca, também na campanha de reeleição ao principal posto do Executivo do Rio de Janeiro. A intenção é observar, através de falas, músicas, imagens, entrevistas, qual é a imagem que os discursos sobre ambos (ou os que eles mesmos enunciam a respeito deles, ainda que sob a orientação dos estrategistas de suas campanhas) se propõem a construir para os eleitores. Portanto, o enunciado (o tema) mas também a enunciação (a forma do enunciado) como estratégia de construção da imagem dos dois candidatos são questões fundamentais deste capítulo na busca de entender a lógica personalista da política atual.

Por fim, no capítulo 4, a análise dos perfis. Antes, porém, é feita uma contextualização da história da revista *piauí* (origem, linha editorial, público-alvo etc.). Baseados nos recursos estilísticos apontados por Tom Wolfe, os perfis serão analisados nas diferentes formas de retratar os dois políticos. Evidentemente que assumimos que os discursos das campanhas eleitorais e os da revista a respeito de Alckmin e Cabral são temporalmente, espacialmente e contextualmente diferentes. Mesmo assim, o que interessa à monografia é contrastar as duas matrizes discursivas, buscando entender em que posição a *piauí* se coloca em relação à imagem que os discursos eleitorais previamente haviam estabelecido. Este trabalho analítico é feito em duas partes. Na primeira, as duas reportagens são submetidas a uma ferramenta digital que, contabilizando a quantidade de palavras dos textos, aponta a recorrência delas, mostrando as mais usadas. O resultado, chamado nuvem de palavras, ajuda inclusive na visualização da relação entre elas, e permite um primeiro olhar acerca do campo semântico que se forma sobre cada um dos dois políticos – seja por adjetivos, verbos, substantivos e também pronomes. No segundo momento, o capítulo apresenta a análise qualitativa, feita a partir dos elementos do Novo Jornalismo. Previamente, foi feito um mapeamento para identificar esses elementos dentro do texto. Assim, foi possível perceber quantos e quais recursos foram usados na construção das narrativas e também selecionar os trechos mais representativos da construção/desconstrução das imagens de Alckmin e Cabral, relacionando com os discursos eleitorais anteriormente avaliados.

2. JORNALISMO E LITERATURA: O ESTILO FICCIONAL A SERVIÇO DO RELATO DE FATOS REAIS

Tanto jornalismo quanto a literatura são atividades que têm a palavra escrita como base. Porém isso não é suficiente para aproximá-las, primeiro porque a literatura existe desde muito antes do jornalismo, e segundo porque o jornalismo tem uma função social a cumprir: informar à sociedade. Esse papel por vezes faz com que a atividade jornalística demande rapidez e objetividade, enquanto os escritores literários gozam de tempo e de liberdade criativa; se aos jornalistas não é permitido publicar fantasias ou histórias irreais, os literatos são livres para escrever sobre o que bem entenderem.

Porém, em algum momento da história, essas vertentes encontram um ponto de convergência. Por que não incorporar no jornalismo técnicas da literatura com a finalidade de enriquecer a leitura e torná-la prazerosa? Neste capítulo veremos como aconteceu essa convergência e de que maneira a literatura e o jornalismo puderam, e ainda podem, caminhar juntos.

2.1 – A Influência do Realismo no Jornalismo Literário e seus principais escritores

Não é de hoje que jornalismo e literatura configuram uma relação de consonâncias e divergências. Ainda que sejam práticas discursivas diferentes, essa ligação perdura há séculos. “A relação entre literatura e jornalismo conhece um primeiro momento de esplendor com a aparição das revistas culturais do século XVIII, estreita-se ao longo do século XIX e constitui um dos capítulos fundamentais da cultura do século XX.” (CARBAJO *apud* MEDEL, 2002, p. 16).

Ou até mesmo antes disso. Para Monica Martinez, o Jornalismo Literário tem sua base fundada muito antes do desenvolvimento da escrita, já que ainda na época da oralidade havia a preocupação com a maneira como as pessoas enxergavam o mundo. E, além disso, de acordo com Martinez, o Jornalismo Literário tem em comum com os contadores de histórias o uso de símbolos, metáforas e imagens de fácil compreensão para todos (2009).

Seguindo esta lógica de que o Jornalismo Literário é um estilo que se permite pensar e narrar com detalhes o ser humano, pode-se considerar ainda o movimento literário Realismo como um dos principais precursores do gênero jornalístico em questão. Em meados do século XIX houve um declínio do Romantismo, o que permitiu a ascensão do

Realismo, no qual os escritores passaram a se importar mais em compor narrativas onde os personagens, ao invés de representações idealizadas, eram mais próximos dos indivíduos do mundo real, com os problemas e defeitos das pessoas comuns. Tal composição passa a exigir dos autores uma verdadeira imersão nas situações cotidianas da sociedade.

Exemplos dessa nova postura literária são nomes como Gustave Flaubert, Honoré de Balzac e o inglês Charles Dickens. Tais escritores foram grandes nomes do Realismo, contribuindo, cada um a sua maneira, com o movimento. O primeiro, de acordo com Martinez, inaugurou o movimento realista ao retratar com detalhes a vida de Ema, uma adúltera, como protagonista da obra “Madame Bovary”, fato que lhe rendeu um processo judicial por ofender os costumes da época (2009).

O dia seguinte foi para Ema um dia sombrio. Tudo lhe parecia envolto em negra atmosfera que pairava confusamente sobre as coisas, e a tristeza engolfava-se em sua alma com bramidos lamentosos, como o vento de inverno nos castelos abandonados. Era o devaneio do que não voltaria mais, a lassidão que nos toma depois de cada fato consumado, a dor, enfim, que nos traz a interrupção de todo movimento habitual, a cessação brusca duma vibração prolongada. (FLAUBERT, 1976, p. 95)

Nesse mesmo contexto, o cronista Balzac também deixa de lado o Romantismo e passa a descrever nos mínimos detalhes as facetas sociais e psicológicas de seus personagens, e Dickens é responsável por trazer o realismo social para a literatura com obras que retratam o cotidiano duro de pessoas comuns na época da Revolução Industrial, “como as crianças trabalhadoras da classe operária inglesa, caso de *Oliver Twist* (1837-1839)” (MARTINEZ, 2009, p. 75, grifos no original).

A partir daí podemos dizer que jornalismo e literatura começam a se encontrar. De acordo com Manuel Ángel Vázquez Medel (2012) jornalismo e literatura interagem entre si e se influenciam: o jornalismo oferece temas e recursos ao segundo, ao passo que as pautas e as técnicas literárias colaboram na construção de discursos jornalísticos. Portanto, o Jornalismo Literário pode ser considerado uma área de convergência “que tira partido das técnicas literárias e dos elementos básicos jornalísticos, como levantamento de informações, para produzir um texto bem apurado e escrito” (MARTINEZ, 2009. p. 71).

De tal maneira, no século XX alguns jornalistas e escritores surgem consolidando ainda mais o gênero, como é o caso de John Hersey, que se tornou referência com *Hiroshima*, reportagem lançada em 1946 na revista *The New Yorker* narrando a tragédia do bombardeio atômico da cidade japonesa de mesmo nome, no final da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Robert Herrscher (2012, p. 296) diz que a obra do escritor americano é

citada como o melhor livro de Jornalismo Narrativo da história pelos professores de jornalismo nos Estados Unidos, o que é um fato impressionante pelo tamanho da obra, com 152 páginas no original em inglês.

A estrutura é simples e diáfana: segue seis pessoas – um religioso alemão e cinco japoneses, três homens e duas mulheres – que se encontram na cidade de Hiroshima quando estoura a primeira bomba atômica da história, em 6 de agosto de 1945, às 8:15 da manhã. A história conta o que cada um estava fazendo nos instantes antes da súbita explosão e o que fizeram nos minutos, dias, meses e anos depois. (HERRSCHER, 2012, p. 269)³

Outro grande nome do Jornalismo Literário americano foi Lilian Ross. Em *Picture*, de 1952, ela narrou romanticamente o *backstage* do longa-metragem *A glória de um covarde*, que de acordo com Martinez, se tornou o marco inicial da categoria de romance de não-ficção (2009). Tanto Hersey quanto Ross aplicam técnicas de apuração e escrita típicas do jornalismo literário; suas obras exigem grande capacidade de imersão no tema, de forma que possam descrever com riqueza de detalhes todos os fatos que presenciam ou que lhes são relatados “Hersey parte de fatos autênticos para reconstruir cenas e explorar as emoções dos personagens, apresentando diálogos interiores de forma novelística” (PENA, 2013, p. 13).

Um pouco depois, no início dos anos 1960, nomes como Gay Talese, na época repórter da revista *Times*, e Jimmy Breslin, do jornal *Herald Tribune*, começam a despontar na cena literária e jornalística dos Estados Unidos. Ambos destoavam dos demais colegas de profissão pela construção das narrativas, empregando mais detalhes que o usual e, por conseguinte, gerando dúvidas a respeito da autenticidade de suas histórias. Em *Radical chique e o Novo Jornalismo*, Tom Wolfe conta sobre o estranhamento que sentiu ao ler a matéria “Joe Louis: o Rei na meia-idade”, escrita por Talese em 1962 e publicada pela revista *Esquire*.

Minha reação instintiva, defensiva, foi achar que o sujeito tinha viajado, como se diz... improvisado, inventado o diálogo... Nossa, ele talvez tenha criado cenas inteiras, o nojento inescrupuloso... O engraçado é que essa foi precisamente a reação que incontáveis jornalistas e intelectuais da literatura teriam ao longo dos nove anos seguintes, à medida que o Novo Jornalismo ganhava força. A reportagem realmente estilosa era algo com que ninguém sabia lidar, uma vez que ninguém costumava pensar que a reportagem tinha uma dimensão estética. (WOLFE, 2005, p. 22)

³ Tradução da autora: “La estructura es simple y diáfana: sigue a seis personas – un religioso alemán y cinco japoneses, tres hombres y dos mujeres – que se encuentran en la ciudad de Hiroshima cuando estala la primera bomba atómica de la historia, el 6 de agosto de 1945, a las 8:15 de la mañana. El relato cuenta qué estaba haciendo cada uno en los instantes anteriores al súbito resplandor, qué hicieron en los minutos, días, meses y años posteriores.

Essa divergência de Talese com outros jornalistas da época causou, de fato, certo estranhamento. Mas o jornalista americano seria, tempos depois, consagrado como um dos principais expoentes de uma vertente inédita na imprensa: o chamado Novo Jornalismo, do qual falaremos em breve.

No Brasil, o Jornalismo Literário também encontra seus expoentes antes de 1960, com nomes como Euclides da Cunha e João do Rio, atuantes no início do século XX. Assim como outros autores do estilo, os brasileiros convergem com o Jornalismo Narrativo a partir do momento em que, segundo Martinez, se preocupam em valorizar a história de pessoas comuns com seus problemas e limitações, em detrimento do estereótipo dos heróis (2009).

Euclides da Cunha, por exemplo, foi cobrir a insurreição de Canudos, no sertão baiano, em 1907 para o jornal *O Estado de S. Paulo*. No ano de 1902 o jornalista lança a obra *Os sertões*, na qual relata a vida dos humildes agricultores que eram tidos como “perigosos” para o governo, mas que, na verdade, se tratavam de pessoas excluídas que sofriam com a seca do sertão e acreditavam em Antônio Conselheiro como seu salvador.

No caso de João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, foi o registro das transformações que aconteciam no Rio de Janeiro, então capital brasileira, que marcou o seu trabalho. As crônicas do jornalista ficaram registradas na sua obra mais famosa, *A alma encantadora das ruas*, e em outras que publicou.

2.2. O Novo Jornalismo

O surgimento dessa nova corrente jornalística encontra seus fundamentos em dois fatores. O primeiro é o contexto da literatura romântica que, desde a década de 1940, passava por uma reconfiguração. Segundo Wolfe (2005), nessa época Lionel Trilling apresentou uma teoria dizendo que o romance de realismo social desta década, era obsoleto por se tratar de um produto da burguesia do século XIX, gerando esse processo de reconfiguração. Portanto, com a fragmentação da classe, os escritores deveriam procurar um novo tipo de romance. A partir daí a sociedade americana do pós-guerra é deixada de lado pelos romancistas.

O descontentamento dos jornalistas com a profissão é o segundo fator que contribuiu para a ascensão e adesão ao Novo Jornalismo. Os repórteres estavam insatisfeitos e acomodados com um estilo de jornalismo totalmente engessado na estrutura do *lead*. “O

que vai proporcionar o advento do Novo Jornalismo na década de 1960 é a insatisfação de muitos profissionais da imprensa com regras de objetividade do texto jornalístico” (PENA, 2013, p. 53). A configuração da hierarquia na redação também era um problema por não inspirar nenhuma vontade de ascensão nos profissionais da base da pirâmide. De acordo com Wolfe, o editor executivo – que teoricamente estaria no mais alto patamar da escala hierárquica – trabalhava num espaço tão miserável e infecto quanto o mais ínfimo repórter (2005).

É importante pontuar que não se trata de um movimento que tenha sido conscientemente arquitetado, mas, sim, de uma maneira quase inédita de se fazer jornalismo que foi percebida simultaneamente pelos profissionais da época. Segundo Wolfe (2015), não havia manifestos ou reuniões que juntassem os jornalistas, de forma que pudessem debater o assunto. O que aconteceu foi que, de repente, sabia-se que havia uma espécie de excitação artística no jornalismo.

Dessa forma, jornalistas e repórteres passaram a utilizar técnicas da literatura realista, e o viés social deixado de lado pelos romancistas passou a ser o principal material explorado por eles. O já aqui citado Tom Wolfe é um dos principais nomes do Novo Jornalismo e, de acordo com Martinez, é considerado um pensador do movimento após lançar *Radical chique e o Novo Jornalismo* (2012), que se tornou uma espécie de manifesto da nova corrente. Wolfe relata na obra como foi chegar à cidade de Nova York no início dos anos 1960 e encontrar uma sociedade rica em diversos aspectos, mas que sequer era utilizada como material pelos escritores.

Na maior velocidade de que era capaz, eu produzia artigos sobre aquele incrível espetáculo que via borbulhando, gritando, bem diante dos meus olhos deslumbrados – Nova York! –, e o tempo todo eu sabia que algum romancista empreendedor ia aparecer e se apossar de todo aquele panorama maravilhoso com um só golpe ousado e gigantesco. Estava tudo tão pronto, tão *maduro* – chamando... mas nunca aconteceu. Para minha surpresa Nova York continuou o paraíso do jornalista. A propósito, os romancistas pareciam fugir completamente da vida nas grandes cidades. (WOLFE, 2005, p. 52, grifos no original)

Por não ter um determinado ano para marcar o início do movimento, os autores que se destacaram anos antes do manifesto de Wolfe também são considerados peças-chaves da nova vertente jornalística. Tanto é que no início chamavam suas obras de romance de não-ficção, como, por exemplo, a série de artigos de Truman Capote publicada na revista *The New Yorker* em 1965, que se tornou livro no ano seguinte. Para escrever a obra, Capote pesquisou durante cinco anos todos os detalhes sobre o assassinato da família Clutter, em

novembro de 1959, no Kansas. O resultado de tamanho empenho e a riqueza de detalhes com que narrou uma história verídica foi o que culminou no sucesso de *A sangre frio*, que vendeu 350 mil exemplares⁴ no primeiro mês de sua publicação nos Estados Unidos.

O objetivo dos jornalistas do Novo Jornalismo era construir reportagens que contassem histórias capazes de fazer o leitor se sentir presente na cena, mas de maneira que essas fossem esteticamente agradáveis. Para isso começaram a integrar em seus textos as técnicas do realismo, ou seja, além de abordar assuntos sociais, passaram a explorar cada vez mais os detalhes dos ambientes, dos personagens, descrevendo-os minimamente para que estivessem nítidos no imaginário do leitor. Dessa forma puderam fugir da objetividade jornalística que havia se tornado um fardo e oferecer matérias e histórias profundas para os leitores. Para Wolf (2005), quando ocorre a transição da reportagem de jornal para o Novo Jornalismo, descobre-se que a unidade de reportagem básica não são mais os dados, mas a cena, de tal forma que o maior problema dos repórteres passa ser conseguir estar ao lado de seus personagens tempo suficiente para observarem o transcorrer das cenas.

Ao escrever o perfil do cantor Frank Sinatra, Gay Talese viajou até Los Angeles para encontrá-lo e acompanhar seus compromissos durante dias. Acontece que uma gripe acometeu o cantor, que recusou ser entrevistado por Talese, quanto mais ser acompanhado por ele. Porém, segundo Herrscher (2012), a não cooperação de Sinatra não impediu que Talese realizasse seu trabalho. O escritor usa todo seu repertório de ferramentas e introduz o leitor ao círculo de Sinatra, convidando-o a escutar pessoas da convivência do cantor, como seus amigos de infância, seus empregados e os trabalhadores dos lugares noturnos onde bebia. “Nos permite vislumbrar suas birras infantis, seus ataques de pânico e a insondável solidão do ídolo rodeado de bajuladores, mas faminto de amigos.”⁵ (HERRSCHER, 2012, p. 154). Tal situação pode ser observada no trecho seguinte de *Frank Sinatra está resfriado*:

Frank Sinatra faz as coisas *pessoalmente*. No Natal, ele vai pessoalmente comprar dezenas de presentes para os amigos mais chegados e para a família, e nunca esquece o tipo de joia que eles apreciam, de suas cores preferidas, do tamanho de suas camisas e vestidos. Quando, há pouco mais de um ano, a casa de um músico amigo seu foi destruída e a mulher dele morreu num deslizamento de terra em Los Angeles, Sinatra foi ajudá-lo pessoalmente. Procurou uma casa para ele, pagou todas as despesas do hospital não cobertas pelo seguro, cuidou pessoalmente da

⁴ Informação da contra capa do livro

⁵ Tradução da autora: “Nos permite atisbar sus berrinches infantiles, sus ataques de pánico y la insondable soledad del ídolo rodeado de aduladores y hambriento de amigos”.

compra da mobília para a casa, inclusive novos talheres, roupas toalhas e lençóis.

O mesmo Sinatra que fez tudo isso pode, de uma hora para outra, explodir numa terrível fúria de intolerância se algum de seus chapas cometer algum pequeno deslize no cumprimento de uma tarefa. Por exemplo, quando um de seus homens lhe trouxe um cachorro-quente com ketchup, que, como se sabe, Sinatra abomina, ele jogou o frasco no homem, cobrindo-o de ketchup. Muitos dos que trabalham com Sinatra são grandalhões, mas isso não parece intimidá-lo nem refrear suas reações impetuosas quando está furioso. Eles nunca iriam responder. Ele é *Il Padrone*. (TALESE, 2004, p. 265, grifos no original).

No entanto, para Talese, a experiência de somente observá-lo, ouvir suas conversas, estudar as pessoas em sua volta foi muito mais proveitoso do que se sentar e conversar com ele (HERSCHERR, 2012).

Ao atribuir valor literário ao formato do texto, Wolfe delimitou quatro recursos essenciais na construção de reportagens do Novo Jornalismo: “construção cena-a-cena; registro completo de diálogos; apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem.” (PENA, 2013, p. 55), que serão tratados logo mais.

2.3 – Recursos literários aplicados ao jornalismo

Radical chique e o Novo Jornalismo foi, sem dúvidas, um marco na história do Jornalismo Literário (MARTINEZ, 2009). Ao atribuir recursos básicos para montar uma narrativa, Tom Wolfe coloca no papel técnicas já utilizadas pelos escritores e faz delas características que se tornam inerentes ao texto do Novo Jornalismo. Como o Jornalismo Literário preza pela riqueza de detalhes, o primeiro recurso utilizado pelos escritores é a narração minuciosa de cada uma das cenas que presencia. A riqueza de detalhes e a contextualização completa do ambiente são fatores que permitem ao leitor se sentir como parte da narrativa. Essa ferramenta é conhecida como narração cena-a-cena.

Em *O foco narrativo*, Ligia Chiapinni Leite aborda a narração desde o seu princípio e a define como uma realidade que acontece desde sempre ao se contar histórias, que eram relatadas por quem havia presenciado a cena. Dessa forma, entre histórias e o público sempre houve uma ferramenta essencial: o narrador (LEITE, 2002).

No caso do Novo Jornalismo cabe ao jornalista o papel de narrador. É dele a responsabilidade de construir, cena após cena, tudo aquilo que presenciou para enriquecer seu texto. Tom Wolfe considera esse recurso básico para saber contar a história passando

de cena para cena e recorrer minimamente à simples narrativa histórica (2005, p. 54). No trecho a seguir de *O outono de um herói*, Gay Talese narra detalhadamente a cena em que o jogador de futebol americano Joe DiMaggio está em casa tomando café com sua irmã Marie. Logo em seguida, Talese começa a construção da cena seguinte, na qual DiMaggio precisa comparecer a uma cerimônia em homenagem a outro jogador dos Yankees.

Marie estava na cozinha preparando torradas e chá quando DiMaggio entrou para tomar o café da manhã; seus cabelos grisalhos não tinham sido penteados mas, por serem bem curtos, não estavam desarrumados. Ele disse bom-dia a Marie, sentou-se e acendeu um cigarro. Estava com um roupão azul sobre o pijama. Eram oito da manhã. Ele tinha muito o que fazer naquele dia e parecia animado. DiMaggio tinha uma reunião com o presidente da Continental Television, Inc., uma grande rede de lojas da Califórnia, da qual ele é sócio e vice-presidente; mais tarde teria uma partida de golfe, em seguida participaria de um grande banquete e, se este não demorasse demais e ele não estivesse muito cansado, sairia com uma mulher.

DiMaggio pegou o jornal e, sem se apressar em ir à página de esportes, leu as notícias da primeira página, as crises de 1966: Kwame Nkrumah fora derrubado em Gana, os estudantes estavam queimando seus cartões de convocação (DiMaggio balançou a cabeça), uma epidemia de gripe assolava todo o estado da Califórnia. Então ele abriu o jornal e deu uma olhada na coluna de fofocas, aliviado por não ter sido citado naquele dia – pouco tempo atrás havia uma nota sobre seu encontro com “uma aeromoça estonteante”, e também o surpreenderam jantando com Dori Lane, “a dançarina frenética” da gaiola de vidro da casa noturna Whiskey à Go Go – então passou à página de esportes e leu que Mickey Mantle, que sofrera uma contusão, talvez nunca conseguisse voltar à plena forma. Tudo se passara depressa demais – ou pelo menos assim lhe parecia – na carreira de Mantle; ele sucedera DiMaggio assim como este sucedera Ruth, mas agora não estava surgindo nenhum grande batedor jovem e a administração dos Yankees, quase desesperada, convenceu Mantle a voltar; em 18 de setembro de 1965, ofereceram-lhe um dia de homenagens em Nova York, durante o qual ele recebeu presentes no valor de milhares de dólares – um carro, dois cavalos quarto de milha, viagens de passeio a Roma, Nassau e Porto Rico com tudo pago – e DiMaggio foi de avião para Nova York para anunciar a presença de Mantle diante de quase 50 mil pessoas: foi um dia impressionante, quase um dia santo para os fiéis que cedo lotaram as arquibancadas para testemunhar a canonização de um novo santo do estádio. O cardeal Spellman integrava a comissão, o presidente Johnson mandou um telegrama, a data foi declarada especial pelo prefeito de Nova York, uma orquestra se reuniu no campo de beisebol, diante da trindade de monumentos a Ruth, Gehrig e Huggins; e no alto das arquibancadas, tremulando na brisa do início de outono, havia bandeiras brancas em que se lia: “Fique, Mick”, “Nós amamos o Mick”. (TALESE, 2004, p. 370)

A fim de contextualizar a narração e as cenas, é muito comum que os autores utilizem recursos como os *flashbacks* (analepse) e/ou *flashforwards* (prolepse), que quebram a linearidade do texto, retardando o ritmo da narrativa. O uso dessas figuras de

linguagem auxilia o autor a evocar momentos do passado ou saltar ao momento posterior, respectivamente.

Outra ferramenta – que também compõe a narração das cenas – é o diálogo e a veracidade de sua narração. “[...] o diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso.” (WOLFE, 2005, p. 54). Esse recurso é de total importância para a construção das características dos personagens, pois permite que o autor descreva cada um no decorrer de qualquer diálogo, sem precisar recorrer ao texto completamente descritivo.

De qualquer modo, existe sempre um momento na narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem. É quando o narrador faz o que, em jornalismo, convencionou-se chamar de perfil. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 125).

Retirado do livro *A sangue frio*, de Truman Capote, o trecho a seguir revela como o autor utiliza o diálogo para dar características à personagem Nancy.

- Nancy! Telefone!
 Descalça e de pijamas, Nancy desabou pelas escadas. Havia dois telefones em casa: um no quarto que o pai usava como escritório, outro na cozinha. Pegou da extensão na cozinha:
 - Alô? Ah, sim, bom dia, Sra. Katz.
 E a Sra. Katz, mulher de um fazendeiro lá de perto da rodoviária, disse:
 - Disse a teu pai pra não te acordar... “Nancy deve estar cansada com a peça de ontem.” Você esteve um amor, meu anjo. Aquelas fitas brancas nos cabelos! E aquela hora em que você pensou que o Tom Sawyer tinha morrido: tinha lágrimas de verdade nos seus olhos. Parecia até televisão. Mas seu pai disse que estava na hora de levantar [...]. (CAPOTE, 1965, p. 23)

Um dos desafios para os autores do Novo Jornalismo é a maneira como se colocam no texto. Manter um foco, no que diz respeito a si mesmo, no decorrer da narrativa é imprescindível para a compreensão do leitor. Nesse sentido, a escrita cria a figura do autor implícito, que nada mais é do que a imagem real do autor, responsável por guiar os movimentos do narrador, dos personagens, dos acontecimentos, tempos e todas as questões ligadas à história. Wolfe (2005) chama esse aspecto de “ponto de vista da terceira pessoa”, onde o autor apresenta a “[...] cena ao leitor por intermédio dos olhos de um personagem particular, dando ao leitor a sensação de estar dentro da cabeça do personagem, experimentando a realidade emocional da cena como o personagem a experimenta.” (WOLFE, 2015, p. 54).

Embora para o escritor norte-americano Henry James (*apud* LEITE, 2002, p. 14) o ideal seja que a presença do narrador seja discreta, ao ponto do leitor ter a impressão de

que a história conta a si própria, “alojando-se na mente de um personagem que faça papel de REFLETOR de suas ideias” (*Idem*, grifos no original), existem outras definições e papéis diferentes para um narrador dentro do texto.

De acordo com Leite (2002), o autor Norman Friedman levantou algumas questões sobre o narrador em sua tipologia, tais como “quem conta a história?”, “o narrador está em primeira ou terceira pessoa? De uma personagem em primeira pessoa? Não há ninguém narrando?”, “qual a posição ou o ângulo do narrador em relação à história? (por cima, na periferia, no centro, de frente, mudando?)”, “quais os canais de informação o narrador usa para comunicar a história ao leitor? (palavras? Pensamentos? Percepções? Sentimentos?)”, “a que distância ele coloca o leitor na história? (próximo? Distante? Mudando?)”. A partir daí, Friedman cria algumas categorias que distinguem cada narrador de acordo com as características de seu texto.

O primeiro tipo proposto por ele é o “autor onisciente intruso”, que “tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ou, como quer J. Pouillon, *por trás*, adotando um ponto de vista divino, como diria Sartre, para além dos limites de tempo e espaço.” (LEITE, 2002, p. 27, grifos no original). Esse tipo de narrador utiliza suas próprias palavras, pensamentos e percepções como canal de informação, além de ser um “*eu* que tudo segue, tudo sabe, tudo comenta, analisa, critica, sem nenhuma neutralidade” (*Idem*, grifos no original).

Outra vertente de narrador proposta por Friedman e abordada por Leite é o “onisciente neutro”, que fala utilizando a 3ª pessoa, em que a caracterização dos personagens é feita pelo narrador, que as descreve e explica para o leitor. Diferencia-se do “onisciente intruso” por não fazer comentários gerais sobre o comportamento das personagens, embora sua presença seja sempre clara (2002). Diferente do “Narrador Onisciente Neutro”, o “Narrador-Testemunha”, também proposto por Friedman, utiliza a 1ª pessoa em suas histórias.

Ele narra em 1ª pessoa, mas é um “eu” já interno à narrativa, que vive os acontecimentos aí descritos como personagem secundária que pode observar, desde dentro, os acontecimentos, e, portanto, dá-os ao leitor de modo mais direto. (LEITE, 2002, p. 38).

Embora viva os acontecimentos diretamente, o “narrador-testemunha” tem o ponto de vista periférico, não sabe o que se passa na cabeça das outras personagens, apenas se pode imaginar ou inferir.

Já o “Narrador-protagonista”, de Friedman, é aquele em que a onisciência desaparece, e o próprio torna-se o personagem principal, que não tem acesso aos pensamentos dos outros personagens, bem como está limitado quase exclusivamente aos seus sentimentos, percepções e pensamentos. Ou seja, o narrador, como personagem principal, narra apenas àquilo que vê e sabe. Nesse sentido, Friedman também propõe o tipo “Onisciência Seletiva Múltipla”, aonde se perde o “eu”, ou o alguém que narra (LEITE, 2002), deixando de existir a figura de um narrador. A história, nesse caso, “vem diretamente, através da mente das personagens, das impressões que fatos e pessoas deixam nelas” (LEITE, 2002, p. 48).

Ao passo que a “Onisciência Seletiva Múltipla” trata de diversos personagens, a “Onisciência Seletiva” trata de apenas um. O ângulo é central, e os canais são limitados aos sentimentos, pensamentos e percepções da personagem central, sendo mostrados diretamente (LEITE, 2002). O último tipo de narrador proposto por Friedman que nos cabe estudar é o “Modo Dramático”, que se caracteriza pela eliminação não só do autor e do narrador, mas também dos estados mentais das personagens. Nesse caso, cabe ao leitor deduzir os significados a partir dos movimentos e palavras das personagens (LEITE, 2002), enquanto o autor se limita a contar somente o que as personagens fazem e falam.

Outra ferramenta determinante para construção de uma boa narrativa é, de acordo com Wolfe (2005), a descrição dos detalhes. É importante que o jornalista esteja, durante a apuração, alerta a tudo que acontece em sua volta, para então, levar esses elementos para o texto. Descrever minuciosamente as falas, os lugares, a indumentária das pessoas, e até mesmo amenidades como o clima e o horário, ajudam a fornecer ao leitor a sensação de pertencimento na história

O registro desses detalhes não é mero bordado em prosa. Ele se coloca junto ao centro de poder do realismo, assim como qualquer outro recurso da literatura. É a própria essência do poder de “atração” de Balzac, por exemplo. Balzac mal usava qualquer ponto de vista no sentido refinado em que Henry James usou mais tarde. E mesmo assim o leitor sai sentindo que esteve ainda mais completamente “dentro” dos personagens de Balzac que dos personagens de James. Por quê? Eis o que Balzac fazia sempre e sempre. Antes de apresentar o leitor a monsieur e madame Marneffè em pessoa (n’*A prima Bette*), ele o leva à sala dos dois e realiza uma autópsia social: “A mobília coberta de veludo de algodão desbotado, as estatuetas de gesso fingindo bronzes florentinos, o candelabro mal entalhado com seus anéis de vidro moldado, o tapete, uma pechincha cujo preço baixo se explicou tarde demais na quantidade de algodão que contém, agora visível a olho nu – tudo na sala, até as cortinas (que mostravam que a bela aparência de damasco de lã dura apenas três anos)”- tudo na sala começa a absorver o leitor para dentro da vida de um

casal de pés-rapados alpinistas sociais, Monsieur e Madame Marneffe. WOLFE, 2015, p. 55, grifos no original).

2.4 – O perfil jornalístico: o retrato de um momento

O autor Sérgio Vilas-Boas define o perfil como um texto biográfico de uma única pessoa que esteja viva, podendo ser famosa ou não, e destaca a diferença entre perfil e biografia. Para ele, “a biografia é uma composição detalhada de vários ‘textos’ biográficos (facetas, episódios, convivas, pertences, legados, o feito, o não feito, etc)”⁶, enquanto o perfil é o retrato de um momento que expressa a vida em seu contexto. Para Sodré e Ferrari (1986), perfil significa dar enfoque na pessoa, no protagonista de uma história e em sua própria vida. O icônico perfil “Frank Sinatra está resfriado” é um excelente exemplo, no qual Gay Talese acompanha, de longe, o cantor americano em um período que estava resfriado, registrando suas mudanças de humor, o tratamento com pessoas em sua volta e suas conversas, mantendo o tempo todo o foco no personagem de Sinatra.

Eu procuro seguir os objetos de minha reportagem de forma discreta, observando-os em situações reveladoras, atentando para suas reações e para as reações dos outros diante deles. Tento apreender a cena em sua inteireza, o diálogo e o clima, a tensão, o drama, o conflito, e então em geral escrevo do ponto de vista da pessoa retratada, às vezes revelando o que esses indivíduos pensam durante os momentos que descrevo. (TALESE, 2004, p.10)

Ao contrapor perfil e biografia, Herrscher (2012, p. 184) os diferencia também no âmbito do recorte no tempo. Para ele, os perfis são menos do que as biografias “porque não tomam a vida inteira. Não se detêm em cada episódio, cada segmento. Vão direto ao que tem importância de notícia, tem maior interesse humano o histórico e marca um encontro com um fato jornalístico relevante”.⁷

É importante ressaltar que a diferença entre perfil jornalístico e uma reportagem comum não é somente a estrutura do texto, mas a sensação que a leitura é capaz de proporcionar ao receptor. Nesse sentido, Vilas-Boas destaca, também, a importância do perfil para além do mero retrato de um personagem.

Os perfis cumprem um papel importante, que é exatamente gerar empatia no leitor. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações

⁶ Disponível em <http://www.sergiovilasboas.com.br/a-arte-do-perfil/> < Acesso em 23/09/17 >.

⁷ Tradução da autora: “porque no toman la vida entera. No se detienen en cada episodio en cada segmento. Van directo a lo que tiene importancia noticiosa, tiene mayor interés humano o histórico o marca un encuentro con hecho periodístico relevante”.

e circunstâncias do outro; compartilhar as alegrias e tristezas do outros; imaginar as situações do ponto de vista do outro. (BOAS, 2014) ⁸

Por se tratar do retrato de uma só pessoa, o primeiro passo a ser dado pelo autor para conceber um perfil é a escolha do personagem. Neste caso, ter uma história de vida não é o bastante. O personagem escolhido precisa, de acordo com Herrscher (2012), ter uma história que permita ser contada em um segmento narrativo que faça lógica, que seja interessante e representativo dentro do tema de interesse jornalístico. Então, o perfil significa enfoque na pessoa, que pode ser uma celebridade ou um tipo popular, mas “sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 126).

Porém, só a escolha de um bom personagem não basta. A entrevista que será feita tem um papel primordial na construção de um bom texto, o qual deverá refletir de forma cativante e realista o perfil, a vida de tal personagem. Para Herrscher (2012), o ideal é que aconteçam ao menos duas entrevistas, realizadas em dias diferentes. “Assim veremos o personagem se desenvolver em momentos distintos; todos nós temos nossos dias terríveis, e poucas pessoas desagradáveis podem sustentar uma máscara encantadora por muito tempo.” (HERRSCHER, 2012, p. 189) ⁹.

É de suma importância que o autor pesquise, observe, reflita, e esteja atento às linguagens do entrevistado.

Você tem de pesquisar os contextos socioculturais da pessoa; conversar com ela e com as pessoas de seu círculo de relacionamentos; movimentar-se com ela por locais diversos; tem de observar as linguagens verbais e não verbais. (BOAS, 2014) ¹⁰

O momento da entrevista torna-se importante também porque o texto literário ao qual corresponde faz uso dos mais diversos detalhes para compor o universo do personagem. O jornalista precisa estar atento a tudo, para que depois possa utilizar as ferramentas tratadas anteriormente: descrição, narração cena-a-cena, diálogo e foco narrativo. Diferentemente de uma entrevista comum, na entrevista para se escrever um perfil, o autor está a todo tempo recebendo e processando informações (HERRSCHER, 2012) que irá utilizar em seu texto.

⁸ Disponível em <http://www.sergiovilasboas.com.br/a-arte-do-perfil/> < Acesso em 23/09/17>.

⁹ Tradução da autora: “Así veremos al personaje desenvolverse en momentos distintos; todos tenemos nuestros días terribles, y pocas personas desagradables pueden sostener una máscara encantadora mucho tiempo.”

¹⁰ Disponível em <http://www.sergiovilasboas.com.br/a-arte-do-perfil/> < Acesso em 23/09/17>.

Para conferir o máximo de veracidade no que diz respeito à personalidade do personagem, o autor não deve jamais manipular as palavras, os gestos, os locais de encontro. É preciso que a pessoa perfilada esteja o mais natural possível, a fim de garantir seu retrato mais fiel. Boas (2003) enumera quatro itens que os jornalistas devem atentar: o espaço, o tempo, as circunstâncias e os relacionamentos.

O espaço, para ele, é o local onde acontecerá o encontro do jornalista com a personagem e pessoas de seu convívio. É ali que o jornalista pode ter uma percepção maior sobre o estilo de vida que seu personagem leva. No caso do tempo, Boas (2003) o divide entre o tempo lembrado (memórias e recordações) e o tempo vivido (o agora), sendo o que determina a trajetória do indivíduo. Já as circunstâncias envolvem o que não é ponderável, e que, caso afete a pesquisa e o diálogo, deve refletir também a consciência do autor sobre o que aconteceu nos bastidores. Por último, os relacionamentos são os fatores que trazem à tona as expressões verbais e não verbais intrínsecas do personagem.

Dessa forma, nenhum detalhe deve escapar aos sentidos do jornalista. Há um trabalho de imersão a ser realizado durante os dias em que estiver com seu personagem, tomando nota daquilo que diz sobre si, sobre os outros, do que diz também sobre os acontecimentos contemporâneos que o afetam e, por último, sobre o que os outros dizem do protagonista (*idem*). No trecho a seguir, Herrscher destaca a importância da observação como elemento de elaboração do texto propriamente dito, usando o perfil de Talese sobre Frank Sinatra:

As cenas que abrem e fecham *Frank Sinatra está resfriado* são modelos neste sentido: no jornalismo, longe das ferramentas literárias, o jornalista nem sequer pensaria que a cena de Sinatra no semáforo trocando olhares com a admiradora poderia entrar em seu texto. E muito menos como parágrafo final. Mas testemunhar, entender e contar uma cena como essa é entender, ver e construir o personagem. (HERRSCHER, 2012, p. 189, grifos no original)¹¹

Todos os elementos que compõem o momento da entrevista dão subsídios para que o texto seja escrito como deve ser, com todas as características do Jornalismo Literário. A observação minuciosa do jornalista é o que fará com que o texto seja repleto de detalhes, trazendo o leitor para dentro da vida de seu personagem.

¹¹ Tradução da autora: “Las escenas que abren y cierran *Frank Sinatra tiene gripe* son modélicas en esse sentido: en el periodismo informativo alejado de las herramientas literárias del narrativo, al periodista no se le ocurriría que la escena de Sinatra en el semáforo intercambiando miradas con la admiradora pudiera entrar en su texto. Y mucho menos como párrafi final. Pero presenciar, entender y contar una escena como esa es entender, <<ver>> y construirse el personaje”.

Nesse sentido, torna-se primordial também que o jornalista entreviste não somente seu personagem, mas pessoas do seu convívio, além de especialistas da mesma área de atuação do perfilado. Certamente tais depoimentos tornarão o perfil mais completo e certo. Deixar de entrevistar terceiros seria, de acordo com Herrscher (2012), contraproducente, pois, se queremos que alguém diga o quanto é bom e apenas o entrevistamos, o resultado será a vitória dos arrogantes, prepotentes e narcisistas, além da perda de virtudes e méritos daqueles que são modestos e sérios. Existem coisas que o personagem não dirá de si próprio, seja por serem boas ou ruins, por isso a importância do olhar de pessoas de fora.

3. POLÍTICA E PERSONALIZAÇÃO: DO PARTIDO AO CANDIDATO

Um dos aspectos fundamentais ao campo da política é a imagem pública de seus principais atores, tanto para os membros do poder Legislativo quanto do Executivo. A construção da imagem pública de um político pode resultar de uma série de estratégias, oriundas especificamente do campo eleitoral e da atuação nos devidos cargos aos quais está associado, tendo estas no marketing e na mídia os campos capazes de torná-la positiva ou negativa. Um das transformações fundamentais do campo da política nas três últimas décadas tem sido a crescente decisão de escolha de um candidato baseado não mais na identificação partidária, mas nos próprios candidatos. Ou seja, crescem em importância os candidatos e perdem importância os partidos.

A proposta deste capítulo é tratar, então, desse fenômeno, inclusive para avaliar como a imprensa tem responsabilidade sobre o fenômeno da personalização na política, que, para Leal e Vieira (2009, p. 42), teria tido seu marco inicial com a eleição de Ronald Reagan para a presidência dos Estados Unidos, em 1980.

3.1 – Conceitos e definições

No centro das discussões sobre a política contemporânea está a comunicação política. São diversos estudos que, hoje, tentam entender como os eleitores recebem as mensagens políticas, como eles as processam e o modo pelo qual as campanhas eleitorais corroboram com o debate público. Tais campanhas estão cumprindo seu papel informativo? Qual aspecto é mais valorizado, o partidário ou pessoal do político em questão? Há uma personalização da figura do candidato? O fator que tangencia todo esse processo está na tendência da “valorização da figura do candidato em detrimento de partido político” (WATTENBERG; POPKIN *apud* LEAL; VIEIRA, 2009, p.42).

A tendência da sociedade contemporânea tem sido, com o passar dos anos, de se identificar cada vez menos com o sistema de partidos e, por conseguinte, aumentar a identificação com as pessoas que representam esses partidos, ou seja, a política tem deixado de ser construída através de partidos para ser baseada em personagens

Em praticamente todo o mundo, a importância crescente do voto personalizado, associada ao declínio da identificação partidária e ao processo de desalinhamento do eleitorado, demarcaram, na análise política atual, a prevalência dos fatores de curto prazo como determinantes do voto. (LEAL *apud* LEAL; VIEIRA, 2009, p. 42).

Falando sobre o processo de personalização na política surge, de acordo com Leal e Vieira (2009), o autor Martin Wattenberg com seus estudos sobre o tema, após um período de decadência de outras duas teorias sobre a decisão de voto. A primeira trata-se da tese da Escola de Columbia, que acreditava que a “associação entre indicadores sócio-demográficos e preferências eleitorais indicava haver variáveis estruturais como elementos condicionadores do voto” (LEAL; VIEIRA, p. 42, 2009). A segunda teoria é a da Escola de Michigan, a partir da qual a identificação partidária foi introduzida como “elemento explicativo do processo decisório” (*idem*).

A partir daí, de acordo com Leal e Vieira (2009), surge uma outra linha de pensamento com autores como Wattenberg, que descrevem a ascensão da política centrada nos candidatos

Com base numa descrição do percurso histórico das teorias sobre o voto, desde a aproximação sociológica, passando pelo cálculo do comportamento individual (teorias psicológicas), até chegar à perspectiva econômica, Wattenberg designa a contemporaneidade como ‘era da política centrada nos candidatos’. Nela, haveria prevalência das considerações de curto prazo – sobretudo econômicas – como fatores de decisão eleitoral. (LEAL; VIEIRA; p. 42, 2009).

Frederico Ferreira da Silva (2010) fala sobre a crescente personalização da política, e apresenta resumo de diversas obras sobre o tema, porém com abordagens diferentes. Para Silva, perspectivas muito restritas aos contextos analíticos, as abordagens, metodologias, resultam em teorias contraditórias no que diz respeito à existência de uma tendência à personalização (2010, p. 471).

Ao analisar as obras de Poguntke e Webb, Silva (*idem*) conclui que, para os referidos autores, “nos regimes presidencializados os líderes dispõem de uma maior autonomia e de mais recursos de poder, assistindo-se a uma personalização do processo eleitoral.” (SILVA, 2010, p. 471). Além disso, grande parte dos teóricos analisados por Silva levanta uma questão acerca do papel da mídia nesse chamado processo de “personalização”

Vários autores destacam o caráter funcional da personalização da política à própria natureza dos meios de comunicação social, particularmente à televisão. As campanhas eleitorais e a cobertura mediática tornaram-se mais personalizadas, com os líderes a evidenciarem-se como a face visível dos partidos, permitindo uma abordagem mais individualizada dos conteúdos informativos em entidades concretas – líderes- e não abstratas- partidos. (SILVA, 2010, p. 474).

Leal e Vieira também abordam o papel da mídia em seu artigo e, para eles, ocorre um processo de “americanização das campanhas” (2009, p. 43) onde há uma “centralidade crescente dos meios de comunicação de massa como espaço privilegiado para a definição da disputa eleitoral” (*idem*). E explicam, de acordo com Alessandra Aldé, que o papel desempenhado pelos partidos políticos tem influência direta no redirecionamento do espaço público para os meios de comunicação: “os partidos parecem ter perdido o monopólio do espaço público da política para os meios de comunicação, que crescem em importância, tornando-se os canais de informação política mais importantes e universalmente acessíveis” (ALDÉ *apud* LEAL; VIEIRA, 2009, p. 43).

Wattenberg (*apud* LEAL; VIEIRA, 2009, p. 42) diz em suas obras que o eleitor contemporâneo, não predeterminado por variáveis sócio-demográficas ou por predisposições partidárias, é capaz de julgar seus interesses no momento da decisão do voto e, esse fator, em conjunto com a diminuição do controle partidário sobre as candidaturas e o crescimento das taxas de instabilidade com o papel decisivo da mídia como arena de disputa política, é o que favorece o personalismo. E segue elegendo dois fenômenos cruciais para a ascensão da figura do candidato:

De acordo com o pesquisador norte-americano, dois fenômenos são cruciais para compreender a ascensão da figura do candidato – a desagregação eleitoral e a decomposição partidária – e espelham o declínio da fidelidade do eleitor ao partido, da identificação partidária e da imagem dos partidos. Segundo ele, quando a opinião pública tende à neutralidade sobre os partidos, é o candidato quem polariza o debate. (WATTENBERG *apud* LEAL; VIEIRA, 2009, p. 42).

Ao analisar o caso norte-americano, Wattenberg diz que os fatores que levaram o eixo a ser deslocado para as qualidades dos candidatos, foram também o crescimento da disputa interna nos partidos e a falta de uma unidade partidária (LEAL; VIEIRA, 2009). Ainda que a análise de Wattenberg tenha sido feita a partir do cenário político dos Estados Unidos, é possível perceber que há uma forte semelhança com o atual panorama da política brasileira. Não raro são veiculadas notícias sobre disputas internas e até mesmo divisões dentro dos próprios partidos, fato que sem dúvida impulsiona a personalização também dos políticos brasileiros. No que diz respeito aos elementos que se destacam nesses políticos, os que mais se evidenciam são “Competência, integridade, capacidade de decisão, carisma e atributos pessoais (aparência, idade, religião e saúde, entre outros fatores) preencheram o espaço deixado vago pela discussão política.” (LEAL; VIEIRA, 2009, p. 42).

Estudando Samuel Popkin, outro autor americano, Leal e Vieira apontam também uma outra visão sobre o pensamento do eleitor. Para Popkin, o cidadão não tem incentivos para buscar informações sobre política, por isso todos os dados com os quais trabalham “são subprodutos de informações advindas de outras atividades – pessoais ou econômicas. As informações que se usa para o cálculo político são frutos de impressões geradas em outros campos da vida cotidiana.” (POPKIN *apud* LEAL;VIEIRA, 2009, p. 43).

Nesse sentido as campanhas eleitorais têm o objetivo de, para Popkin, agir como atalho para eliminar custos de acesso à informação sobre questões políticas e, assim, custurar retalhos de informações que estavam dispersas. Dessa forma, o eleitor se torna capaz de conectar essas informações novas a informações que já tinham (LEAL; VIEIRA, 2009, p. 43). Assim, os autores conseguem concluir sobre as condições que levaram à consagração do personalismo como algo decisivo na política:

O personalismo na política decorre dessa lógica: a ênfase na escolha de pessoas, no lugar de partidos ou de programas políticos, pode ser explicada pelo fato de o personalismo ser um critério mais econômico, pois aproxima informações novas aos estereótipos já existentes. Focando personalidades, e não ideias ou ideologias, as comparações para o eleitor mediado são mais óbvias e fáceis. (LEAL; VIEIRA, 2009, p. 43).

Ainda no que diz respeito à comunicação, Leal e Vieira (2009) elegem a televisão como a maior difusora de informações no Brasil e dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística reforçam esse panorama: de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2015, divulgada pelo IBGE, 97,1% dos domicílios brasileiros possuem aparelho de televisão¹², o que representa um total de 66.091 milhões de lares com acesso à informação por esse meio. Logo, podemos levar em conta que isso sugere que “os programas televisivos dos partidos, em período eleitoral, constituem objeto privilegiado para identificação das estratégias centrais das candidaturas.” (LEAL; VIEIRA, 2009, p. 44).

Tais programas televisivos dos partidos são exibidos, principalmente, durante o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE), que teve início em 1962, durante a ditadura militar. De acordo com a Lei 4.115, as emissoras de rádio e televisão eram obrigadas a reservar um espaço de duas horas para a propaganda eleitoral gratuita nos 60

¹² Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99054.pdf> <Acesso em: 06/11/2017>.

dias anteriores às 48 horas da realização do pleito¹³. Uma de suas características principais é o tempo que cada partido tem na televisão, que é deliberado a partir do tamanho da sua base parlamentar no Congresso Nacional (GROHMANN, 2009). Além disso, os programas eleitorais brasileiros são formados por três itens “campanha (exaltação do candidato, dos temas, das propostas e ataque aos adversários), vinhetas e clipes e andamento das atividades políticas e do envolvimento dos eleitores com a campanha política.” (ALBUQUERQUE; DIAS *apud* GROHMANN, 2009, p. 24).

Tomando o HPGE como um dos meios de comunicação política mais importante no Brasil, vamos contextualizar o modo como se deu o caráter da personalização de dois políticos selecionados, durante suas campanhas. Como o atual governador de São Paulo, Geraldo Alckmin e o ex-governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral se apresentaram aos eleitores durante o período eleitoral, principalmente em seus programas exibidos no HPGE.

3.2 – Geraldo Alckmin: o político firme, trabalhador, mas de hábitos simples

Antes de entrar para a política, o atual governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, formou-se em medicina pela Universidade de Taubaté. Sua trajetória na carreira política teve início no ano de 1972, como vereador na cidade paulista de Pindamonhangaba - onde nasceu - e, quatro anos depois, foi eleito prefeito¹⁴. Em seu site oficial, encontra-se toda a biografia do político e atualmente, Alckmin está envolvido em disputas internas em seu partido, o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), para representar o PSDB nas eleições para a Presidência da República.

Na biografia de seu site, o texto ressalta primeiro, características pessoais do governador, ao invés de informações sobre suas habilidades administrativas como gestor público. Todo o foco está voltado para pessoa de Geraldo, no sentido mais íntimo da palavra, como, por exemplo, neste trecho, que cita informações pessoais como religião, casamento, família, etc:

Alckmin é uma pessoa de hábitos simples. Católico, herdou de seu pai sua confiança nos valores humanos e religiosos. É um homem dedicado ao bem comum. Desde cedo, dividia seu tempo entre a faculdade de Medicina e a vida pública. Como prefeito, ao fim do expediente e aos fins de semana, atuava como anestesista nos postos de saúde e no hospital da cidade.¹⁵

¹³ Disponível em <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/horario-gratuito-de-propaganda-eleitoral-hgpe> <Acesso em: 06/11/2017>.

¹⁴ Disponível em <http://geraldoalckmin.com.br/#sobre>. < Acesso em 07/11/2017>.

¹⁵ *Idem*

Ao falar sobre o papel de Alckmin como governador, a biografia traz alguns fatos mais recentes, colocando-os como obstáculos que foram superados pelo governador. Além disso, seu partido não é citado nenhuma vez no texto, imprimindo um gênero ainda mais pessoal

Quatro vezes governador de São Paulo, iniciou um ciclo de desenvolvimento que faz do Estado um modelo para o país.

Em 2014, enfrentou a maior crise hídrica da história paulista. Com um programa de recuperação de nascentes, transposições e investimentos em tecnologia, fez com que o Estado superasse a maior seca dos últimos 100 anos. [...]

O combate à violência também é exemplar. Entre 2005 e 2015, a taxa de homicídios em São Paulo caiu de 21,9 para 12,2 casos a cada 100 mil habitantes – a maior redução já registrada [...].¹⁶

Quando encerrado seu mandato como prefeito de Pindamonhangaba, Alckmin foi eleito Deputado Estadual em 1982 e, quatro anos depois, em 1986 se elegeu Deputado Federal, cargo no qual permaneceu até 1994, quando se tornou vice-governador do estado de São Paulo na chapa de Mario Covas. Após a morte de Covas em 2001, assumiu o governo do estado e foi reeleito em 2002. Quatro anos depois, foi escolhido como candidato à Presidência da República pelo PSDB, mas foi vencido no segundo turno por Luis Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), que se reelegeu. Nas eleições seguintes, em 2010, foi novamente escolhido governador de São Paulo e reeleito em 2014¹⁷ no primeiro turno com 57,31% dos votos, o que representa 12.230.320 milhões de eleitores que optaram pelo candidato tucano¹⁸.

No ano em que foi reeleito, o PSDB dispôs de cinco minutos no HPGE, o maior espaço dentre os partidos elegíveis e os programas tiveram início no dia 20 de agosto. O de Alckmin começa com uma locução em *off* evidenciando as características positivas do estado, como maior produção do país, maior efetivo de policiais, melhor índice de qualidade de vida do Brasil, entre outras¹⁹. Em nenhum momento se vê qualquer símbolo ou se ouve qualquer fala sobre seu partido, o PSDB. Logo em seguida, a locução continua, mostrando imagens do início da vida e da carreira política do candidato; a primeira fala

¹⁶ Disponível em <http://geraldoalckmin.com.br/#sobre>. < Acesso em 07/11/2017>.

¹⁷ *Idem*

¹⁸ Disponível em <https://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/10/05/alckmin-e-reeleito-e-garante-6-mandato-consecutivo-do-psdb-em-sp.htm> < Acesso em: 07/11/2017>.

¹⁹ Transcrição da autora. Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=afkCL4ThW34> < Acesso em: 07/11/2017>.

sobre sua pessoa é “Ninguém vira governador do maior estado do Brasil da noite para o dia. Trata-se de uma caminhada.”²⁰, e segue fazendo um breve resumo de sua vida, iniciando na época da faculdade de medicina, porém, com comentários que evidenciam certa postura de trabalhador, como “sempre trabalhando por São Paulo.”²¹.

Na primeira vez em que aparece falando no vídeo, Geraldo Alckmin dá continuidade à narrativa de sua história, contando sobre a época em que foi vice-governador de Mario Covas, dando destaque para a suposta boa gestão de seu antecessor “Foi quando recebi o convite para ser vice do saudoso Mario Covas. Acompanhei de perto sua luta em benefício da população de São Paulo e o drama da sua doença. Com a morte de Covas, assumi o compromisso de dar continuidade a esse trabalho.” (ALCKMIN, 2014)²². O vídeo segue, então, enaltecendo todas as obras e avanços que o estado teve durante a gestão de Alckmin. Sua última fala no vídeo diz respeito aos programas seguintes, nos quais, acordo com ele, os eleitores irão conhecer melhor suas propostas e encerra usufruindo o fato de já ser conhecido pela população paulista “Porque se eu conheço São Paulo, São Paulo também me conhece” (*idem*).

Após 25 dias de programas no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, a estratégia empregada pela equipe do governador no episódio exibido em 15 de setembro, é salientar a graduação em medicina do candidato. Em seu canal oficial no *YouTube*, o vídeo traz o título de “O Médico. O Governador”²³, e tem início com o próprio Geraldo Alckmin falando sobre a medicina, dando detalhes sobre sua formatura e trazendo para dentro da narrativa o juramento de conclusão curso. A fala dura aproximadamente 1 minuto e 09 segundos

Como todo aluno que se forma em Medicina, eu também fiz o famoso juramento do médico. O juramento todo é muito bonito, mas a parte que sempre levei comigo, foi a primeira linha do texto que diz assim: `prometo solenemente consagrar a minha vida ao serviço da humanidade`. Apesar do destino ter me conduzido a exercer funções de homem público, o juramento que fiz como médico passou a ser um ensinamento de vida e uma verdadeira regra de comportamento. Se como médico honrar o juramento significava cuidar da saúde de centenas, como governador de São Paulo, a responsabilidade aumentou [...] (ALCKMIN, 2014)²⁴

²⁰ Transcrição da autora. Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=afkCL4ThW34> <Acesso em: 07/11/2017>.

²¹ *Idem*

²² *Idem*

²³ Transcrição da autora. Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wraIY6Xatgo> <Acesso em: 08/11/17>.

²⁴ *Idem*

A seguir, o locutor que discorre, entre as imagens de diversos hospitais públicos, sobre os diversos projetos e realizações na área da saúde durante o governo de Alckmin. É como se a fala anterior do candidato viesse para validar todo o discurso sobre a importância do investimento na saúde pública que vem a seguir “Com Geraldo Alckmin, a rede Lucy Montoro de Reabilitação, chegou a 17 unidades, sendo ampliada para cidades como São José do Rio Preto, São José dos Campos, Mogi-Mirim, Fernandópolis [...]. E nos próximos quatro anos, Alckmin vai fazer mais 10 novas unidades [...]”²⁵. Novamente seu partido, o PSDB, não é citado no vídeo.

Já no dia 5 de setembro, o início do programa eleitoral de Alckmin traz um elemento diferente. Um homem não identificado pelo vídeo fala diretamente ao adversário mais forte de Alckmin, Paulo Skaf, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Tal homem dá uma aparente resposta a um suposto sentimento de raiva e agressividade de Skaf, dizendo que o que foi dito ali (em programas anteriores, provavelmente) é verdade, e que não há motivos para revolta. É interessante perceber que neste dia, quando há um confronto direto entre os candidatos, a imagem de Alckmin não aparece em momento algum no vídeo. A estratégia dessa vez foi blindar a imagem do governador, colocando uma pessoa totalmente desconhecida para falar por ele, e escolheram para isso um homem negro, de meia-idade, com tom voz grave e fala firme, porém educado, que encerra o discurso exaltando a figura de um Alckmin educado, sereno e firme, mas que não se faz presente “Geraldo Alckmin é um bom exemplo de que é possível ser firme sem abrir mão da educação e da serenidade. Os tempos do discurso raivoso, do tom agressivo, do ‘eu’, ‘eu’, ‘eu’, ficaram lá pra trás candidato Skaf. Em São Paulo é pra frente que se anda.”²⁶.

3.3 – Sérgio Cabral: ao som do samba, o carioca que ama o Rio

O ex-governador do estado do Rio de Janeiro nasceu e cresceu em meio a política brasileira. O pai de Sérgio de Oliveira Cabral dos Santos Filho, o Sérgio Cabral, é um jornalista conhecido da cena carioca e que chegou a ser preso pelo governo na época da ditadura, além de ter sido vereador da cidade do Rio de Janeiro durante 10 anos.

²⁵ Transcrição da autora. Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wralY6Xatgo> <Acesso em: 08/11/17>.

²⁶ *Idem*

Em novembro de 2016, Cabral foi preso durante a operação Calicute, um dos desdobramentos da operação Lava-Jato, acusado de fraudar diversas licitações e desviar milhões de reais de obras no estado. Atualmente está preso no Complexo de Benfica, na Zona Norte do Rio de Janeiro, e responde a 12 processos na justiça. Seu site oficial está fora do ar e a *fan page* no Facebook com o nome de “Apoio a Sérgio Cabral”, é dedicada a relembrar o período em que esteve ativo no governo de forma que todas as postagens são relativas às benesses realizadas em sua gestão.

Nascido em Engenho Novo, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, Cabral teve uma extensa passagem pela política brasileira antes de ser preso: aos 28 anos, em 1990, foi eleito deputado estadual pelo PSDB, cargo no qual foi reeleito. Durante esse período Cabral foi presidente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ). Em 2002 foi eleito senador pelo PMDB, e permaneceu na cadeira até 2006. Neste ano, foi eleito governador do estado e reeleito em 2010 na chapa que tinha como vice, o agora governador Luiz Fernando Pezão. Envolvido em inúmeros escândalos de corrupção, Sérgio Cabral renunciou o cargo de governador em abril de 2014, deixando Pezão no comando do governo do estado.

Durante a campanha para ser reeleito em 2010, o candidato dispôs de oito minutos e trinta segundos no HPGE, que teve início no dia 17 de agosto. A primeira aparição de Cabral acontece logo no início do primeiro programa, onde o candidato está em um carro em movimento pelas ruas do Rio de Janeiro, ora olhando a paisagem da cidade e ora olhando para um provável entrevistador, Cabral fala de maneira serena e um tanto quanto emotiva sobre suas paixões: a cidade, seus pais, esposa e filhos

Eu sou um carioca, que ama o Rio, que foi educado por duas pessoas muito generosas, o Cabral e a Magali. Tenho uma família maravilhosa. Sou apaixonado pela minha mulher, apaixonado pelos meus filhos, apaixonado pela vida pública, e quero dar a minha contribuição. (FILHO, 2010)²⁷.

Logo em seguida, quem aparece no vídeo é o então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, dando uma breve declaração sobre a certeza de uma excelente aliança entre governo federal e estadual. Vale ressaltar que Lula foi o presidente com maior índice de aprovação da história do país, e na época, apoiava a eleição de Dilma Roussef como sua sucessora. Trazer Lula logo no primeiro programa denotou uma aprovação do presidente em relação a Sérgio Cabral, já que sua fala revelava apoio ao governador “Lá no Rio de

²⁷ Transcrição da autora. Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Zkn67xW0llc> <Acesso em: 09/11/17>

Janeiro eu disse para o Sérgio Cabral: Olha, Sérgio eu estou convencido que eu e você poderemos construir juntos a maior aliança política que um presidente da república já fez com o governo do Rio de Janeiro.” (SILVA, 2010) ²⁸.

Uma característica em comum de todos os programas é a trilha sonora; sempre há um samba tocando em alguma parte do programa, remetendo ao estilo musical mais apreciado pelos cariocas, tanto que a cidade é popularmente conhecida como “berço do samba”. Esses sons tipicamente cariocas dão um tom de pertencimento de Cabral ao estado do Rio e suas particularidades, aproximando-o do público.

Ainda no primeiro programa, Cabral fala do caráter de renovação de seu último mandato, salientando a implantação de medidas como as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), Bilhete Único, Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) das Comunidades, Unidades de Pronto Atendimento 24 horas, entre outros. Já o quarto programa a ir ao ar no HPGE, foi dedicado quase exclusivamente a mostrar os benefícios e mudanças alcançados com o Bilhete Único, um programa que permite que a população da Região Metropolitana do Rio de Janeiro utilize duas conduções pagando apenas uma passagem ²⁹. O nome do programa, disponibilizado no perfil oficial de Cabral no *YouTube*, tem o título “Governar para Todos” e mostra em alguns cortes, o ex-governador discursando sobre seu governo para a população comum. A condição de um homem popular, acessível e generoso é reforçada em todos esses aspectos, mas principalmente, em uma nova fala de Lula sobre Cabral

Ninguém trata com a alma que o Sérgio trata as pessoas, sabe? Porque tem uma coisa diferente no ser humano, é um olhar fraterno, é o olhar generoso, sabe? É a pessoa trabalhar um pouco com o coração. O Sérgio é pura emoção. O Sérgio parece durão, mas eu já vi ele lacrimejar os olhos muitas vezes falando do povo do Rio de Janeiro. Eu acho que o povo precisa de gente assim. (SILVA, 2010) ³⁰.

Assim como nos programas de Alckmin, as propagandas eleitorais de Sérgio Cabral, também não falam sobre seu partido, o PMDB, em momento algum. Não há nos vídeos qualquer referência partidária a não ser o número da legenda, o que corrobora com a tese de Leal e Vieira sobre a personalização na política. Há aí uma ênfase na figura dos políticos em detrimento de seus partidos: características pessoais são milimetricamente e

²⁸ Transcrição da autora. Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Zkn67xW0llc> <Acesso em: 09/11/17>

²⁹ Transcrição da autora. Vídeo disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ygFYGmLL_JU <Acesso em: 10/11/17>.

³⁰ *Idem*

discretamente exploradas, a fim de atingir o público por um viés não só pragmático, mas também emocional. Fica nítida a tentativa dessas propagandas de construir uma imagem, no caso de Geraldo Alckmin, de homem correto, justo, sereno e firme. E, no caso de Cabral, as mesmas colaboram para a formação da imagem de um político experiente, chefe de família, acessível ao povo, emotivo e apaixonado pela vida pública.

4. ANÁLISE DOS PERFIS

Como falado anteriormente, o intuito dessa pesquisa é entender de que modo os perfis de políticos brasileiros realizados pela revista *piauí* podem colaborar, ou não, com a imagem de tal pessoa. Queremos aqui descobrir se esses perfis influenciam ou não no imaginário social a respeito desses políticos. Estaria o perfil colaborando ou prejudicando a imagem que os políticos querem passar para a sociedade brasileira? Dessa forma, trataremos neste capítulo, da história da revista, sua linha editorial, apuração, e, em seguida, a análise dos perfis de políticos que já foram publicados, a fim de identificar elementos que corroboram, ou não, com a criação da figura desses personagens no imaginário do leitor.

4.1- *Piauí*: uma revista “inútil”

Idealizada pelo cineasta e economista João Moreira Salles, a revista *piauí* chegou às bancas pela primeira vez em outubro de 2006. A motivação de Salles para implementar tal projeto, veio de sua insatisfação com o jornalismo factual. Em entrevista ao projeto “Sempre um Papo”, exibido pela TV Câmara em 2007, Salles conta sobre a origem da ideia da *piauí*, que advém a partir de um sentimento de abandono do próprio como leitor: para ele faltava no mercado uma revista que se preocupasse mais com a forma e que fosse surpreendente (2007) “Eu queria que ela fosse inútil. No sentido de que você lê e a razão se esgota aí. Você não lê para melhorar sua vida, para aprender a ganhar dinheiro, como educar seu filho [...]” (SALLES, 2007)³¹.

Para o cineasta, é difícil definir a linha editorial da *piauí*.

É uma revista muito anárquica, no sentido que ela tem um pouco de tudo. Quer dizer, você abre um número e tem um perfil sério de um empresário, e você tem ao mesmo tempo quatro páginas dedicadas a um país que não existe [...]. É uma revista muito difícil de ser definida em uma frase. E é um pouco a característica dela, é uma revista muito variada, de assuntos muito, muito díspares. Eu acho muito difícil você abrir a *piauí* e não encontrar alguma coisa que te divirta, mas ao mesmo tempo acho muito difícil você abrir a *piauí* e se divertir com tudo [...]. (SALLES, 2007)³²

³¹ Transcrição da autora. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8V5QnHAImo> <Acesso em: 26/10/17>.

³² *Idem*

Mais tarde, em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, Moreira Salles definiu o conceito editorial da revista em “Informação, conceito e forma” (SALLES, 2010)³³. Os textos encontrados na revista carregam diversos elementos do Jornalismo Literário, mas, ainda assim, João Moreira Salles prefere, ao tentar definir o estilo da publicação, usar o termo “Jornalismo Narrativo”, pois “é pouca a diferença entre a reportagem e o documentário, e aí é uma área que eu conheço” (2007)³⁴. O que difere a *piauí* das demais revistas não são os temas, que continuam os mesmos, mas sim, a forma como as reportagens são apresentadas ao leitor, sem a estrutura pré-definida de *lead* e *sub-lead*, mas com algo que proporciona uma imersão profunda e um olhar do ângulo mais inimaginável. “[...] é uma revista que foi criada para ser bem escrita, mas não no sentido da Academia Brasileira de Letras, mas no sentido de ser surpreendente para o leitor [...] a ideia é que as coisas sejam memoráveis [...]” (SALLES, 2007)³⁵.

“Você lê pra se divertir, você lê porque é bem escrito, você lê porque tá de saco cheio de mais um Renan, você tá de saco cheio de tudo isso. E você vai ler uma revista que, ainda que continue a falar do Brasil, ainda que discuta o Brasil, discute de outra maneira. Ela não é tão irritada, ela não é vociferante. Ela é mais debochada, mais divertida. E você lê como você vai ao cinema, ou como você lê um bom livro... ela tem algo que se esgota em si mesma, e eu acho isso bacana”. (SALLES, 2007)³⁶.

O conteúdo produzido pelos jornalistas da revista caracteriza-se, principalmente, pela riqueza de detalhes. No geral, as matérias ocupam mais de três páginas, onde o repórter explora todos os aspectos a cerca de seu tema, esmiuçando desde o cenário onde ocorreram as entrevistas, até a maneira de se comportar do entrevistado e sua indumentária, proporcionando ao leitor uma imersão completa aos fatos e à leitura.

Para que a escrita das reportagens possa ser feita com tamanha riqueza e detalhamento, é necessário que o repórter mergulhe em sua pauta. As entrevistas podem ser feitas durante dias e em diferentes locais do mundo, o importante é que a história seja contada como deve, não importando o tempo de apuração. Outra característica peculiar da publicação é que não há reunião de pautas na redação. Geralmente, o repórter sugere sua pauta para o editor que aprova ou não o tema, mas não há rigurosidade com a escolha, o

³³ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2010/07/774936-leia-entrevista-com-o-cineasta-joao-moreira-salles-publisher-da-piaui.shtml> <Acesso em: 28/10/17>.

³⁴ Transcrição da autora. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8V5QnHALmo> <Acesso em: 26/10/17>.

³⁵ *Idem*

³⁶ *Idem*

repórter tem liberdade de sugerir a pauta que achar pertinente, desde que essa tenha alguma relevância na sociedade brasileira.

No que tange às especificações técnicas e físicas, a revista é impressa pela gráfica Abril e distribuída pela Total Publicações. De acordo com o Média Kit ³⁷ da publicação, a *piauí* é a única revista a utilizar papel pólen para impressão, “desenvolvido pela Suzano e pela Cia. das Letras para tornar a leitura mais confortável” (2007) ³⁸. Digitalmente, todo conteúdo produzido pela revista é publicado nas plataformas da *Folha de S. Paulo*, desde 2017.

4.2 – As imagens políticas que os discursos constroem

A análise dos perfis de Geraldo Alckmin e Sérgio Cabral, publicados pela revista *piauí*, será realizada em dois momentos. O primeiro trata-se de uma nuvem de palavras onde teremos uma visão geral das palavras mais utilizadas na composição dos textos, e a partir daí, verificar quantas e quais palavras e adjetivos caracterizam os perfilados e, se tal caracterização reforça ou não a personalização criada durante o período eleitoral.

Num segundo momento, a análise será qualitativa. A partir dos elementos utilizados pelos jornalistas na construção dos textos, veremos quantas e quais ferramentas do jornalismo literário, apontadas no capítulo 2, são utilizadas e, novamente, se essa estruturação valida ou não a imagem dos candidatos exposta no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral.

4.2.1 – Nuvem de Palavras: Geraldo Alckmin

O perfil do atual governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, foi publicado em dezembro de 2014 na edição número 99 da revista *piauí*. Entre ilustrações e publicidade, o texto soma 10 páginas na revista impressa. São aproximadamente 11. 277 palavras que compõem o perfil intitulado “O PAULISTA GE-RAL-DO” escrito pela jornalista Julia Duailibi (anexo 1).

Ao ter o texto do perfil copiado na plataforma digital *Wordclouds* (site que gera uma nuvem com as palavras mais utilizadas no texto, destacando as de maior frequência), temos a figura 1. Como pode se observar, no destaque encontramos palavras como “governador”, “Paulo”, “paulista”, “eleição” e “campanha”. Porém, algumas chamam atenção por carregarem um significado importante no que diz respeito à pessoa de

³⁷ Disponível em <http://piaui.folha.uol.com.br/anuncie/> <Acesso em: 28/10/17>.

³⁸ *Idem*

1963. Papai foi pai, mãe, padrinho e parteiro.” Ele tinha 9 anos quando Myriam Penteadro Rodrigues Alckmin morreu de complicações decorrentes de uma bronquite asmática. Para criá-lo, Geraldo pai contou com a ajuda das duas filhas mais velhas [...]. (DUAILIBI, 2014, p. 25).

O perfil segue exibindo a imagem de um Geraldo Alckmin extremamente ligado ao catolicismo e valores morais. Duailibi cita, inclusive, a ligação de seus familiares com a *Opus Dei*⁴⁰ e a forma como esse fato foi explorado de maneira negativa por políticos oponentes, demonstrando que nem sempre a religião - dos aspectos apontados por Leal e Vieira como sendo de destaque na personalização - é vista com bons olhos, tanto na sociedade como na política.

Quando deixou Pindamonhangaba para morar em São Paulo, a prima Maria Lucia, filha de Zeca, lhe indicou como confessor o padre português José Teixeira, também da Opus Dei. Em 2005, Teixeira convidou Alckmin para participar de grupos de estudo do Evangelho, formado por pessoas ligadas à Obra. Algumas reuniões ocorreram na ala residencial do Palácio dos Bandeirantes. “Fizemos três ou quatro círculos, muito bons. Não tem pauta. Você pega um texto evangélico e comenta. E tira as conclusões do texto”, contou Alckmin sobre os encontros.

Assim que as reuniões vieram à tona, na campanha presidencial de 2006, ele parou de frequentar a turma. Hoje, diz que tem apreço pela Obra. “Tenho grande admiração pela Opus Dei e respeito imensamente quem faz parte dela. Tenho enorme respeito. Aliás, o monsenhor Escrivá é santo da Igreja Católica.”, observou. (DUAILIBI, 2014, p. 27)

Outro aspecto da vida do governador abordado no perfil é sua relação com o PSDB. Alckmin consta como um dos fundadores do partido, porém, tal circunstância não impediu que ele colecionasse algumas inimizades entre os tucanos. Na disputa interna por candidaturas, José Serra e Alckmin não disfarçam a competição. Enquanto no programa eleitoral do governador paulista, um dos únicos símbolos que remetiam ao partido era o número “45” da legenda, a ligação com o PSDB foi bastante explorada no texto de Duailibi

Após perder a eleição presidencial, o tucano resolveu se candidatar a prefeito em 2008. Mais uma vez se chocava com José Serra, que apoiava a reeleição de Gilberto Kassab, então na prefeitura. “Foi um problema, porque o PSDB vinha participando com o Kassab no governo. Toda a prefeitura era nossa. Como você vai virar oposição?”, perguntou o ex-governador Alberto Goldman, velho aliado de Serra, em sua sala no comitê de Aécio, em agosto. “Estive várias vezes com o Alckmin para tentar demovê-lo. Ele dizia que gostaria de ser prefeito, porque o prefeito está mais próximo do povo. Eu, o Aloysio e o Serra chegamos a dizer que ele poderia ser o candidato ao governo do estado. Mas ele manteve a posição. E aí não teve jeito.” Boicotado pela máquina tucana controlada

⁴⁰ Movimento conservador da Igreja Católica, criado em 1928

por Serra, Alckmin sequer passou para o segundo turno. Saiu da campanha com a imagem de Quixote. (DUAILIBI, 2014, p. 24)

Ainda a respeito do trecho acima, torna-se visível a abordagem completa da vida de Alckmin por parte da jornalista. Sua família, história, amizades, sua vida pública, tudo isso é apurado e publicado pela *piauí*. Fazendo um contraponto perante a superficialidade com que a imagem de Alckmin foi mostrada na propaganda eleitoral, o perfil mostra ao público outros aspectos desse personagem que não são mostrados pela mídia tradicional.

Ademais, o trecho citado acima é o oposto do que foi apresentado no programa eleitoral de Alckmin no dia 5 de setembro, onde há uma tentativa de construir no imaginário social uma figura de homem sereno e educado, mas que nesta disputa com Serra e Aécio Neves, abordada no perfil, cai por terra. Alckmin pode, ora parecer firme em suas decisões, porém não é tão sereno ao ponto de evitar desafetos dentro de seu próprio partido. E, além disso, tal firmeza é colocada em cheque na fala do ex-secretário de Segurança Pública de São Paulo, Antonio Ferreira Pinto, que em entrevista a Julia Dualibi (2014) usa os adjetivos “frouxo” e “titubeante” ao falar do governador “Ele decide basicamente por decurso de prazo. Se preocupa muito em não passar uma imagem repressora. Acaba abrindo mão da autoridade e daí ocorrem os excessos ou omissões” (PINTO *apud* DUAILIBI, 2014, p. 27). Neste ponto, um dos elementos apontados por Leal e Vieira como destaque da figura política e construção da personalização, a “capacidade de decisão”, também vai na contramão do que foi apontado nos programas do HPGE.

No que diz respeito à integridade de Alckmin, durante os programas de propaganda eleitoral, há a tentativa de criar um retrato de homem íntegro através de sua história pessoal: a medicina, a ligação com a família, as promessas eleitorais que cumpriu, além das melhorias que implantou no estado de São Paulo. Porém no perfil da *piauí*, percebe-se que há um esforço por parte do próprio Alckmin, em transparecer ser não só íntegro, como humilde:

Após um compromisso de campanha, no final de julho, Alckmin resolveu tomar um café no Centro de Artur Alvim, bairro da Zona Leste. Parou no boteco escuro de um chinês. O deputado José Aníbal, vendo uma padaria grande e iluminada do outro lado da rua, insistiu para que fossem para lá: “Tem um empadão...” O governador olhou para mim e cochichou: “Geraldo Alckmin, o único tucano franciscano.” Terminou o café, pagou o chinês e foi para o outro lado da rua. Na padaria, pediu “metade” de um café. “Zé, aqui é mais caro, é por sua conta. Meu pai dizia o seguinte: ‘Paga mais quem ganha mais.’ O meu é o de lá. Este aqui é o dessa turma de Higienópolis”, disse em referência ao bairro, um dos mais valorizados da capital, onde mora Aníbal. (DUAILIBI, 2014, p. 26)

Se por um lado o programa de Sergio Cabral exibido pelo HPGE teve o intuito de conceber uma imagem de homem do povo, que nasceu na Zona Norte do Rio de Janeiro, é humilde, mas ao mesmo tempo sabe conviver com a elite, o perfil publicado na *piuí* mostra, em alguns momentos, o contrário. As principais ligações relatadas na narrativa, são com nomes de grandes empresários brasileiros, o nome “Cavendish”, por exemplo, um dos destaques na figura 2, foi citado uma quantidade considerável de vezes e se refere a Fernando Cavendish, amigo pessoal de Cabral e ex-dono da empreiteira Delta Construções S.A, que prestou serviços para o governo estadual do Rio de Janeiro durante muitos anos. Hoje, tanto Cavendish quanto a Delta estão envolvidos em vários escândalos de corrupção, e são investigados na operação Lava-Jato⁴². Um dos exemplos de quando é citado no texto, está na entrevista que o ex-prefeito Cesar Maia concedeu a Pinheiro.

Cesar Maia enumerou o recheio do “imaginário popular”, citado por Cabral. “Vamos lá”, começou, “gastos exorbitantes na festinha de sorteio da Copa do Mundo, construção de estádios, a boa vida, viagens para o exterior, ligações promíscuas com Eike, Cavendish, guardanapo, helicóptero, marquetagem, relação péssima com os servidores públicos, catástrofe na serra fluminense e ele sempre viajando, Amarildo, vídeo chamando menino de otário, escritório de advocacia da mulher.” Recuperou o fôlego e perguntou: “É bastante, não?” (PINHEIRO, 2013)
43

Em outros trechos do perfil, a capacidade que Sérgio Cabral possui de se adaptar a qualquer lugar também é abordada, ressaltando um papel um tanto quanto carismático do político, porém, esse é um dos aspectos colocados por Leal e Vieira como elemento para preencher o vazio da discussão política. Apesar de o perfil ter como característica principal o discurso sobre diversos ângulos da vida do personagem, os textos publicados pela *piuí* não deixam também de dar ênfase à atividade política que esses personagens exercem: todas as óticas caminham juntas no decorrer da narrativa.

⁴² A Operação Lava Jato é a maior investigação sobre corrupção conduzida até hoje no Brasil. Ela teve início no Paraná, em 17 de março de 2014, unificando quatro ações que apuravam redes operadas por doleiros que praticavam crimes financeiros com recursos públicos. O nome Lava Jato era uma dessas frentes iniciais e fazia referência a uma rede de postos de combustíveis e lava a jato de veículos, em Brasília, usada para movimentação de dinheiro ilícito de uma das organizações investigadas inicialmente. Desde então, a operação descobriu a existência de um vasto esquema de corrupção na Petrobras, envolvendo políticos de vários partidos e algumas das maiores empresas públicas e privadas do país, principalmente empreiteiras. Os desdobramentos não ficaram restritos à estatal e às construtoras. As delações recentes da JBS e braços da operação espalhados pelo Brasil e exterior são exemplos das novas dimensões que a investigação ainda pode atingir. A duração permanece imprevisível. Disponível em <http://arte.folha.uol.com.br/poder/operacao-lava-jato/#capitulo1> < Acesso em 26/11/17>.

⁴³ Disponível em <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/na-boca-do-povo/?hc=Y2ExNzQxNzU2NGFkZDMxNWFjNGYwNzMwNGUyZmQwNDE> <Acesso em 11/11/17>.

A essa altura, Sérgio Cabral já encarnava os atributos que vieram a defini-lo no futuro. Animado, adaptava-se como um Zelig a situações e pessoas. É dotado de uma dose de fanfarrice, que costuma soar simpática, quase sedutora, conferindo-lhe um ar eternamente juvenil. Aprendeu com o pai a contar piadas, a soltar *bons mots*, além de discorrer sobre boemia, samba, futebol e demais clichês da carioquice. Por outro lado, sempre cultivou o modo tradicional de ganhar votos: mandar cartões de aniversário para eleitores, não perder um baile da terceira idade, beijar crianças de colo, chamar prefeitos do interior de “meu querido”, contratar cabos eleitorais, tratar empresários como sumidades e atender pedidos de emprego.

Bom de palanque e de rua, criou uma série de frases para todos os gostos: “Meus filhos e minha família têm acesso à saúde e à educação e a maioria não tem. Isso é muito injusto”, falava com indignação à gente pobre. “A economia só se desenvolve se soltar a criatividade do empresário”, defendia junto a proprietários. “Sou a síntese social do Rio”, dizia a todos. Quando precisava, mencionava ter saído do subúrbio apenas aos 7 anos. Se outra situação pedia, lembrava que sua casa sempre foi frequentada por artistas e intelectuais. Entre os pares na política, ele é tido como ambicioso, organizado, jeitoso e com afiada percepção de oportunidades. É considerado o mestre das evasivas. Um deputado estadual da base governista me contou que, quando o governador Cabral fala “Que maravilha, vamos nessa!”, quer dizer exatamente o contrário. (PINHEIRO, 2013, grifos no original) ⁴⁴

Também tem destaque no texto a palavra “Mangaratiba”, que se refere à mansão de propriedade do ex-governador no município fluminense de Mangaratiba, avaliada por corretores em 5 milhões de reais de acordo com Pinheiro (2013). Então, surge aí outra divergência em relação à personificação de uma pessoa humilde e do povo, feita durante a campanha eleitoral de Cabral, afinal de contas, quantas pessoas humildes têm condições de ter uma mansão cujo valor ultrapassa em milhares de vezes o salário mínimo do povo brasileiro? Ao ser abordada no texto, a questão de tal propriedade perpassa pelo também ex-governador Anthony Garotinho, e denota a ligação conturbada entre ambos.

Há dois anos, a revista *Época* mostrou que, para quitar a casa, Cabral fizera empréstimos junto a seu chefe de gabinete, ao subchefe e a um assessor, que ganhavam um décimo do valor que disponibilizaram ao patrão. Também aparecia dinheiro do sogro e de Suzana Neves na negociação do imóvel. Em sua declaração de bens entregue ao Tribunal Superior Eleitoral, ele alegou que o valor da casa era de 200 mil reais. Marcello Alencar ainda acusou Cabral de empregar parentes em cargos no Tribunal de Contas do Estado, incluindo seu irmão e sua segunda mulher, a advogada Marise Rivetti. Ele negou as acusações, xingou Alencar, condenou o nepotismo e apresentou provas de que os familiares eram assíduos. Dizendo ser “inviável” sua permanência entre os tucanos, Cabral rompeu com o partido e voltou à casa de origem, o PMDB-cansado-de-guerra, mas ainda com excelente apetite. A partir daí, aliou-se

⁴⁴ Disponível em <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/na-boca-do-povo/?hc=Y2ExNzQxNzU2NGFkZDMxNWFiNGYwNzMwNGUyZmQwNDE> <Acesso em 11/11/17>.

à Garotinho, o que lhe garantiu a continuidade à frente da Assembleia Legislativa do Rio. No ano seguinte, a investigação sobre a compra da casa de Mangaratiba foi arquivada na Justiça. (PINHEIRO, 2013, grifos no original) ⁴⁵.

É interessante perceber que há uma semelhança no perfil de Sérgio Cabral e no de Geraldo Alckmin. Ambos, em determinados momentos no presente histórico da narrativa, se auto elogiam e se qualificam como políticos honestos e humildes. Assim como Alckmin se denominou franciscano, Cabral faz questão de verbalizar a repórter o seu caráter simples, sugerindo uma preocupação por parte dessas figuras em parecerem pessoas comuns, com vidas muito semelhantes à do público eleitor

Uma análise da revista inglesa *The Economist* atribuía a queda vertiginosa na popularidade de Cabral a uma percepção na fragilidade da política de enfrentamento da violência. O desaparecimento do pedreiro Amarildo na Rocinha e a morte de nove pessoas no Complexo da Maré, assassinadas por policiais, teriam contribuído para isso. [...] Ele se despediu com dois beijinhos, mas antes concluiu o raciocínio. “Nem todas as críticas foram equivocadas, é preciso refletir sobre elas, mas as pessoas vão perceber que o governo briga para descobrir onde está o Amarildo. Vão ouvir a empregada doméstica que mora na Cidade de Deus contar que a vida dela melhorou muito”, afirmou. “É um processo, há que se entender isso. Mas uma coisa que eu não sou é soberbo. Isso não. Não tem cara mais humilde do que eu. Quem me conhece sabe”, disse. (PINHEIRO, 2013, grifos no original) ⁴⁶

Assim sendo, no que tangencia a nuvem de palavras utilizadas no perfil, percebe-se que aquelas que foram mais utilizadas, têm ligações fundamentais com algum aspecto relevante da vida desses políticos. O emprego dessas palavras, ainda que não qualifiquem diretamente os personagens, denotam um sentido muito mais amplo de suas vidas, não à toa que aparecem tantas vezes no decorrer das narrativas.

4.2.3 - Imagens em contraste: a análise dos perfis

Nesta parte do trabalho, os textos dos perfis serão submetidos a uma análise de caráter mais qualitativo, a partir de um mapeamento considerando os recursos do Novo Jornalismo, como propostos por Tom Wolfe (2005). Tais aspectos são a narração cena-a-cena, diálogo, ponto de vista da terceira pessoa e a descrição dos detalhes, definida por Wolfe como registro.

⁴⁵ Disponível em <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/na-boca-do-povo/?hc=Y2ExNzQxNzU2NGFkZDMxNWFiNGYwNzMwNGUyZmQwNDE> <Acesso em 11/11/17>.

⁴⁶ *Idem*

Trata-se do registro dos gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer, manter a casa, modo de se comportar com os filhos, com os criados, com os superiores, com os inferiores, com os pares, além dos vários ares, olhares, poses, estilos de andar e outros detalhes simbólicos do dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena. (WOLFE, 2005, p. 55)

A partir desses elementos, tentaremos, assim como no subcapítulo anterior, perceber como eles atuam na construção ou desconstrução da imagem pública de cada político.

4.2.3. 1 Geraldo Alckmin: o franciscano

O primeiro elemento a ser detectado pelo mapeamento do perfil “O PAULISTA GE-RAL-DO” (Anexo 1) é o foco narrativo em 1ª pessoa em alguns momentos. Ao invés do exclusivo uso da tradicional 3ª pessoa, típica das linguagens em que predomina a função referencial, como assim o é na pirâmide invertida, a autora do perfil se anuncia no texto, no 17º parágrafo: “Embora fosse domingo, Alckmin estava vestido formalmente, de calça bege, camisa branca e paletó azul-marinho, quando **cheguei** [...]” (DUALIBI, 2014, p. 28, grifos nossos). Manifesta-se claramente, assim, um narrador-testemunha, como definido por Friedman, pois a repórter não faz digressões, avaliações ou comentários sobre o personagem. A autora da reportagem explora ainda o recurso do “diálogo”, ainda que entre ela e o entrevistado, Paulo Maluf.

Numa tarde de novembro, Maluf – que apoiou o candidato Skaf, mas é aliado do governo Alckmin – recebeu a **piauí** em sua casa, no Jardim América. Sentado no sofá da sala de estar, entre tapetes persas, porcelanas, quadros impressionistas, estamperia floral e *pot-pourris* que deixam o ambiente com um cheiro adocicado, Maluf falou sobre o governador. “Ele é um homem sério. Nunca foi envolvido em nenhum escândalo.” Citou a seguir uma frase de Winston Churchill: *There is no public opinion, there is published opinion* (Não há opinião pública, há opinião publicada), enfatizando a letra “p” para forçar o sotaque britânico. [...] *No news is good news*. E o Alckmin é um pouco isso. Como não tem escândalo, o governo dele é tido como sério, e é sério.” Indo além, o ex-prefeito defendeu a candidatura de Alckmin à Presidência em 2018: “Ele teve uma vitória eleitoral em São Paulo, enquanto o Aécio teve uma derrota eleitoral em Minas. Ele é o candidato natural, pelo peso de São Paulo.”

E a história do “ladrão da casaca”? “Não falo. Não falo. Isso é coisa pessoal. É vida pessoal. Você vai atrás das minhas namoradas, também?”, perguntou, sorrindo, mas já levantando do sofá, deixando claro que a entrevista havia terminado. “Julinha, sem ser neste sábado, no outro, se quiser almoçar no Miski, é minha convidada”, disse, mencionando o restaurante árabe. (DUALIBI, 2014, p. 27, grifos no original)

Além de revelar o foco narrativo na primeira pessoa, o trecho acima utiliza do diálogo para exibir a imagem de Alckmin. Através da narrativa de uma entrevista, Duailibi consegue atribuir outras características à imagem de Alckmin na opinião de Paulo Maluf, que o considera um homem sério ao mesmo tempo em quem sua imagem é blindada pela mídia. Nesse mesmo trecho, é possível identificar a “descrição” como recurso narrativo: o parágrafo começa com a autora discorrendo detalhadamente o local de seu encontro com o entrevistado, gerando a impressão de proximidade no olhar do leitor. Diante disso, o trecho citado vai de encontro com a imagem de Alckmin no HPGE: um homem sério. Mas ao mesmo tempo, ao falar sobre a falta de escândalos, Maluf sugere uma blindagem da imprensa em relação ao governador, o que diverge com aquilo que foi passado em sua campanha, afinal de contas um homem honesto não participa de escândalos.

Outro recurso que Duailibi aplica na narrativa é o da “narração cena a cena”, entre contextualizações, a repórter constrói a história narrando todas as cenas em que esteve presente e, dentro desse aspecto, utiliza outras técnicas como o diálogo e a descrição.

Enquanto comia um pedaço de pão com queijo, o governador citou de cabeça, um por um, todos os mistérios do terço. Começou pelos cinco “gozosos”, que eram rezados às segundas-feiras, e depois partiu para os “dolorosos”, momento em que Aith o interrompeu: “Pra que passar para esses, governador? Melhor ficar nos gozosos.” Alckmin fingiu que não ouviu e seguiu a explanação até chegar aos mistérios “gloriosos” e “luminosos”, quando levantou os braços para falar da “res-sur-rei-ção do Nosso Senhor”.

Ele vai à missa quase todo domingo e tenta confessar quando tem tempo. Em 2003, sofreu um baque quando o filho mais novo, Thomaz, então com 20 anos, engravidou a namorada, uma funcionária do cerimonial do Palácio. [...]

Depois do café, Alckmin me levou até seu gabinete para que eu visse a cópia de uma carta que o pai lhe escreveu em 1981, quando com Dona Lu, ele participava de um *Encontro de Casais com Cristo*. Tirou as três páginas da “cartinha” da primeira gaveta de um móvel de madeira, que faz a função de baú – lá estão guardados desde o santinho da campanha a prefeito de Pinda, ao lado do candidato a vereador Nelson do Esgoto, até o caderno no qual constam todas as anestésias que já aplicou, a primeira em 3 de abril de 1979, numa cirurgia de hernioplastia inguinal. “Os católicos não nascem, fazem-se. É uma escalada difícil”, lê o trecho no mesmo tom grave empregado ao narrar o conto de Lobato. Em novembro, na segunda conversa que tivemos em seu gabinete, Alckmin voltou a pegar a carta. Desta vez, porém, leu-a na íntegra, durante seis minutos e 35 segundos. (DUAILIBI, 2014, p. 26, grifos no original)

No trecho reproduzido acima, é perceptível a intenção em abordar o aspecto religioso da vida de Alckmin. Para tanto, utiliza o diálogo, a descrição e a narração cena a cena. Neste caso, há uma convergência da imagem deste governador, com o governador da

campanha: existe a construção de um retrato de homem religioso, porém, que aparentemente faz questão de transparecer isso, quando, por exemplo, lê a carta de seu pai duas vezes para a repórter, denotando certo exibicionismo de sua parte.

Ainda no que diz respeito à vida religiosa do governador, assim como sugere Herscherr (2012,) Duailibi faz uso de outras vozes para caracterizar Alckmin, como o depoimento de suas irmãs, por exemplo. No trecho a seguir, esse depoimento entra como um elemento a colaborar com a imagem de “franciscano” que o próprio perfilado tenta criar:

As irmãs dizem que, além da fé, o tucano herdou do pai um comportamento franciscano, característica que ele faz questão de divulgar. “Vestir as sandálias da humildade” é um de seus bordões, ao lado de outros que remetem à vida laboriosa, como “amassar barro” e “comer poeira”. Alckmin dedica-se com esmero a pequenas economias do dia a dia do palácio. Determinou que se use também o verso do papel no qual é impressa sua agenda e mandou cortar dos eventos sucos e salgadinhos fornecidos pelo cerimonial. Ficou horrorizado com a champanhe Taittinger servida em uma agenda oficial pelo governo de Minas. [...]

Mimi cita um padre de Taubaté para falar sobre o irmão. “Geraldinho não vai a nada, não aproveita nada. O padre Marquinho é engraçado, ele fala: ‘Eu é que tinha que ser governador, seu governador tinha que ser padre.’” Alckmin tem um patrimônio de pouco mais de 1 milhão de reais: apartamento próximo ao palácio, um carro, aplicações financeiras e um sítio em Pinda, onde pernoita uma vez por mês.

A despeito da devoção a São Francisco de Assis, em 2012 ele fez uso do helicóptero do governo para fugir do trânsito paulistano e buscar o filho e os netos que desembarcavam do México no Aeroporto de Guarulhos. Dona Lu recebeu mais de 400 peças de roupa, principalmente vestidos, de presente de um estilista. Quando o tema veio a público, em 2006, ela disse que eram apenas quarenta vestidos e os doou. A filha Sophia mantém um blog de moda onde publica fotos de bolsas, sapatos e joias de marcas de luxo, com as quais mantém relações profissionais. Algumas fotos são ambientadas nos jardins do palácio. (DUALIBI, 2014, p. 26)

Além utilizar outras vozes para falar sobre Alckmin, neste mesmo trecho a repórter faz uso, novamente, do *flashback*, mostrando ao leitor fatos da vida e da família do governador que contrastam com aquilo que foi dito no depoimento de sua irmã, Mimi, e que vai à contramão dos jargões que o próprio Alckmin usa. “Vestir as sandálias da humildade” não é algo que converge com a atitude de utilizar o helicóptero do governo para fins particulares.

Outra ferramenta muito utilizada na construção do texto é a descrição. Utilizada, geralmente – neste texto –, dentro de contextualizações e fora do presente histórico da narrativa, esse aspecto demonstra a atenção da repórter em todos os detalhes que presencia,

além de um período longo de apuração, assim como propõe as diretrizes do Novo Jornalismo.

Também costuma fazer perguntas, a que ele mesmo responde – um cacete retórico dos tempos em que dava aulas de química orgânica num cursinho para pagar faculdade de medicina em Taubaté. “Há uma lei da química: nada se cria, nada se perde, tudo se...? Trans-for-ma. Então, esse é o rio Pinheiros, que vai desaguar na...? Billings. Na re-pre-sa Billings”, repetiu, com um mapa na mão, ao anunciar a jornalistas medidas para a crise de abastecimento de água, na Zonal Sul da capital. (DUAILIBI, 2014, p. 24).

Também exemplo da maneira como a descrição é feita no texto, é o parágrafo abaixo, que demonstra a riqueza de detalhes que a repórter apreendeu durante a apuração com o perfilado:

Alckmin, com 76 quilos, distribuídos por 1,74 metro, não pode ser chamado nem de alto nem de baixo; não é gordo, mas tampouco é magro. Olhos, boca e orelhas são discretos e simétricos, não demarcam território. A calvície é disfarçada por fios de cabelo nas laterais e no cocoruto, sempre engomados e penteados para trás.

O traço mais marcante de sua fisionomia é o nariz pontiagudo, que evoca a figura de Cyrano de Bergerac, mas até esse detalhe é de certa forma neutralizado pelos óculos retangulares, de aros finos. (DUAILIBI, 2014, p.22)

Em uma determinada parada no presente histórico, a fim de contextualizar o leitor sobre o eleitor de Alckmin, a repórter constrói a narrativa com base não apenas nas falas do personagem, mas também em cima de outros elementos como trejeitos, olhares, postura corporal, entre outros, como revela o trecho abaixo. Além disso, a fala de Alckmin aqui reafirma uma questão já levantada anteriormente: sua inimizade com membros de seu partido, como José Serra por exemplo.

O eleitor típico de Alckmin é pobre, tem escolaridade baixa e renda familiar de até dois salários mínimos. “Foi esse pessoal que nos elegeru”, comentou o governador dois dias após sua vitória, em visita à favela de Paraisópolis, a menos de 2 quilômetros do Palácio. Ele costuma ir lá uma vez por semana. Toma cafezinhos e conversa com moradores, ao lado do motorista e do ajudante de ordens. Gosta de dizer que, quando aparece no Palácio um “caboclo meio chique”, propõe um passeio pela favela. “Nego toma um susto”, disse, empregando um vocabulário mais informal do que de costume, acompanhado de um sorriso malicioso, típico dos momentos em que dispara pequenos comentários sardônicos. “Hoje aconteceu um fato histórico”, ele disse em agosto, durante a campanha, num café no Centro da cidade, com o mesmo sorrisinho estampado: “José Serra estava na porta de uma fábrica, às seis da manhã, acordado.” (DUAILIBI, 2014, p. 22)

É perceptível que no decorrer deste perfil, o personagem tenta criar uma imagem de “franciscano”, e não só para a publicação, mas nota-se que até mesmo as falas de pessoas

próximas de Alckmin conotam-no como um homem simples como qualquer outro. No entanto, a repórter faz uso de técnicas do Jornalismo Literário para contrapor, ou expor, aquilo que não é demonstrado pelo perfilado em suas falas. Alguns fatos de sua história que são abordados por Duailibi, quando colocados dentro do texto, criam essa divergência entre o que é dito por ele e o que suas ações revelam.

4.2.3.2 - Sérgio Cabral: o humilde

Assim como o de Alckmin, o perfil “NA BOCA DO POVO” (Anexo 2) também faz uso, ainda que minimamente, o foco narrativo em 1ª pessoa. No entanto, neste texto ele aparece logo no 7º parágrafo: “**Mencionei** que, na antevéspera, um coro de 85 mil pessoas o havia xingado por um longuíssimo minuto durante uma apresentação no Rock in Rio” (PINHEIRO, 2013, grifos nossos)⁴⁷. Esse trecho também revela a escolha por parte da autora em utilizar o que Norman Friedman denomina de “narrador-testemunha”.

Outra semelhança encontrada nos dois perfis é o uso de *flashbacks* com a finalidade, de através de fatos do passado, fazer o leitor entender melhor o presente. Nesse caso, Pinheiro relata, pelo presente histórico da narrativa, a partir de setembro, a forma como Sérgio Cabral foi exaltado em um seminário sobre governança pública, organizado pelo Tribunal de Contas da União, e logo em seguida corta o texto para o mês de junho do mesmo ano, descrevendo a atual circunstância da insatisfação do povo fluminense com o governo estadual.

Se um carioca recém-chegado de vinte anos no Ártico entrasse no auditório, jamais imaginaria ser Cabral o mandatário mais hostilizado e pior avaliado do país. Desde os protestos de junho, a aprovação a seu governo desabou de 45% para poucos 12%, segundo medição do Ibope. É um percentual inalcançado em décadas. O recorde ainda é de Fernando Collor de Mello, que tinha 9% de aprovação quando sofreu o *impeachment*. Contra Cabral, houve passeatas, depredação, tentativa de invasão de prédios públicos, saques de lojas, carros incendiados, ataques à polícia e um vagalhão de apupos que chegou até a avenida Paulista. Por quase cinquenta dias, manifestantes acamparam ao lado de seu apartamento no Leblon para pressionar por uma renúncia. Vizinhos se agitaram, exigindo sua mudança do bairro. Correligionários de longa data evitaram defendê-lo em público, caso do prefeito do Rio, Eduardo Paes. Em solenidades, Cabral passou a ser vaiado com entusiasmo pela multidão. Reeleito há três anos em primeiro turno com 66% dos votos, a grande estrela do PMDB se viu impedido de sair às ruas. Parecia um

⁴⁷ Disponível em <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/na-boca-do-povo/?hc=Y2ExNzQxNzU2NGFkZDMxNWFjNGYwNzMwNGUyZmQwNDE> <Acesso em 11/11/17>.

calcinado corpo celeste caindo num buraco negro. (PINHEIRO, 2013, grifos no original)⁴⁸

Pinheiro também utiliza entrevista com terceiros, recurso indicado por Herscherr (2012), e o diálogo, como apontado por Wolfe (2005), como essenciais para caracterizar o personagem, como, por exemplo, a entrevista com Cesar Maia, que revela elementos sobre a administração de Cabral sobre os quais o perfilado não falaria sobre si próprio.

Segundo ele, os protestos de junho afetaram a imagem de todos os políticos, mas a situação de Cabral era de outra ordem. “A passagem de ônibus foi um *tipping point*. Com ele o que houve foi um processo cumulativo, foi a desfaçatez de anos, que estava represada, que veio à tona”, comentou. Para o ex-prefeito, Cabral virou o retrato acabado da ignomínia da política nacional. “Quando a população se vê à deriva, você tem que escolher sua Geni de estimação, um fato ou um personagem para aglutinar e canalizar a revolta das pessoas. Ele foi fácil. Quem colecionou tanta impropriedade assim?”, perguntou. (PINHEIRO, 2013, grifos no original)⁴⁹

A entrevista com Cesar Maia (que é uma escolha da repórter e da revista) revela sobre Cabral uma imagem totalmente oposta àquela passada pelo ex-governador na campanha eleitoral analisada anteriormente. Aqui, Cesar Maia dá a entender, quando diz que “ele foi fácil”, que Cabral não teve experiência ou sagacidade suficiente para escapar da situação em que se encontrava. Ao contrário da experiência que buscou transmitir durante seus programas no HPGE, aqui a narrativa desconstrói essa imagem.

Além disso, outra analepse utilizada por Pinheiro demonstra, no texto, que Cabral não tem uma vida humilde como tentou mostrar quando estava em campanha. Um retorno ao ano 2001 relata, através de fatos apurados pela repórter, a relação de Cabral com sua esposa Adriana Ancelmo, revelando que, quando começaram o relacionamento, ambos ainda eram casados

Foi no começo de 2001 que a advogada Adriana de Lourdes Ancelmo, então assessora da Procuradoria-Geral na Assembleia fluminense, conheceu seu futuro marido. Ela aguardava o elevador privativo quando o presidente da Casa, Sérgio Cabral, chegou com seu vasto *entourage*. A jovem se apresentou a Cabral, que ficou encantado com a morena de sorriso largo e atitude destemida. Ele estava em sua terceira união e ela era casada havia sete anos com um advogado, dono de um modesto escritório no Centro da cidade. Separaram-se e logo foram morar juntos. No ano seguinte, nasceu o primeiro dos dois filhos deles, que só vieram a celebrar oficialmente a união três anos depois, em uma cerimônia para

⁴⁸ Disponível em <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/na-boca-do-povo/?hc=Y2ExNzQxNzU2NGFkZDMxNWFiNGYwNmMwNGUyZmQwNDE> <Acesso em 11/11/17>.

⁴⁹ *Idem*

900 convidados no Copacabana Palace. A festa, cujo salão foi decorado com 4 mil dúzias de rosas vermelhas, foi retratada em seis páginas da revista *Casamento*. A lua de mel foi em Paris. (PINHEIRO, 2013, grifos no original)⁵⁰

É importante ressaltar que no decorrer do texto, vários acontecimentos abordados durante o HPGE de Cabral ficam claros, como por exemplo, a presença de Lula em seus programas eleitorais, que é desvendada durante uma entrevista concedida a Pinheiro por um deputado petista. A partir dessa fala é possível inferir que a ligação do ex-presidente com Cabral se tratava apenas de um jogo de interesses políticos que beneficiariam a ambos

Em paralelo, Cabral construiu uma ponte com o Palácio do Planalto, selando uma umbilical relação com o presidente Lula. “Foi um encontro de interesses mútuos”, lembrou um deputado federal petista. Para Lula, interessava ter um aliado na segunda maior capital do país, já que São Paulo e Minas Gerais estavam com os tucanos. De sua parte, Cabral estava interessado em verbas e investimentos, que viabilizariam obras e realizações em seu governo. Somou-se isso a empatia entre o governador e o presidente, celebrada várias vezes em público. O Rio de Janeiro nunca recebeu tantas verbas de Brasília quanto no governo Lula. (PINHEIRO, 2013)⁵¹

Outro aspecto do texto, através da contextualização e analepses, é a manifestação da preocupação que Cabral demonstra com sua própria imagem, principalmente em relação àquela que chega ao seu eleitor. Aqui, a repórter deixa evidente a personalização intencional por parte de Sergio Cabral e sua equipe, diante de tanto dinheiro investido em agências de publicidade e propaganda.

Sergio Cabral se apresentava como um governante atualizado, pragmático, pós-ideológico, com uma agenda modernizadora, inclusive no terreno dos costumes. Disse ser favorável à legalização das drogas e do aborto. Propôs à Previdência do Rio pagar pensão a casais homossexuais. Angariara prestígio, simpatia de jornalistas, dos patrões da mídia, do Palácio do Planalto, das organizações não governamentais. Finalmente se tornara um personagem nacional. Concomitantemente, sua imagem era vendida a peso de diamante por uma das maiores empresas de comunicação do país, a FSB, e, mais tarde, pela Prole, uma ascendente agência publicitária, que lidava com a propaganda institucional do governo.

Entre janeiro de 2007 e setembro de 2013, o governo Cabral gastou 715 milhões de reais na rubrica “Serviços de comunicação e divulgação”, de acordo com dados do Sistema de Administração Financeira para Estados e Municípios. “Isso é só o que foi gasto para divulgar o que ele fez no governo. É uma média de 100 milhões por ano, o equivalente ao

⁵⁰ Disponível em <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/na-boca-do-povo/?hc=Y2ExNzQxNzU2NGFkZDMxNWFiNGYwNmMwNGUyZmQwNDE> <Acesso em 11/11/17>.

⁵¹ *Idem*

orçamento anual inteiro de um município de pequeno porte”, disse o deputado tucano Luiz Paulo da Rocha. (PINHEIRO, 2013)⁵²

A própria voz do personagem é mais um elemento importante na construção de um texto jornalístico literário. No trecho a seguir, além desse aspecto, há ainda a narração cena a cena e a descrição, agindo como ferramentas importantes para construir a imagem de Cabral, pois aqui há uma tentativa de caracterização por parte do mesmo.

O celular de Cabral tocou. Era Dorita, chefe de gabinete, dizendo que estava atrasado para a reunião. Foi quando ele se deu conta de que segurava um livro de fotos do Palácio Guanabara desde o início do passeio, como uma bolsa ou uma pasta. “Nem me toquei”, disse, oferecendo-me o presente. Ele se despediu com dois beijinhos, mas antes concluiu o raciocínio. “Nem todas as críticas foram equivocadas, é preciso refletir sobre elas, mas as pessoas vão perceber que o governo briga para descobrir onde está o Amarildo. Vão ouvir a empregada doméstica que mora na Cidade de Deus contar que a vida dela melhorou muito”, afirmou. “É um processo, há que se entender isso. Mas uma coisa que eu não sou é soberbo. Isso não. Não tem cara mais humilde do que eu. Quem me conhece sabe”, disse. (PINHEIRO, 2013)⁵³

Por fim, fica claro que os recursos do Novo Jornalismo aplicados nos perfis da revista *piauí* tendem a enriquecer o texto, porém não escolhem um determinado fator para ser abordado. O que acontece é que, ao entrevistar o perfilado, há a tendência de colaborar para uma imagem positiva. No entanto, ao fazer uso das paradas no presente histórico, a contextualização age de forma a desconstruir aquela imagem que o personagem propõe, assim como as entrevistas com outras pessoas. No caso de Alckmin, houve entrevistas cruciais para contribuir com a imagem de “franciscano” do governador, porém no perfil de Sérgio Cabral praticamente todas as outras vozes, senão a dele próprio, contribuiram para desconstruir a imagem de homem simples que tentou construir.

Além disso, mais uma vez, os textos demonstram o esforço por parte desses políticos em parecer a mesma coisa: homens humildes e honestos. Porém, os fatos apurados com profundidade pelas jornalistas depõem contra ambos. É possível dizer que as reportagens não se empenharam em criar uma imagem negativa dos personagens, mas, com base nos acontecimentos de suas próprias vidas, o perfil apenas desconstrói a personalização positiva criada por ambos, principalmente durante as campanhas eleitorais.

⁵² Disponível em <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/na-boca-do-povo/?hc=Y2ExNzQxNzU2NGFkZDMxNWFiNGYwNmMwNGUyZmQwNDE> <Acesso em 11/11/17>.

⁵³ *Idem*

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito desse trabalho foi identificar a forma como se dá a construção/desconstrução da imagem de políticos nos perfis da revista *piuí*, especificamente de Geraldo Alckmin e Sérgio Cabral. As análises demonstraram que a postura da revista é de, em alguns casos, contrastar a imagem previamente estabelecida dos governantes, ainda que não seja feito a partir de uma tomada explícita de posição por parte das repórteres Julia Duailibi e Daniela Pinheiro. Aos leitores são oferecidas diferentes informações, apresentadas sob variados recursos estilísticos, de modo que possam tirar suas conclusões sobre o que são as imagens públicas que os dois políticos buscam associar a eles e as suas gestões.

Desta forma, a narrativa se dá a partir de fatos presenciados pelas autoras, ou através de entrevistas que foram concedidas pelos personagens principais e outras fontes. Percebe-se, então, que há algumas particularidades em cada perfil. Em “O PAULISTA GE-RAL-DO”, a forma como o texto foi escrito diz muito sobre o perfilado. Ao analisar as entrevistas e os diálogos, percebe-se que estes aspectos colaboram, de certa forma, para a imagem de homem honesto e de família, criada durante a campanha eleitoral de Alckmin. Porém, as narrações cena-a-cena e as descrições são entremeadas de *flashbacks* e contextualizações, diálogos para auxiliar o leitor em seu processo de avaliação das imagens propostas. Essas contextualizações são essenciais para o entendimento dos fatos como um todo e apontam, na maioria das vezes, para o que não foi mostrado durante as campanhas eleitorais. Nesse sentido, os perfis agem de forma a descortinar aos olhos do leitor aquilo que foi omitido durante as propagandas, essencialmente orientadas pelo marketing político baseado na personalização.

Já no perfil de Sérgio Cabral, “NA BOCA DO POVO”, Daniela Pinheiro utiliza muito mais contextualizações do que no perfil anterior. Nessas contextualizações, através de *flashbacks*, também são exibidos outros fatos sobre Cabral que não são de conhecimento de todo público, como a sua ligação com a queda do helicóptero do empresário Eike Batista e os desdobramentos que isso teve em sua carreira política.

É possível perceber, então, que todos os aspectos positivos reafirmados nos textos são verdadeiros. O que acontece é que, durante as campanhas, esses aspectos são super valorizados nos programas, mostrando uma única ótica da imagem do candidato. Sérgio Cabral, por exemplo, realmente nasceu na Zona Norte do Rio de Janeiro, e é dono de uma oratória capaz de atingir a todos os públicos. No entanto, em nenhum momento sua

amizade pessoal com Fernando Cavendish é abordada, bem como sua ligação partidária e seu péssimo relacionamento com Anthony Garotinho. Por sua vez, ao fazer uso de algumas ferramentas do Jornalismo Literário o perfil é capaz de trazer ao leitor um recorte mais amplo do perfilado, tratando desde suas aspirações políticas, até de suas relações familiares, dando conta de que uma personalidade não é construída através um único viés. É preciso de um espectro muito amplo do que de programas eleitorais para se conhecer a verdadeira imagem de qualquer pessoa.

Dessa forma o perfil surge preenchendo as lacunas deixadas pela propaganda política, gerando essa imagem ampla, porém não necessariamente completa, do personagem. Não é que outras notícias jornalísticas não desempenhem o papel de confrontar as imagens públicas construídas interessadamente pelos políticos, mas essas, diferentemente do perfil, não têm os personagens como centro de suas pautas. Se a política tem sido nas últimas décadas fundada na personalização, na exploração dos aspectos individuais de candidatos, governantes e parlamentares, o foco mais aprofundado nesses mesmos indivíduos pelo Jornalismo Literário pode servir, se não para mudar a política, pelo menos para contestar certas imagens que, muitas vezes, em nada convergem com os homens e mulheres que estão por trás delas. No final das contas, ganham o jornalismo, ganham os eleitores, ganha o campo da política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOAS, Sergio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.
- CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. n° ed. 2. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1965.
- DUILIBI, Julia. O PAULISTA GE-RAL-DO. **piauí**, São Paulo, editora Abril, n. 99. 2014.
- FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. n° ed. 3. São Paulo: Círculo do livro, 1976.
- GROHMANN, Rafael do Nascimento. **A personalização da política e os personagens televisivos**: um estudo do Horário Eleitoral Gratuito na disputa pela prefeitura de Juiz de Fora em 2018. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.
- HERRSCHER, Roberto. **Periodismo narrativo**: Cómo contar la realidade com las armas de la literatura. Barcelona: Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona, 2012.
- IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra por Amostra de Domicílios**: Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.
- LEAL, Paulo Roberto Figueira; VIEIRA, Mário Braga Magalhães Hubner. O Fenômeno da personalização da política: Comunicacionais das campanhas de Dilma e Serra em 2010. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, Editora UFJF, v. 4, n. 1 e 2. 2014.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. n° ed. 10. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- MARTINEZ, Monica. Jornalismo literário: um gênero em expansão. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 32, n. 2, jul./dez. 2009.
- MEDEL, Manuel Ángel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e dive Brgências. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. (Orgs). **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2013.
- SILVA, Frederico Ferreira da. Líderes políticos e comportamento eleitoral: rumo a uma personalização da política?. **Análise Social**, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, v. 49, n.211, jul./dez. 2014.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. Perfil: O personagem em destaque. In: SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986
- TALESE, Gay. **Fama e anonimato**. n° ed. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SITES

Alckmin é reeleito e garante 6º mandato consecutivo do PSDB em SP

<https://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/10/05/alckmin-e-reeleito-e-garante-6-mandato-consecutivo-do-psdb-em-sp.htm> <Acesso em: 07/11/2017>.

Anuncie – Mídia Kit 2017

<http://piaui.folha.uol.com.br/anuncie/> <Acesso em: 28/10/17>.

BOAS, Sérgio Villas. **A Arte do Perfil**. Disponível em <<http://www.sergiovilasboas.com.br/a-arte-do-perfil/>> Acesso em 27/09/17.

Contas regionais 2015: queda no PIB atinge todas as unidades da federação pela primeira vez na série

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/17999-contas-regionais-2015-queda-no-pib-atinge-todas-as-unidades-da-federacao-pela-primeira-vez-na-serie.html> <Acesso em 22/11/17>.

Folha Explica – Operação Lava- Jato

<http://arte.folha.uol.com.br/poder/operacao-lava-jato/> <Acesso em 28/11/17>

Geraldo Alckmin preparado para o Brasil

<http://geraldoalckmin.com.br/#sobre> <Acesso em 07/11/2017>.

Horário Eleitoral – Governador SP 20/08/14 – Geraldo Alckmin (PSDB) – Primeiro programa

<https://www.youtube.com/watch?v=afkCL4ThW34> <Acesso em: 07/11/2017>.

João Moreira Salles falando sobre a revista piauí

<https://www.youtube.com/watch?v=P8V5QnHAlmo> <Acesso em: 26/10/17>.

JORGE, Vladymir Lombardo. **FGV CPDOC**. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/horario-gratuito-de-propaganda-eleitoral-hgpe>> Acesso em: 06/11/2017.

KACHANI, Morris. **Leia entrevista com o cineasta João Moreira Salles, publisher da “Piauí”**. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2010/07/774936-leia->

entrevista-com-o-cineasta-joao-moreira-salles-publisher-da-piaui.shtml> Acesso em 28/10/17.

O Médico. O Governador.

<https://www.youtube.com/watch?v=wraIY6Xatgo> <Acesso em: 08/11/17>.

PINHEIRO, Daniela. piauí, **NA BOCA DO POVO**. Disponível em <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/na-boca-do-povo/?hc=Y2ExNzQxNzU2NGFkZDMxNWFhNGYwNzMwNGUyZmQwNDE>>. Acesso em 11/11/17.

Sérgio Cabral – Governar para todos (programa 4)

https://www.youtube.com/watch?v=ygFYGmLI_JU <Acesso em: 10/11/17>.

Sérgio Cabral – Sinais de um novo tempo (programa 1)

<https://www.youtube.com/watch?v=Zkn67xW0llc> <Acesso em: 09/11/17>

Wordcloud

<https://www.wordclouds.com/> <Acesso em 15/11/17>.

ANEXO 1

Perfil 1: O PAULISTA GE-RAL-DO - Quem é o político católico e caipira que assume pela quarta vez o governo de São Paulo

Por Julia Duailibi

Outubro de 2014

Em abril de 1964, o governo de São Paulo desapropriou das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, no Morumbi, Zona Sul da capital, um terreno de pouco mais de 67 mil metros quadrados. Tornada bem público, a área, que abrigaria a Universidade Comercial Conde Francisco Matarazzo, abateu parte das dívidas fiscais que o grupo empresarial do conde Chiquinho tinha com o estado. O projeto original da universidade, de 1938, era de autoria do italiano Marcello Piacentini, arquiteto oficial do regime fascista de Benito Mussolini. Ao longo dos anos, o prédio passou por alterações que resultaram num arremedo arquitetônico de referências neoclássicas, barrocas e coloniais, no qual cavalos de bronze misturam-se a estátuas de mulheres de 3 metros de altura.

Em 1965, com o nome de Palácio dos Bandeirantes, foi inaugurada a nova sede do Executivo. Na cerimônia, o governador Adhemar de Barros comemorou o fato de a nova casa distar 13 quilômetros da antiga sede do governo, o Palácio dos Campos Elíseos, no Centro: “Aqui eu posso ficar em paz. Posso caminhar sem que ninguém me peça dinheiro ou emprego.” Em 1966, quando o fim do mandato o obrigou a se afastar daquele jardim, Adhemar era o político que havia governado São Paulo por mais tempo, desde que os governadores passaram a ser eleitos pelo voto direto, em meados do século XX.

Em 8 de março de 2013, o recorde de Adhemar de Barros foi quebrado por Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho. O médico anestesista de 62 anos, nascido em Pindamonhangaba, no Vale do Paraíba, interior de São Paulo, casado, pai de três filhos e avô de quatro netos, já passou, até 1º de dezembro deste ano, 3 281 dias no comando do estado que reúne 22% do eleitorado brasileiro. Desde que ocupa o Palácio dos Bandeirantes, não foram poucas as vezes que o tucano anunciou a volta da sede do governo para o Centro. Mas, assim como Adhemar, preferiu a paz no Morumbi.

No último dia 5 de outubro, Alckmin foi reeleito em primeiro turno com 12 230 807 votos. O feito renderá ao PSDB, principal partido de oposição ao governo federal, 24 anos no

poder do estado que representa 32% da economia nacional, com um Produto Interno Bruto de 1,4 trilhão de reais. A proeza é ainda mais significativa levando em conta que muitos, inclusive entre os próprios tucanos, consideram sua gestão medíocre. O governo não tem uma grande marca. Saúde e segurança pública são criticadas pela população. A execução de programas-chave foi lenta, e ele não conseguiu cumprir promessas, como a que fez em 2012 sobre a expansão do metrô: dos 30 quilômetros prometidos, entregou 4.

Seu secretariado é um condomínio do qual fazem e fizeram parte deputados sem conhecimento técnico das respectivas pastas, oriundos de partidos da sua base na Assembleia: do PRB de Celso Russomanno e do PP de Paulo Maluf ao PSB de Marina Silva, são quinze legendas no total. No último ano, Alckmin também viu trincar o discurso da ética na esteira do escândalo de corrupção envolvendo o cartel dos trens, no qual integrantes do PSDB e servidores públicos são acusados de participar de um esquema de cobrança de propina de fornecedores do Metrô e da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos, a CPTM. A tropa de choque de Alckmin na Assembleia enterrou alguns pedidos de investigação do caso.

Como se não bastasse, o estado passa pela maior crise de abastecimento de água da história. O Sistema Cantareira – com capacidade para 978 bilhões de litros, responsáveis por abastecer 8,8 milhões de pessoas, quase metade dos moradores da região metropolitana de São Paulo – secou. A despeito disso, Alckmin venceu a disputa eleitoral em 644 das 645 cidades do estado, incluindo a capital.

Em uma reunião realizada na ala residencial do palácio, depois da vitória, o sociólogo Antonio Lavareda, responsável por pesquisas qualitativas com grupos de eleitores, declarou ao próprio Alckmin: “A sua eleição ocorreu mais pela aprovação à sua imagem do que pela sua gestão.” Sobretudo entre eleitores de baixa renda, a imagem do governador é imbatível. Sua figura pública, associada à ética e ao respeito à família, o transforma numa espécie de Teflon: nele não colam denúncias de desvios ou corrupção.

“Ele é um cara conservador, extremamente católico. Tem uma atitude republicana e uma visão cristã das coisas. Entende que o Estado tem que ajudar os mais pobres, mas não é nem de longe um revolucionário. É um Montoro sem a mesma solidez democrática”, explicou um dos responsáveis pelas pesquisas encomendadas pelo governo tucano, comparando Alckmin ao governador André Franco Montoro (1983–87). “Ele não é elitista,

parece uma pessoa comum da classe média. Por isso, praticamente não precisa de pesquisas de grupo. O que ele pensa é o que pensa a média da população paulista”, comentou um integrante da campanha.

No domingo da reeleição, o tucano comeu uma feijoada no almoço, no próprio palácio, e a seguir foi para a sala de tevê da ala privativa acompanhar a apuração. Enquanto lia os jornais do dia, espiava o desenrolar da votação num telão – assim como o jardim de inverno palaciano, um legado de José Serra. Na sala também estavam a primeira-dama, Maria Lúcia Alckmin, que todos conhecem como Dona Lu, e os filhos Sophia, Geraldinho e Thomaz, além do amigo Frederico D’Ávila e sua mulher. Mais tarde chegou o médico acupunturista chinês Jou Eel Jia, também amigo do tucano.

“Pai, não tem mais jeito. A partir de agora, para você não ganhar, todas as urnas terão que ser contra você”, antecipou Geraldinho, filho do meio, que trabalha na área de seguros do banco Santander. “Vamos aguardar”, Alckmin respondeu. Pouco depois, a GloboNews anunciava que ele estava matematicamente reeleito. Comemoração no ambiente, com pulinhos, palmas e abraços. “Gegê!”, saudou-o a primeira-dama, beijando o marido.

O telefone começou a tocar. “Ministro, muito obrigado”, disse Alckmin ao petista Alexandre Padilha, ex-titular da Saúde, que ligara para cumprimentar o adversário pela vitória. Depois foi a vez de Paulo Skaf, do PMDB, que ficou em segundo lugar: “Ô, Skaf, parabéns pela campanha.” Ao redor dele, caretas e xingamentos com as mãos apontadas em direção ao telefone. Alckmin pediu ao ajudante de ordens Carlos José Benassi que trouxesse sua jaqueta e seguiu para a comemoração na sede do PSDB. Voltou para casa depois das dez da noite, ainda jantou peixe com legumes, tomou uma Coca-Cola e foi dormir.

Quatro dias após a vitória de seu candidato, às vésperas de viajar para descansar e jogar golfe, Nelson Biondi, marqueteiro de Alckmin, sentia-se à vontade para dar pitacos no segundo turno entre Aécio Neves e Dilma Rousseff. “Pernambuco vai desequilibrar essa porra a favor do Aécio. Mineiro é foda... Mas virá muita pancada. Vão tentar desconstruir ele como gestor. Mortalidade infantil: uma bosta em Minas. Não construíram uma escola técnica. Vão usar o conceito ‘quem conhece Aécio não vota nele’”, comentou, do alto de sua sala envidraçada, numa produtora com mesas e ilhas de edição vazias. Do rescaldo da campanha, uma letra A gigante, de Alckmin, colada no vidro, nas cores da bandeira

paulista (preta, branca e vermelha), seis televisões penduradas na parede, duas delas já desligadas, e dois potes com restos de frutas secas e pistaches, abandonados na mesa de reunião.

“Eu disse lá atrás: eles viriam para a desconstrução do governo. E tinha aí um caralhão de coisa. Sei lá, qualquer equívoco de política pública. Eles tinham a segurança para falar pra cacete, a crise da água, o negócio de cartel. Só que foram batendo em assuntos que eram o contrário da percepção do eleitor”, disse Biondi. “O eleitor abria a torneira e tinha água. Pô, uma limonada!”, completou o marqueteiro.

Biondi chegou até Alckmin pelo subsecretário de Comunicação, Marcio Aith. Com trajetória na Gazeta Mercantil, Folha de S.Paulo e revista Veja, Aith se tornou um dos homens fortes do governo. O jornalista é apontado como o grande responsável por conferir ao tucano um perfil menos contemporizador, incentivando-o a confrontar abertamente seus críticos e adversários, deixando para trás a velha imagem do “picolé de chuchu” – apelido dado em 2000 por José Simão. Ex-sócio de Duda Mendonça e ex-marqueteiro de Paulo Maluf e Serra, Biondi sustenta que há uma dissonância entre a imagem de “picolé de chuchu” e o modo como o eleitor enxerga o governador, “um cara com pulso”.

Alckmin, com 76 quilos, distribuídos por 1,74 metro, não pode ser chamado nem de alto nem de baixo; não é gordo, mas tampouco é magro. Olhos, boca e orelhas são discretos e simétricos, não demarcam território. A calvície é disfarçada por fios de cabelo nas laterais e no cocuruto, sempre engomados e penteados para trás.

O traço mais marcante de sua fisionomia é o nariz pontiagudo, que evoca a figura de Cyrano de Bergerac, mas até esse detalhe é de certa forma neutralizado pelos óculos retangulares, de aros finos. Nas ruas, percebe-se que, mesmo após tanto tempo de poder, o paulista nem sempre o reconhece. “Ei, vi você no Silvio Santos!”, gritou uma mulher durante uma caminhada num parque na Zona Norte da capital. “Tudo bem, querida?”, respondeu o tucano, com seu cumprimento protocolar. A moça virou-se para mim e perguntou: “Quem é esse mesmo?” Alckmin conta que é confundido com Britto Júnior, apresentador da Record, e que já o chamaram de Serra e até de Maluf.

Vestindo uma camisa azul, de mangas arregaçadas e com o monograma NB, uma corrente de ouro no pescoço, Biondi levantou-se da cadeira e começou a procurar alguma coisa pelo escritório. Voltou com uma pasta de plástico, de onde tirou dados de pesquisas. Passou a

explicar que a boa avaliação do governante em áreas críticas, como saúde e segurança, se dá pelo reconhecimento do empenho em resolver os problemas. “Quem era mais capaz de melhorar a saúde? Ele. A educação? Ele. Gerar empregos? Ele. Melhorar a segurança? Ele. Isso apesar da expectativa de que os Seus Fudências fossem as novidades da eleição e tal. Picas!”, disse o marqueteiro, referindo-se a Skaf e Padilha, supostas novidades no cenário eleitoral. “E o Alckmin tinha o que mostrar. O estado que mais prendeu no país foi São Paulo”, completou. A propaganda Tucana se orgulhava de dizer que São Paulo abriga a maior população carcerária do Brasil, com 221 mil pessoas atrás das grades – num sistema que comporta 128 mil.

O eleitor típico de Alckmin é pobre, tem escolaridade baixa e renda familiar de até dois salários mínimos. “Foi esse pessoal que nos elegeu”, comentou o governador dois dias após sua vitória, em visita à favela de Paraisópolis, a menos de 2 quilômetros do Palácio. Ele costuma ir lá uma vez por semana. Toma cafezinhos e conversa com moradores, ao lado do motorista e do ajudante de ordens. Gosta de dizer que, quando aparece no Palácio um “caboclo meio chique”, propõe um passeio pela favela. “Nego toma um susto”, disse, empregando um vocabulário mais informal do que de costume, acompanhado de um sorriso malicioso, típico dos momentos em que dispara pequenos comentários sardônicos. “Hoje aconteceu um fato histórico”, ele disse em agosto, durante a campanha, num café no Centro da cidade, com o mesmo sorrisinho estampado: “José Serra estava na porta de uma fábrica, às seis da manhã, acordado.”

O interior paulista, onde vive a maior parte do eleitorado do estado, está para o Tucano como o Nordeste está para Lula. Lá, 53% das pessoas consideram seu governo bom ou ótimo, contra 38% na capital. São eleitores majoritariamente católicos, conservadores e mais velhos. Querem, acima de tudo, ordem. “Não explorei o episódio do Carandiru porque eu tinha muito medo de que as pessoas achassem o massacre do caralho”, contou Biondi sobre a decisão de não criticar o assassinato de 111 presos pela polícia durante o governo de Luiz Antônio Fleury Filho, que coordenou a campanha de Skaf. “Os caras querem...” Interrompeu a fala, pensou e completou: “Bandido bom é bandido morto. Hoje isso tem muito respaldo na sociedade.”

Embora fosse domingo, Alckmin estava vestido formalmente, de calça bege, camisa branca e paletó azul-marinho, quando cheguei a seu gabinete, no final de uma manhã de novembro. O ambiente, com paredes de lambri e pé-direito duplo, é decorado por móveis

escuros, tapete oriental e um jogo de duas poltronas e sofá de couro azul, atrás do qual há um tríptico representando os bandeirantes. Do lado oposto ao sofá fica a mesa de trabalho, quadrada e com pernas torneadas, que pertenceu ao governador Rodrigues Alves, “o último presidente paulista”.

Assim que entramos, o tucano dispensou o ar-condicionado e começou a abrir cada um dos quatro janelões do gabinete. Perguntei a ele a que atribuía sua vitória, a despeito da conjuntura desfavorável. Alckmin se levantou da poltrona e pegou de cima de sua mesa um papel dobrado. Mostrou um mapa azul, pontuado por pequenas manchas vermelhas, ilustrando sua vitória sobre o PT em 594 das 645 cidades do estado na eleição de 2010. Excluindo a região metropolitana, as demais cidades onde o PSDB havia perdido tinham em comum a presença de assentamentos de reforma agrária.

“Por que as pessoas que foram assentadas não votam no PSDB? A minha tese é a seguinte: em política, você não obriga, você conquista. Então, fui aos assentamentos, ouvi as pessoas, levei energia elétrica, criei um programa de compras governamentais direto da agricultura familiar. Nenhum paternalismo, nenhum assis...”, interrompeu antes de completar a palavra assistencialismo. E continuou: “Todo apoio ao trabalho.” Animado, desdobrou o papel, como se encerrasse um suspense: surgiu um enorme mapa do estado, bem maior que o anterior, agora todo azul, com um único micropontinho vermelho, o município de Hortolândia, governado pelo PT. Era o resultado da eleição deste ano. “Não tem nenhum município aqui com reforma agrária em que eu tenha perdido. Então, não tem essa história de que o eleitor tem carteirinha”

No fundo de um corredor no 3º andar da Câmara Municipal de São Paulo fica o gabinete do vereador tucano Mario Covas Neto. Zuzinha é filho do governador Mario Covas, que Alckmin sempre menciona como sua maior referência política. “Geraldo é o condutor seguro. Você quer ir para o Rio de Janeiro, pode chamar o Geraldo. Ele vai estar com o pneu calibrado, a revisão do carro feita, não vai faltar gasolina, não vai ultrapassar velocidade e vai chegar com segurança. No entanto, se tiver um congestionamento, não espere que ele faça um desvio”, resumiu o vereador, para quem Alckmin sempre teve o mesmo estilo, “o de um sujeito meio mineiro, que evita polêmicas, bola dividida, é extremamente gentil e educado com as pessoas.” Com um retrato do pai ao fundo, Zuzinha disse que essa característica colocou Alckmin numa posição equidistante entre os

diferentes grupos do partido, e fez com que ganhasse espaço no PSDB: “Era o elemento neutro, o que não tinha vinculações tão nítidas e não causava problemas a ninguém.”

Em 1994, Alckmin era deputado federal e ocupava a presidência do PSDB paulista, durante a qual rodou, ora de ônibus, ora num Gol, todas as cidades do estado. Passou a ser cotado para vice na chapa de Covas, ao lado do economista Walter Barelli. Covas tinha simpatia por Barelli, mas, num movimento conciliatório, chamou a seu apartamento deputados do PSDB e abriu o tema para votação. Alckmin foi o preferido. “Tinham que escolher um candidato que fosse palatável para o Covas, mas que também fosse para o Montoro, o Fernando Henrique e o Serra. O Geraldo era essa pessoa”, lembrou Zuzinha.

No Palácio dos Bandeirantes, Alckmin manteve uma atuação discreta e dedicou-se ao Programa Estadual de Desestatização. “Ele teve uma atitude absolutamente colaborativa, e isso foi conquistando o meu pai.” Em 2000, Covas decidiu dar peso político a “Geraldinho” e o escolheu candidato a prefeito da capital pelo PSDB. Por sorte de Alckmin, ele perdeu a eleição – Maluf, que a seguir seria derrotado por Marta Suplicy, passou ao segundo turno com uma ínfima vantagem de votos sobre o tucano. Quatro meses depois, no dia 6 de março de 2001, Covas morreu de complicações de um câncer, e Alckmin, aos 48 anos, tornou-se governador de São Paulo.

Os covistas não engoliram “Geraldinho” no início. O novo ocupante do Palácio dos Bandeirantes era visto como um político menor, a cara de Pinda – como todos se referem a Pindamonhangaba. Em 2002, apesar das desconfianças, Alckmin disputou a reeleição e venceu. Mais à vontade com o próprio mandato, livrou-se de representantes do Ancien Régime. “Ele não tem turma. É superelegante, faz elogios, mas ele não te abraça, mantém uma distância. É uma fraqueza dele. Ele não consegue dar intimidade”, avaliou Zuzinha, sorridente, com o rosto rechonchudo e os cabelos penteados para trás, da mesma maneira que o pai.

Quando cumprimenta as pessoas com um abraço ou aperto de mãos, Alckmin inclina o tronco em direção ao interlocutor, como na tradição oriental, mantendo plantada no chão a base dos pés, com as pontas voltadas para fora, de modo que metade de seu corpo nunca se aproxima da pessoa.

Instado a falar sobre suas amizades, o governador discorreu genericamente sobre amigos de Pinda e familiares. Citou apenas um nome, o do discretíssimo assessor especial Orlando

de Assis Baptista Neto. Orlandinho, como é chamado o advogado de Caçapava, interior paulista, trabalha com Alckmin há trinta anos. “É um servidor. O menino não tem carro, é formado em direito pela Universidade de Brasília, ia fazer Itamaraty, fala três línguas fluentemente”, destacou Alckmin, que preza o fato de o assessor andar de metrô. Uma de suas missões é ler o Diário Oficial, assinalar com caneta vermelha contratos que secretários firmam sem licitação e levar ao chefe. Ele se recusou a conversar com a piauí.

Alckmin é invariavelmente apontado como uma pessoa fria, característica quase sempre associada a sua formação de anestesista. Costuma ser econômico ao emitir qualquer opinião, sobretudo quando se vê diante de polêmicas. Nessas situações, o governador pressiona os lábios com força, como se dramatizasse involuntariamente que não vai dizer o que está pensando. Sua boca também assume com frequência o formato de meia-lua, numa espécie de sorriso ao mesmo tempo teatral e reprimido. Além da expressão labial, a tensão de Alckmin costuma se manifestar em crises de soluço ou no aparelho digestivo. Neste ano, foi parar duas vezes no hospital, vítima de problemas no intestino: durante a campanha e um mês após a eleição.

Obsessivamente didático, o governador fala de maneira hiperarticulada, sempre se-pa-ran-do as sí-la-bas. Usa muito as mãos, seja para reforçar com mímica o conteúdo do que diz (por exemplo, esticando o polegar e o indicador para imitar uma pistola ao mencionar que a polícia está sendo reequipada), seja para enumerar princípios de vida. “Acordar cedo, deixar a luz do sol entrar no quarto, fazer exercícios físicos para liberar a serotonina, manter uma alimentação balanceada”, diz pausadamente, apertando cada um dos dedos de uma das mãos com o indicador e o polegar da outra ao ensinar o que se deve fazer para evitar o estresse.

O interlocutor quase sempre é mantido numa zona de conforto delimitada pela entonação do discurso, ao mesmo tempo que é atraído por esses mantras que ele repete ou por histórias envolvendo “o saudoso” Covas, o passado em Pinda, contos de Monteiro Lobato e nomes de lugares bem decorados. “Bo-tu-ca-tu. Em indígena: bons ares”, disse-me durante um ato de campanha no interior. É comum vê-lo suprimir verbos das orações e acelerar a última palavra para impor ritmo à sentença.

Também costuma fazer perguntas, a que ele mesmo responde – um cacoete retórico dos tempos em que dava aulas de química orgânica num cursinho para pagar a faculdade de

medicina em Taubaté. “Há uma lei da química: nada se cria, nada se perde, tudo se...? Trans-for-ma. Então, esse é o rio Pinheiros, que vai desaguar na...? Billings. Na re-pre-sa Billings”, repetiu, com um mapa na mão, ao anunciar a jornalistas medidas para a crise de abastecimento de água, na Zona Sul da capital.

Alckmin ainda recorre a algumas citações, que repete em diferentes situações. Uma delas ouvia do pai, que a atribuía a santo Antônio de Pádua: “Se não puder falar bem, não fale nada.” Vale-se também de Santo Agostinho: “Prefiro os que me criticam, porque me corrigem, aos que me adulam, porque me corrompem.” E preza um conselho que diz ser do presidente argentino Juan Domingo Perón à sua terceira mulher e sucessora, Isabelita: “Fale muito das coisas, pouco das pessoas e nada sobre você.”

Em 2006, ainda governador, lançou-se candidato a presidente, chocando-se com as pretensões de José Serra, então prefeito de São Paulo. Ficou célebre a foto no extinto restaurante Massimo – conhecido pela excelência da cozinha e pelo preço extorsivo do cardápio –, onde Fernando Henrique Cardoso, Aécio e Serra se reuniram durante um jantar e tomaram duas garrafas de vinho no valor de 600 reais, enquanto discutiam a candidatura tucana. Nesse mesmo momento, Alckmin estava num rodízio de carnes de 15,90 reais, conversando com o baixo clero do partido. Serra depois decidiria se lançar ao governo do estado, e Alckmin, sem o respaldo do alto comando do tucanato, disputou o Planalto.

“Naquela eleição, nem Jesus Cristo com Roberto Carlos de vice ganharia do Lula”, disse o senador Aloysio Nunes Ferreira, do PSDB paulista, em julho, numa conversa no comitê de Aécio, em São Paulo, de quem foi candidato a vice. Em Minas, Aécio tentava a reeleição e divulgava oficiosamente a chapa “Lulécio”, fazendo de tudo para descolar sua imagem de Alckmin. Eleito governador no primeiro turno, Serra viajou para o exterior, ignorando o colega de partido.

Enredado pela campanha do PT, que o acusava de defender a desestatização de tudo no país, Alckmin passou praticamente todo o segundo turno tentando se desvencilhar da pecha de privatizador contumaz, submetendo-se a posar diante das câmeras com um bonezinho do Banco do Brasil e uma jaqueta com logomarcas da Petrobras, da Caixa Econômica Federal e dos Correios. Conseguiu uma façanha: terminou a campanha com 2,4 milhões de votos a menos do que teve no primeiro turno. Derrotado de forma humilhante e abandonado, tentou ser presidente do PSDB. Serra e Aécio o impediram.

Em meados de setembro, num domingo, quase oito da manhã, Alckmin apareceu na porta da ala residencial no Palácio dos Bandeirantes. Tinha a voz um pouco rouca, de quem havia acabado de acordar, e vestia uma camisa branca com as mangas já arregaçadas. Encaminhou-se para a sala de jantar, adornada com pratos de porcelana, lustre e tapete oriental, e sentou numa das cadeiras de veludo bege, onde está bordado um brasão do estado. Iniciou o dia com chá.

A duas semanas da eleição, a agenda de campanha começaria em uma hora, e ao longo do dia o candidato tomaria em torno de dezoito cafés. “Café que não se deve tomar demais é o expresso”, comentou. Alckmin usa os cafezinhos para se aproximar do eleitor, assim como a paradinha para fotos, que sempre assente com um simpático “opa” ou um animado “claro, querida”.

No carro, a caminho da Zona Leste, perguntei a ele o que acha de Lula. “O Lula é o showman, né? É o encantador.” Gosta do petista? “Não, eu o respeito, acho que ele é uma pessoa inteligente. O cara tem méritos, até a perseverança dele, foi cinco vezes candidato a presidente. Mas é um estilo de política que não me agrada. O PT é difícil. Eu nunca fui próximo do PT. Você tem uma ala em que é inacreditável a falta de limites. Mas tem bons quadros, como todos os partidos.” Alckmin estava sentado no banco da frente, ao lado do motorista. Não anda de carro blindado e diminuiu a segurança pessoal, na contramão de Serra. Alega que isso pode pegar mal perante a população. Sobre Dilma, foi mais elogioso: disse querer manter uma relação “pro-fí-cua, pro-fí-cua” com a presidente, que “sempre agiu de maneira correta”.

Após perder a eleição presidencial, o tucano resolveu se candidatar a prefeito em 2008. Mais uma vez se chocava com José Serra, que apoiava a reeleição de Gilberto Kassab, então na prefeitura. “Foi um problema, porque o PSDB vinha participando com o Kassab no governo. Toda a prefeitura era nossa. Como você vai virar oposição?”, perguntou o ex-governador Alberto Goldman, velho aliado de Serra, em sua sala no comitê de Aécio, em agosto. “Estive várias vezes com o Alckmin para tentar demovê-lo. Ele dizia que gostaria de ser prefeito, porque o prefeito está mais próximo do povo. Eu, o Aloysio e o Serra chegamos a dizer que ele poderia ser o candidato ao governo do estado. Mas ele manteve a posição. E aí não teve jeito.” Boicotado pela máquina tucana controlada por Serra, Alckmin sequer passou para o segundo turno. Saiu da campanha com a imagem de Quixote.

No final de 2009, Serra era governador e se preparava para disputar a Presidência. “As pesquisas davam o Alckmin como o mais popular, o favorito para disputar o governo do estado. E num determinado momento o Serra consultou a mim e ao Goldman sobre o que achávamos de trazê-lo para o governo. Ele achava importante para unificar o partido”, lembrou Aloysio Nunes. Vivendo então seu ostracismo, Alckmin dava palestras e aplicava sessões de acupuntura num hospital público. Aceitou na hora o convite para ser secretário de Desenvolvimento Econômico. Aproveitou para viajar pelo interior e inaugurar o que tinha pela frente. Preparou sua volta e, no ano seguinte, elegeu-se governador, no primeiro turno, com 11,5 milhões de votos.

A assinatura de Alckmin consta em sétimo lugar na fundação do PSDB, ao qual ele gosta de se referir como “a social-democracia brasileira”. Mas, num partido em que os dirigentes contam histórias do exílio no Chile e em Paris e gostam de flertar com hábitos e representantes do topo da pirâmide social do país, Alckmin é tido como um redneck. Não bebe, não fuma, não fala francês. FHC e Serra sempre viram nele um político provinciano, de horizonte acanhado, que cultiva valores paroquiais e está à direita do que, em tese, estariam os ideais do partido.

No palácio, Alckmin tem como secretário particular um integrante do Movimento Endireita Brasil, e um dos colaboradores mais prestigiados é o polêmico promotor Saulo de Castro Abreu Filho, que ocupa a Casa Civil. Ex-secretário de Segurança Pública, Abreu coleciona no currículo troféus como a Operação Castelinho, que resultou na execução pela polícia de doze supostos integrantes do Primeiro Comando da Capital (PCC), em 2002. Socialmente, o governador convive com João Doria Júnior, empresário e apresentador de tevê apelidado de “Riquinho”, que em 2007 fundou o movimento “Cansei”. A família de Alckmin é de políticos da União Democrática Nacional (UDN), partido formado em 1945 em oposição ao populismo getulista e com forte vocação moralista. Os irmãos do seu pai foram eleitos prefeito e vereador em cidades do interior pelo partido conservador.

Quando o questioneei sobre a fama, Alckmin repetiu o conselho de Perón a Isabelita a respeito da discrição. E acrescentou: “Então, eu não sou uma pessoa autocentrada, de ficar falando de mim. Agora, é só você verificar.” Passou a enumerar da participação no diretório acadêmico da universidade, “ligado à esquerda”, à eleição como vereador e prefeito de Pinda, nos anos 70, pelo MDB, que fazia oposição ao regime militar, e sobre o

qual sempre se refere como a turma do “Manda Brasa”. “Agora, o que eu não sou é elitista.”

Defendeu que seus governos promoveram o que chama de “atitudes de vanguarda”, como a lei de combate ao trabalho escravo, de 2013. Foi até sua mesa de trabalho e exibiu a cópia da lei de combate à homofobia, que estava devidamente grifada e já posicionada à sua espera – a lei foi promulgada por ele, em 2001, após proposta do deputado petista Renato Simões. O tucano aceita o aborto apenas nos casos previstos em lei e se coloca contra a descriminalização do uso das drogas, embora diga que está aberto para o debate. Ao ser indagado se já experimentou maconha, respondeu que nem cigarro normal ele trago: “Eu tentei fumar um cigarro, mas não entrou, não passou.”

O desprezo pelo elitismo, de que se orgulha, também assume a forma de certo desdém pela academia. Alckmin se refere com ironia a “esse pessoal da Brown”, uma das mais prestigiadas universidades americanas, onde FHC lecionou.

O vínculo do governador com o universo intelectual se exprime na admiração pelo deputado federal Gabriel Chalita, ex-secretário da Educação do governador. Doutor em filosofia do direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e autor de mais de sessenta livros – entre os quais Seis Lições de Solidariedade, escrito em parceria com a primeira-dama, a partir de diários de Dona Lu –, Chalita exaltou a curiosidade cultural de Alckmin: “Ele gosta de teatro, de cinema. Foi ver o Juca [de Oliveira] no Rei Lear. Adora. Aí, ele começa a ler um pouco mais de Shakespeare porque acha que a atualidade daquilo é muito legal. Mas ele não foi estudar fora, fazer uma carreira acadêmica. Ele fez uma opção de vida, é um homem que se dedicou à política”, contou o deputado, hoje no PMDB, durante um almoço num bistrô em Higienópolis, na Zona Oeste de São Paulo, onde mora.

Os dois se conheceram quando Chalita era vereador numa cidade do Vale do Paraíba. “Alckmin começou a ir a todas as cidades do fundo do Vale para fundar o PSDB, e nós íamos junto. E era muito legal porque ele pedia para eu contar sobre um filósofo. Aí a gente ficava a viagem falando. E é engraçado porque ele sempre foi muito metódico. Dizia: ‘Que ano nasceu Platão? Como chamava a mãe dele, o pai dele?’”

“Ele começou no Monteiro Lobato e parou por lá. Nunca mais leu nada”, atacou um ex-governador, que pediu anonimato. É comum dirigentes tucanos o diminuírem dizendo que ele não fala inglês. O tucano morou cinco meses em Harvard, em 2007, depois que perdeu

a eleição, onde fez um curso de políticas públicas, e teve logo a seguir um professor particular. Alckmin aproveitava para ouvir as aulas no som do carro, entre compromissos. Agora, diz que mantém o inglês lendo revistas. Num evento em agosto, ao falar das estâncias turísticas do estado, mencionou a prática de rafting, descida de bote em correntezas: “Em Brotas tem réf-tim. Lá em Pindamonhangaba é rala-bunda mesmo. Pessoal chique é outra coisa.”

Ele diz que leu “quase tudo” de Machado de Assis, Eça de Queiroz (A Cidade e as Serras), Dostoiévski (Crime e Castigo) e “tudo” de Monteiro Lobato. Em tom solene, narra de cabeça um trecho intrincado de “A vingança da peroba”, conto de Lobato. “Mas eu gosto do Fabio Feldmann [ex-deputado]. Ele pega aqueles livros de 300, 400 páginas, e já manda grifado. Pô, para você pegar um livro de 400 páginas, precisa tirar férias”, disse, ao comentar que vai direto para as partes assinaladas pelo colega.

Toda noite, Alckmin se dedica às palavras cruzadas e ao passatempo japonês Sudoku – deste último, só o nível difícil ou diabólico. Durante uma visita a uma represa do Cantareira, no final de agosto, pediu um jornal para mostrar a uma roda de jornalistas e de engenheiros da Sabesp qual a melhor maneira de fazer o jogo. “Você tem que dobrar, dar a batidinha, dobrar de novo. Aí, vira aqui e com a caneta faz”, explicou, com o jornal dobrado em quatro partes. Depois, contou que havia protestado com a direção do Estadão sobre o tamanho do jogo. “Não pode esse negócio. Tá muito miudinho.”

A maior referência na vida de Alckmin é seu pai. Geraldo José Rodrigues Alckmin era veterinário, ex-seminarista e integrante da Terceira Ordem de São Francisco. Trabalhou como chefe de gabinete na Secretaria de Agricultura no governo Jânio Quadros e como chefe de gabinete do próprio Alckmin, em Pindamonhangaba. “Um santo, impressionante”, falou durante o café da manhã no palácio. Colocou a mão no bolso direito da calça, de onde retirou um velho terço de madeira. “Este terço meu pai rezou a vida inteira. Ando com ele todo dia.” O terço lhe foi dado por um sobrinho, que o encontrou nas coisas do avô após ele morrer, em 1998. Era a segunda vez que Alckmin me contava a mesma história, repetindo o mesmo ritual de retirar o terço do bolso direito. A primeira havia ocorrido semanas antes, em Botucatu.

“Mamãe morreu em 1963. Papai foi pai, mãe, padrinho e parteiro.” Ele tinha 9 anos quando Myriam Penteadro Rodrigues Alckmin morreu de complicações decorrentes de uma

bronquite asmática. Para criá-lo, Geraldo pai contou com a ajuda das duas filhas mais velhas, Maria Isabel, a Bebê, e Maria Aparecida, a Mimi, e da babá Terezinha dos Santos, a Nhá, com a família até hoje. Para o pai e para as irmãs, Alckmin é o “Paiau”, uma tentativa de Mimi reproduzir o vocativo “palhacinho da mamãe”, cunhado por Myriam. A família viveu dezessete anos num sítio em Pinda, onde funcionava uma fazenda experimental do governo para a qual o pai, especialista em piscicultura, foi nomeado responsável.

“Meu pai era muito religioso, todo dia a gente tinha que rezar o terço, cada um rezava um mistério. Todo domingo era missa. Meu pai falava: ‘Não vou deixar dinheiro para vocês, mas uma formação religiosa eu vou deixar.’ A gente rezou demais nessa vida”, disse Mimi em sua casa em Pinda, uma construção típica de classe média do interior paulista, com varanda e um pequeno jardim na frente. Com 6 anos, falante e sorridente, vestindo uma blusa florida, Mimi me recebeu para um café com a irmã mais velha, Bebê, de 67 anos, no dia 13 de agosto, data do acidente aéreo que matou Eduardo Campos. “Meu irmão acabou de aparecer na televisão”, comentou. Num aparador, sob a luz fria da sala, o adesivo “Aécio 45”. Bem mais loquaz que Geraldo, Mimi tem os cabelos curtos e claros, assim como os olhos, que puxou da mãe e da avó paterna, Ida Ravache, descendente de alemães. A atriz Irene Ravache é prima dos filhos do seu Geraldo. O governador diz que essa é a “parte bonita da família” e, ao olhar para o secretário Marcio Aith, que acompanhava nosso café da manhã no Palácio, disse que as sobrinhas “são de parar o trânsito”.

Enquanto comia um pedaço de pão com queijo, o governador citou de cabeça, um por um, todos os mistérios do terço. Começou pelos cinco “gozosos”, que eram rezados às segundas-feiras, e depois partiu para os “dolorosos”, momento em que Aith o interrompeu: “Pra que passar para esses, governador? Melhor ficar nos gozosos.” Alckmin fingiu que não ouviu e seguiu a explanação até chegar aos mistérios “gloriosos” e “luminosos”, quando levantou os braços para falar da “res-sur-rei-ção do Nosso Senhor”.

Ele vai à missa quase todo domingo e tenta confessar quando tem tempo. Em 2003, sofreu um baque quando o filho mais novo, Thomaz, então com 20 anos, engravidou a namorada, uma funcionária do cerimonial do Palácio. Há alguns anos, a mãe da primeira neta do governador processou Thomaz, piloto de helicóptero, por causa dos valores da pensão. Hoje, mãe e filha moram na Noruega.

Depois do café, Alckmin me levou até seu gabinete para que eu visse a cópia de uma carta que o pai lhe escreveu em 1981, quando, com Dona Lu, ele participava de um Encontro de Casais com Cristo. Tirou as três páginas da “cartinha” da primeira gaveta de um móvel de madeira, que faz a função de baú – lá estão guardados desde o santinho da campanha a prefeito de Pinda, ao lado do candidato a vereador Nelson do Esgoto, até o caderno no qual constam todas as anestésias que já aplicou, a primeira em 3 de abril de 1979, numa cirurgia de hernioplastia inguinal. “Os católicos não nascem, fazem-se. É uma escalada difícil”, lê o trecho no mesmo tom grave empregado ao narrar o conto de Lobato. Em novembro, na segunda conversa que tivemos em seu gabinete, Alckmin voltou a pegar a carta. Desta vez, porém, leu-a na íntegra, durante seis minutos e 35 segundos.

As irmãs dizem que, além da fé, o tucano herdou do pai um comportamento franciscano, característica que ele faz questão de divulgar. “Vestir as sandálias da humildade” é um de seus bordões, ao lado de outros que remetem à vida laboriosa, como “amassar barro” e “comer poeira”. Alckmin dedica-se com esmero a pequenas economias do dia a dia do palácio. Determinou que se use também o verso do papel no qual é impressa sua agenda e mandou cortar dos eventos sucos e salgadinhos fornecidos pelo cerimonial. Ficou horrorizado com a champanhe Taittinger servida em uma agenda oficial pelo governo de Minas. Há dois anos foi visitar o filho Geraldinho que vivia no México. Comprou bilhetes de classe econômica. Quando roubaram o Rolex de um familiar, Alckmin buscou em suas gavetas um relógio de plástico, do Bom Prato – programa do governo que vende comida a 1 real – e o deu ao parente, como consolação.

Quando eu quis saber qual fora sua maior extravagância financeira, ele não soube responder. Disse que “só gasta dinheiro fácil quem ganha dinheiro fácil”, e frisou que vive de salário – seus vencimentos líquidos, em outubro, foram de 15 455,99 reais. Uma revista publicou que ele teria dado 10 reais de gorjeta a um engraxate. “Pô, avacalharam a minha boa fama!”, retrucou, negando peremptoriamente que os 10 reais fossem gorjeta. O dinheiro, explicou, era para remunerar o serviço e a graxa, uma vez que o dono do local não quis lhe cobrar nada.

Após um compromisso de campanha, no final de julho, Alckmin resolveu tomar um café no Centro de Artur Alvim, bairro da Zona Leste. Parou no boteco escuro de um chinês. O deputado José Aníbal, vendo uma padaria grande e iluminada do outro lado da rua, insistiu para que fossem para lá: “Tem um empadão...” O governador olhou para mim e

cochichou: “Geraldo Alckmin, o único tucano franciscano.” Terminou o café, pagou o chinês e foi para o outro lado da rua. Na padaria, pediu “metade” de um café. “Zé, aqui é mais caro, é por sua conta. Meu pai dizia o seguinte: ‘Paga mais quem ganha mais.’ O meu é o de lá. Este aqui é dessa turma de Higienópolis”, disse em referência ao bairro, um dos mais valorizados da capital, onde mora Aníbal.

Mimi cita um padre de Taubaté para falar sobre o irmão. “Geraldinho não vai a nada, não aproveita nada. O padre Marquinho é engraçado, ele fala: ‘Eu é que tinha que ser governador, seu irmão tinha que ser padre.’” Alckmin tem um patrimônio declarado de pouco mais de 1 milhão de reais: um apartamento próximo ao palácio, um carro, aplicações financeiras e um sítio em Pinda, onde pernoita uma vez por mês.

A despeito da devoção a São Francisco de Assis, em 2012 ele fez uso do helicóptero do governo para fugir do trânsito paulistano e buscar o filho e os netos que desembarcavam do México no Aeroporto de Guarulhos. Dona Lu recebeu mais de 400 peças de roupa, principalmente vestidos, de presente de um estilista. Quando o tema veio a público, em 2006, ela disse que eram apenas quarenta vestidos e os doou. A filha Sophia mantém um blog de moda onde publica fotos de bolsas, sapatos e joias de marcas de luxo, com as quais mantém relações profissionais. Algumas das fotos são ambientadas nos jardins do palácio.

A religiosidade da família Alckmin tem como origem a avó Ida Ravache. Devota de São Geraldo Magela, adotou Geraldo para o nome de dois dos cinco filhos: o pai de Alckmin, Geraldo José, e o caçula, José Geraldo, que foi ministro do Supremo Tribunal Federal, designado pelo regime militar. José Geraldo foi também um influente integrante da Opus Dei, movimento conservador da Igreja Católica, criado em 1928.

O fundador da Opus Dei, o padre espanhol José María Escrivá, foi acusado de admirar Hitler e o general espanhol Francisco Franco (dois opositores do “ateísmo comunista”), de ter colaborado com o regime franquista e de ter posto em dúvida o genocídio dos judeus pelo nazismo. Escrivá foi canonizado em 2002 pelo papa João Paulo II. Chamada de Obra por seus integrantes, a prelazia prega a retidão moral e diz que é possível alcançar a santidade aplicando no cotidiano os princípios cristãos. No livro *Opus Dei: Os Bastidores*, três ex-integrantes do grupo relatam o uso de objetos em rituais de autoflagelação, métodos de lavagem cerebral, incentivo à castidade e à misoginia.

O ramo da família Alckmin ligado a José Geraldo, o tio Zeca, é da Opus Dei. Alckmin morou com o tio durante o período que passou em São Paulo para fazer cursinho. Anos depois, em 1979, quando prefeito de Pinda, prestou uma homenagem ao líder da Opus Dei e assinou um decreto alterando o nome da antiga rua 13 da cidade para rua Monsenhor José Maria Escrivá. Desde 1976, carrega na carteira um bilhete do pai com uma passagem de O Caminho, livro com ensinamentos do fundador da Obra.

Quando deixou Pindamonhangaba para morar em São Paulo, a prima Maria Lúcia, filha de Zeca, lhe indicou como confessor o padre português José Teixeira, também da Opus Dei. Em 2005, Teixeira convidou Alckmin para participar de grupos de estudo do Evangelho, formado por pessoas ligadas à Obra. Algumas reuniões ocorreram na ala residencial do Palácio dos Bandeirantes. “Fizemos três ou quatro círculos, muito bons. Não tem pauta. Você pega um texto evangélico e comenta. E tira as conclusões do texto”, contou Alckmin sobre os encontros.

Assim que as reuniões vieram à tona, na campanha presidencial de 2006, ele parou de frequentar a turma. Hoje, diz que tem apreço pela Obra. “Tenho grande admiração pela Opus Dei e respeito imensamente quem faz parte dela. Tenho enorme respeito. Aliás, o monsenhor Escrivá é santo da Igreja Católica”, observou.

As relações de Alckmin com a Opus Dei são frequentemente evocadas por seus críticos. Também já tentaram atacá-lo invocando a figura do “ladrão de casaca”, protagonista do filme homônimo de Alfred Hitchcock, sobre um ex-ladrão de joias suspeito de cometer crimes num balneário de luxo francês. Nas eleições para prefeito, em 2000, Paulo Maluf passou a disseminar uma história nebulosa, segundo a qual “o professor favorito de Alckmin era o ‘ladrão de casaca’”.

Numa tarde de novembro, Maluf – que apoiou o candidato Skaf, mas é aliado do governo Alckmin – recebeu a piauí em sua casa, no Jardim América. Sentado no sofá da sala de estar, entre tapetes persas, porcelanas, quadros impressionistas, estamparia floral e pot-pourris que deixam o ambiente com um cheiro adocicado, Maluf falou sobre o governador. “Ele é um homem sério. Nunca foi envolvido em nenhum escândalo.” Citou a seguir uma frase de Winston Churchill: *There is no public opinion, there is published opinion* (Não há opinião pública, há opinião publicada), enfatizando a letra “p” para forçar o sotaque britânico. “Por isso se diz que em Minas não tem governador ruim, porque o que O Estado

de Minas fala é bíblia. No news is good news. E o Alckmin é um pouco isso. Como não tem escândalo, o governo dele é tido como sério, e é sério.” Indo além, o ex-prefeito defendeu a candidatura de Alckmin à Presidência em 2018: “Ele teve uma vitória eleitoral em São Paulo, enquanto o Aécio teve uma derrota eleitoral em Minas. Ele é o candidato natural, pelo peso de São Paulo.”

E a história do “ladroão de casaca”? “Não falo. Não falo. Isso é coisa pessoal. É vida pessoal. Você vai atrás das minhas namoradas, também?”, perguntou, sorrindo, mas já levantando do sofá, deixando claro que a entrevista havia terminado. “Julinha, sem ser neste sábado, no outro, se quiser almoçar no Miski, é minha convidada”, disse, mencionando o restaurante árabe. Caminhou até os jardins de sua casa, de onde se despediu.

O “ladroão de casaca” é o advogado Laurival de Moura Vieira Aquilino. Recebeu o apelido em reportagem da revista *Veja* de setembro de 1983, que tratava de seu envolvimento em oito assaltos à mão armada a mansões de São Paulo. Conhecido como “Dr. Netto”, o advogado frequentava os salões da elite paulistana, dirigia uma Mercedes e ia à Sociedade Hípica Paulista. Com base nas informações que obtinha, inclusive de clientes da mãe, dona de uma loja de roupas no Itaim, passou a organizar seus assaltos. “Ele era pobre, mas conseguiu se misturar. Depois, o comparsa dele foi preso e falou que ele fornecia drogas”, afirmou o ex-vereador Brasil Vita, um dos que tiveram a casa assaltada. “Mas não lembro mais muita coisa. Fatos desagradáveis a gente esquece. E, se lembrasse, também não falaria por questões de segurança”, declarou.

Com informações no submundo do tráfico, Aquilino passou a ser informante da Polícia Federal e da DEA, a Drug Enforcement Administration, agência americana de combate às drogas. Uma de suas delações levou à prisão de duas pessoas e à apreensão de 1 quilo e meio de cocaína no Aeroporto de Cumbica. Aquilino foi assassinado no dia 19 de janeiro de 1990, no segundo subsolo do edifício Central Park, na rua Estela, 515, no Paraíso, onde ficava seu escritório. No inquérito sobre sua morte, ao qual a piauí teve acesso, testemunhas apontam como autora do disparo uma mulher que, abraçada a um ruivo, fugiu num Escort. Arquivou-se o processo sem que o crime tenha sido solucionado, mas a crônica policial o relata como um caso clássico de queima de arquivo por parte do submundo do tráfico.

Aquilino foi o primeiro marido de Lu Alckmin, com quem ela se casou em 1973, segundo registro no 24º Subdistrito de Indianópolis, na capital. Lu tinha 22 anos e ficou casada por apenas oito meses. Em 1976, já separada, conheceu Alckmin num baile em Pinda. Em março de 1979, depois da anulação da união anterior, casou com o tucano. Alckmin considera “lamentável” a tentativa de exploração política do caso. “Essa é uma questão pessoal da Lu. Nem sei quem é essa pessoa, nunca o vi na minha vida. Aliás, ele já morreu. Foi declarada a nulidade do casamento. Se ela se casou com uma pessoa equivocada, tanto foi equivocada que oito meses depois ela separou. Quem era essa pessoa, nem sei. Nunca vi na vida”, disse Alckmin, ao comentar o caso pela primeira vez, na entrevista em seu gabinete. A declaração de que o “ladroão de casaca” seria o maior professor de Alckmin rendeu a Maluf condenação na Justiça, num processo movido pelo governador.

Até hoje Alckmin preserva costumes de político do interior. Sobre a mesa de Rodrigues Alves, no gabinete, mantém quatro cadernos universitários, onde anota dados das reuniões com secretários e aos quais recorre para checar informações. Também tem o hábito de ligar para prefeitos, donos de postos de gasolina e outras pessoas de sua rede de contatos pelo interior do estado. Um dos que recebem telefonemas esporádicos é o tucano Acir Filló, prefeito de Ferraz de Vasconcelos. É dele a biografia *Geraldo Alckmin: o Menino, o Homem, o Político*. “Em 2012, ele ligou lá em casa num domingo de manhã. Fiquei tão encantado que poderia filmar o telefonema. Ele queria avisar que viria à cidade comer um pastel”, disse o prefeito, em seu gabinete, um prédio de estilo colonial na cidade de 182 mil habitantes, na Grande São Paulo.

O prefeito-biógrafo acha que o tucano “nasceu virado pra lua”. “Não tem nenhum brasileiro na política, ou no mundo, que tenha tanta sorte”, disse. “Sorte aliada ao trabalho”, logo emendou. Em 1976, Alckmin se tornou prefeito de Pinda com a bola raspando na trave: levou o cargo por uma diferença de 67 votos. Eleito para quatro anos, ficou seis, beneficiado pela lei que estendia os mandatos até a eleição de 1982. Naquele ano, instado por Montoro, acabou se candidatando a deputado estadual. O próprio tucano avalia que, se tivesse saído da prefeitura em 1980, provavelmente teria se voltado à medicina.

A sorte também o favoreceu no episódio do sequestro envolvendo a família de Silvio Santos, em 2001. O bandido, que dias antes havia sequestrado a filha do apresentador, num enredo cinematográfico, invadiu a residência do dono do SBT e, mantendo-o como refém,

exigiu a presença do governador. Um inexperiente Alckmin, com cinco meses de governo, cedeu à chantagem. Entrou sozinho na casa, onde encontrou o sequestrador de arma na mão. Deu-lhe garantia de vida, caso se entregasse. Quatro meses depois, o criminoso morreu na prisão. Toda a ação foi considerada desastrosa pela imprensa, mas o recém-empossado passou a ser conhecido como “o homem que salvou o Silvío”. Era saudado nas ruas por onde passasse.

Ao comentar sobre o papel da sorte em sua trajetória, Alckmin novamente recorreu à mesa de Rodrigues Alves, de onde trouxe uma edição do livro *Rompendo o Cerco*, de Ulysses Guimarães, amarelada e marcada nas laterais. “Eu nunca tive pretensão de fazer política. Nunca. Minha ideia era sempre a medicina e Pinda. Eu gostava de Pinda”, disse, enquanto procurava um trecho do livro. Quando o encontrou, partiu para a leitura em voz alta, sempre em tom solene. Segurou o livro com a mão esquerda, enquanto a direita regia a leitura, movimentando-se no ar: “Ao político azarado chove no dia do seu comício e dá defeito no microfone na hora que vai falar (...) Napoleão, antes de entregar o bastão de marechal a um de seus generais, investigava se ele tinha sorte.” Conteí-lhe que havia lido sua biografia, e ele disse não gostar de ser o personagem central do livro. Citou mais uma vez o conselho de Perón a Isabelita. “É o contrário do Serra, que é muito auto...” Autorreferente?, perguntei. Ele seguiu recitando a frase de Perón, sem concordar nem discordar.

O ex-secretário de Segurança Pública Antonio Ferreira Pinto considera Alckmin um governador “frouxo” e “titubeante”. “Ele decide basicamente por decurso de prazo. Se preocupa muito em não passar uma imagem repressora. Acaba abrindo mão da autoridade e daí ocorrem excessos ou omissões”, disse Ferreira Pinto, hoje procurador de Justiça aposentado, enquanto fumava um charuto na varanda de um restaurante na Zona Sul da capital.

Ele ocupou o cargo durante três anos e nove meses, nos governos Serra e Alckmin. Enfrentou de maneira inédita a corrupção na Polícia Civil e acabou demitido por Alckmin em 2012, após uma série de desgastes. Seu estilo intempestivo afligia o governador. Ao contrário de Saulo Abreu, Ferreira Pinto não tinha a total confiança do chefe.

Durante nossa conversa, o ex-secretário disse mais de uma vez que o estado “glamoriza” o poder do Primeiro Comando da Capital, o PCC. Para ele, o governo anuncia enfrentar a

facção para tirar dividendos políticos e criar uma cortina de fumaça sobre o aumento da criminalidade em outras áreas, como os roubos. Ferreira Pinto deu um exemplo do que vê como manipulação da opinião pública: em 2013, o Estadão divulgou uma escuta telefônica obtida pela polícia quase dois anos antes, na qual um preso ameaçava de morte o governador. “Era uma escuta gravada em 2011, aquilo não merecia nenhuma consideração, eu nem levei o caso ao governador. Quando veio à tona, em vez de o Alckmin dizer que aquilo era uma paspalhice, porque a informação estava isolada do contexto da facção criminosa, ele disse que não iria se intimidar, como se tivesse sendo rigoroso no combate à facção, e a facção quisesse efetuar uma represália.” O ex-secretário dava leves socos na mesa nos momentos mais exaltados, enquanto falava.

Entidades de defesa dos direitos humanos criticam a atuação da polícia de Alckmin em episódios como a Operação da Cracolândia, em repressão a traficantes e usuários de drogas, e a reintegração de posse em Pinheirinho, quando a Polícia Militar usou a força na retirada de milhares de famílias de um terreno no interior para cumprir uma decisão judicial. As pesquisas do governo nesses dois episódios, e não só neles, apontaram que uma ampla maioria da população respaldava o comportamento da polícia. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública, entidade que agrega especialistas e organizações não governamentais, como o Instituto Sou da Paz, diz que, depois da polícia fluminense, a Polícia Militar paulista é a que mais mata no país. As vítimas, quase invariavelmente, são negros e moradores da periferia.

A taxa de homicídio em São Paulo, índice mais usado para medir a violência, parou de cair desde que Alckmin recebeu o governo de Serra. Estacionou na faixa de 10,5 assassinatos para cada 100 mil habitantes. Em 2001, porém, quando Alckmin assumiu o governo pela primeira vez, a taxa era muito mais alta: 33,3 homicídios para cada 100 mil. O índice hoje está entre os menores do país. O governador alega que é difícil romper a barreira de um dígito e disse que essa é sua meta para os próximos quatro anos. Na campanha, uma das suas principais propostas era aumentar de três para oito anos o prazo de internação de menores que cometeram crimes hediondos. “A lei atual é frouxa”, disse Alckmin, na tevê. Em 2012, após uma operação da polícia no interior do Estado que culminou na execução de nove membros do PCC, ele justificou o saldo da ação com o seguinte comentário: “Quem não reagiu está vivo.” Entre os ativistas dos direitos humanos a declaração foi

carimbada como a versão Tucana do “bandido bom é bandido morto”, associada ao malufismo.

Na Serra da Mantiqueira, a pouco mais de 60 quilômetros de São Paulo, fica a represa de Atibainha. Segunda maior do Sistema Cantareira, com capacidade de armazenamento de 200 bilhões de litros, ela integra um cenário quase edênico, com suas águas verde-escuras circundadas pela mata. No final da manhã do dia 21 de agosto, porém, uma grossa faixa de terra seca e vermelha, entre a água e a vegetação, arruinava a paisagem. A temperatura acima dos 25°C, a umidade relativa do ar a 39% e um céu azul, sem sinal de nuvens, davam a impressão de que estávamos às margens do rio São Francisco, no Nordeste.

Dez minutos antes do meio-dia, o carro preto de Alckmin surgiu em uma estreita estrada de terra, levantando poeira e agravando a sensação de aridez. O governador inspecionou as doze bombas instaladas para captar 77 bilhões de litros do volume morto, água que fica abaixo das comportas da represa e que precisa de máquinas para ser jogada na tubulação. Enquanto observava o equipamento, posava para fotos, usando um capacete de plástico com o logotipo da Sabesp. Depois, atrás de um púlpito e com as bombas às suas costas, falou para as câmeras de tevê. Descartou o racionamento e garantiu que não faltaria água até o final do ano, mesmo se não chovesse. “Mas é evidente que tem chuva”, disse.

“Desde janeiro eu venho falando que precisaria ter decretado o estado de emergência, ter sido feito o racionamento. Hoje, estamos numa situação mais crítica”, disse o engenheiro civil e professor Antonio Carlos Zuffo, com pós-doutorado em engenharia hidráulica e saneamento. De sua pequena sala na Unicamp, três horas depois da inspeção de Alckmin em Atibainha, Zuffo vaticinou: “Tem que conscientizar a população de que o problema é sério. Quando se nega, as pessoas falam: ‘Então vou continuar minha vida normal.’ E continuam abusando, comprando caixa-d’água maior. Agora, se ele falar ‘Existe o problema de água e corremos o risco de desabastecimento’, ele pode perder voto. Então, ele está jogando com a sorte.”

Nelson Biondi, o marqueteiro, conta que durante toda a campanha “tinha um fantasma rondando, que era a porra da água”. “E nós não fizemos um comentário na campanha inteira”, ele lembrou, recebendo como apoio moral um “graças a Deus”, dito por um integrante da sua equipe que acompanhava a entrevista. O tema só foi tratado diretamente

por Alckmin no penúltimo programa na tevê. “Não houve tempo de os adversários explorarem”, disse Biondi, com o colega repetindo: “Graças a Deus, graças a Deus.”

A presidente da Sabesp, Dilma Pena, está mais para Zuffo do que para Biondi. Em uma reunião da empresa neste ano, cujo áudio vazou para a imprensa, ela afirmou ser um “erro” a Sabesp estar tão pouco na mídia para falar da escassez hídrica. Resignada, disse que a “orientação superior” era aquela. Em 2014, as campanhas publicitárias da Sabesp foram tímidas, e o logotipo do governo do estado, que acompanhava as peças, sumiu, numa tentativa de desvincular o Palácio da crise. Eufemismos dominaram a retórica governista: volume morto era “reserva técnica”; corte no fornecimento de água, “diminuição na pressão”. Em janeiro, técnicos da Sabesp propuseram um rodízio. Em julho, o Ministério Público Federal recomendou o racionamento.

O governo paulista não adotou nenhuma das ideias. Alckmin, que repetiu incansavelmente que o estado passava “pela maior seca dos últimos 84 anos”, preferiu medidas alternativas, como o bônus para quem economizasse e obras em outros sistemas para diminuir a dependência do Cantareira. Com os reservatórios em queda, em novembro o governo teve que apelar para a segunda cota do volume morto. A crise é considerada gravíssima, com potencial de comprometer o futuro político de Alckmin. A falta de água já atinge todas as regiões da capital e diversas cidades no interior do estado. A aquisição de caixas-d’água maiores e o recurso a caminhões-pipa e baldes tornaram-se rotina entre os paulistas. Mal encerrada a eleição, Dilma Pena correu para o Palácio e demitiu-se. Ou melhor, usando um eufemismo, “colocou o cargo à disposição”.

“Na verdade, a culpa não é de São Pedro. Não havia estudos dizendo que choveria. Era um desejo de que chovesse, um devaneio”, declarou a procuradora Sandra Kishi, de tailleur e sandálias de salto alto, o cabelo escuro longo e solto, as unhas pintadas de rosa alaranjado. Ela organizou um seminário internacional para debater a crise de água no começo de novembro, mas as principais autoridades do estado, convidadas para falar sobre a questão, não foram.

Em 2004, Sandra, responsável pela área de abastecimento de água no Ministério Público Federal em São Paulo, acompanhou a elaboração de medidas que deveriam ser tomadas para combater a seca daquele ano, entre elas a adoção de um modelo que estipulava a quantidade de água a ser retirada de acordo com o nível do reservatório. “É como um

depósito de suprimentos. Esse depósito deveria durar x, desde que o limite fosse respeitado. Não durou metade de x”, exemplificou. “Parou de chover, mas a retirada continuou acima da capacidade de regularização. O reservatório secou em dois anos. Teria que ter diminuído a vazão, depois que parou a chuva”, declarou Zuffo, na mesma linha. A Sabesp vive da venda de água, o que lhe rendeu um lucro de 1,9 bilhão de reais em 2013. Quanto mais água vende, maior sua receita. É um raciocínio tão simples quanto perverso, pois a empresa que deveria zelar por um produto escasso é a mesma que lucra com sua venda.

Num dia da primeira semana de novembro, pouco depois das 11 horas, o carro preto de Alckmin chegou a uma estação de tratamento de água em Santo Amaro, Zona Sul da capital. No local, seguiu um script parecido com o da visita à Atibainha, dois meses antes. Acompanhado novamente por fotógrafos e emissoras de tevê, e com o capacete da Sabesp, ele inspecionou dois reservatórios, dentro de uma área de 60 mil metros quadrados. Havia, porém, uma diferença no cenário: a chuva. “Graças a Deus”, comentou Alckmin, embaixo de um guarda-chuva empunhado por Paulo Massato Yoshimoto, diretor para a região metropolitana da empresa.

Depois da entrevista coletiva, duas paradas para cafezinhos e fotos com funcionários, Alckmin já se preparava para partir quando encostou numa roda de técnicos da Sabesp. Começou a falar de “José Bento Monteiro Lobato, o grande escritor” e mencionou, então, o trecho de “A vingança da peroba”, o mesmo que repetiria no encontro em seu gabinete, semanas depois. Ao terminar, recebeu aplausos entusiasmados. “Aêêê, governador”, gritou um funcionário.

O engenheiro civil Paulo Massato Yoshimoto é um homem alto, com o cabelo liso e escuro repartido de lado. Tem a voz rascante de quem fuma, está sempre de óculos escuros com lentes fotossensíveis e crachá no pescoço. Parece ter saído de uma foto da Sabesp dos anos 70. É a maior referência sobre o tema no governo paulista, uma espécie de presidente de fato da empresa.

Durante a visita à estação de tratamento, perguntei-lhe sobre a suspeita de que a Sabesp teria retirado do Cantareira mais água do que poderia. Massato afirmou que a empresa seguiu o planejamento de retirada normal até dezembro de 2013, porque havia “previsão de chuva”. “Em dezembro falou-se ‘Opa, não está chovendo’. Aí começamos a tomar as

providências para em fevereiro estar reduzindo.” No áudio vazado da reunião da Sabesp, cuja data, neste ano, ninguém soube precisar, Massato foi catastrófico: “Saíam de São Paulo, porque aqui não tem água, não vai ter água pra banho, pra limpeza da casa. Quem puder compra garrafa, água mineral. Quem não puder, vai tomar banho na casa da mãe lá em Santos, Ubatuba, sei lá.”

Batendo de frente com a Sabesp está o engenheiro Mauro Arce. Aos 73 anos, coleciona um recorde na burocracia tucana: trabalhou com todos os governadores desde Mário Covas. Foi secretário de Energia, Recursos Hídricos e Saneamento, dos Transportes e, agora, de Abastecimento e Recursos Hídricos, cargo que acumula com a presidência do Conselho de Administração da Sabesp. Em março, já em meio à crise hídrica, Arce estava no hospital colocando um marca-passo quando recebeu um telefonema de Alckmin, que o convidava para substituir o então secretário, um deputado estadual da cota do Partido Verde (PV).

“Nós somos um povo latino, queremos que o governo resolva tudo”, afirmou Arce, da sua sala de reuniões, no 14º andar da secretaria, num prédio próximo à Paulista, em setembro. Ele faz coro a Alckmin e descarta o racionamento, que considera “o menos racional” dos meios de economizar água. “Você comete uma violência, fecha a rede, não permite que as pessoas tomem uma decisão. Quem vai guardar água? As pessoas vão encher a banheira.”

Questionado sobre um “acionamento branco” em São Paulo, escamoteado por causa da eleição, respondeu: “Não tinha eleição aqui, todo mundo reclamava que não tinha eleição. Agora tem eleição, todo mundo reclama que você está se comportando de acordo com a eleição.” Segurava o cinto com as duas mãos, enquanto falava esparramado na cadeira. “Temos uma situação de escassez, mas as pessoas estão economizando e estamos conseguindo superar. Vamos começar agora a melhor estação. Nessas estatísticas de 84 anos, temos muito julho que não choveu, mas setembro, muito raro.” Na verdade, em setembro choveu, mas abaixo da média histórica de 91,9 milímetros. No mês seguinte a situação se agravou: outubro de 2014 foi o pior desde 1985. Alckmin se elegeu no dia 5 daquele mês.

Perguntei ao governador se ele descarta o racionamento em 2015. “Nós já ultrapassamos o período mais crítico. Terminou o inverno, estamos no meio da primavera, e a parte pior da seca já passou. A preocupação é a seca do próximo ano.” Nesse exato momento seus netinhos gêmeos entraram no gabinete – um numa bicicleta, outro num triciclo. “Ôôôôô,

temos visita”, interrompeu, animado. “Quem quer ‘cocolate’? Vamos lá”, disse o governador, saindo do escritório com a pequena dupla.

Num parque na Zona Norte de São Paulo, no final de julho, Alckmin caminhava apressado ao lado de Aécio Neves, tentando fugir da garoa fina que ameaçava apertar. “Doutor Ulysses contava uma história que Napoleão, ao escolher seus generais, procurava saber se eles tinham sorte. Aécio tem sorte. Trouxe até chuva”, disse o governador, repetindo a história do livro de Ulysses Guimarães. Oito anos mais velho que Aécio, o paulista parecia pertencer a duas gerações acima em seu uniforme de campanha: camisa de manga comprida com calça de sarja, um pouco curta e larga, sustentada na altura do umbigo por um cinto já gasto. Naquele dia vestia um paletó cinza, que sobrava nos ombros. O mineiro combinava sapatênis, calça mais justa, de cintura baixa, e camisa sobreposta por outra mais larga, de camurça cinza, que fazia a função de casaco.

No decorrer da campanha, Alckmin se esforçou para mostrar lealdade ao candidato presidencial do partido, principalmente porque comprou a tese que o mineiro lhe vendeu assim que começou o segundo turno: ele não disputaria a reeleição, em caso de vitória. “Esse é o Aécio, veio conhecer aqui o trabalho para implementar no Brasil”, disse Alckmin durante visita a uma clínica de reabilitação de usuários de droga em Botucatu. “Aécio estava aqui”, comentou com eleitores da Zona Leste, minutos depois de se despedir do tucano.

O empenho do governador paulista, sobretudo nos compromissos em São Paulo, lhe rendeu o apreço do mineiro. “Obrigado por tudo, você foi um parceiro, um irmão”, disse o senador, num telefonema, ao deixar os estúdios da Globo, no Rio, após o último debate contra Dilma Rousseff, dois dias antes do segundo turno. Alckmin, porém, não deixou de operar de acordo com o que lhe era conveniente. Assim como Aécio incentivou o “Lulécio”, em 2006, ele estimulou a dobradinha Marina e Geraldo, o “Marinaldo”, em 2014. Colocou em seu programa na tevê o candidato a vice de Marina, Beto Albuquerque, e sempre que pôde elogiou a candidata, com quem estampou 40 milhões de santinhos.

Alckmin destaca a “identidade” com o povo paulista como um dos fatores de seu sucesso eleitoral. Perguntei-lhe se isso não seria um empecilho para uma corrida nacional, daqui a quatro anos, e ele respondeu da maneira mais burocrática: “Minha meta não é ser

candidato a este ou àquele cargo. Nosso dever é fazer um bom governo em São Paulo.” Depois desconversou: “Quatro anos são quatro séculos.”

Fernando Henrique Cardoso também vê em Alckmin “o espírito de São Paulo”. “Não é um espírito de mudança brusca. O Geraldo não é uma pessoa de rupturas. É uma pessoa de continuidade”, declarou FHC, para quem o governador não é conservador, mas “muito católico”. O ex-presidente, porém, admite que a paulistice pode ser um elemento limitador em 2018. “Todos os políticos de São Paulo têm sempre dificuldade, porque, como São Paulo cresceu muito e tal, frequentemente em outros estados é o primo rico. Mas o Geraldo tem um jeito do interior de São Paulo que pega outros estados”, disse FHC, em uma conversa por telefone em novembro, antes de viajar para o exterior. “Agora, se isso vai ser suficiente, ainda é muito cedo para dizer.”

O ex-presidente não quis citar favoritos no PSDB, mas destacou como ponto a favor de Aécio a votação de 2014, “maior que a dos outros” tucanos em eleições anteriores.

Apesar de dizer que “quatro anos são quatro séculos”, Alckmin dá pistas sobre o futuro. Avalia que enquanto São Paulo e Minas não votarem unidos, o PSDB não voltará ao Palácio do Planalto. Isso significa que, de alguma maneira, ele e Aécio caminharão juntos.

Em 2011, quando retornou ao Palácio dos Bandeirantes, Alckmin pendurou em seu gabinete um retrato a óleo de 1917 de Rodrigues Alves, “o último paulista eleito presidente”. Nascido em Guaratinguetá, cidade vizinha a Pindamonhangaba, no Vale do Paraíba, Alves foi também um dos representantes do compromisso entre Minas e São Paulo na República do Café com Leite, uma referência aos acordos políticos entre as oligarquias dos dois estados durante a República Velha. Na tela, do pintor ítalo-brasileiro Antonio Rocco, vê-se a mesa que Alckmin hoje usa.

Procuro pelo quadro no gabinete e não o encontro. Pergunto por ele ao governador. “Vem aqui ver”, me diz, tomando a dianteira, apressadamente, por um corredor escuro que nos leva a um grande hall, chamado Salão dos Despachos. Foi para lá que a primeira-dama sugeriu que se transferisse o retrato – talvez um amuleto, talvez o lembrete de uma maldição que ronda o Palácio dos Bandeirantes desde sua inauguração, em 1965. Até hoje nenhum de seus ocupantes conseguiu chegar à Presidência da República.

ANEXO 2

Perfil 2: NA BOCA DO POVO – Os mandos e desmandos de Sérgio Cabral, o governador mais impopular do país

Por Daniela Pinheiro

Outubro de 2013

O visor digital indicou a chegada ao térreo, mas a porta do elevador permaneceu fechada. Seis pessoas se entreolharam. “É hidráulico?”, indagou o governador do Rio de Janeiro, Sérgio de Oliveira Cabral Santos Filho, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro. “Se for, é devagar mesmo.” O ascensorista apertava os botões da emergência e dos outros andares. Usou insistência e força. Debalde. Como era a autoridade máxima presente, Cabral governou outra vez: “Tenta o quatro de novo e vê se sobe.” Nada aconteceu. O vice-governador Luiz Fernando Pezão, que tem 1,90 metro de altura e muito mais de 100 quilos, enfiou os dedos de sua assombrosa mão direita no vão da porta. “Não força!”, disse Cabral. “tô tentando abrir, porra”, objetou o outro. Ao seu lado, o presidente do Tribunal de Contas do Estado, Jonas Lopes de Carvalho Júnior, enxugou uma mina de suor que lhe banhava a raiz dos cabelos. “Eu tenho claustrofobia”, balbuciou bem baixinho, quase inaudível. A caixa de metal continuava imóvel como um enfezado black bloc da avenida Delfim Moreira.

Terminava uma manhã do final de setembro e o grupo de presos acabara de participar da abertura do seminário “Para a melhoria da governança pública”, organizado pelo Tribunal de Contas da União, em um auditório no Centro do Rio. Por meia hora, Cabral foi incensado pelos palestrantes. Disseram que sua gestão era exemplo de retidão fiscal, que era o único a submeter editais de licitação previamente ao Tribunal e que sua política de segurança pública servia de lição para o país.

De sua parte, o governador não se poupou elogios. À plateia, disse ter implantado na polícia bonificações por meritocracia, mencionou pagar a melhor hora-aula para professores estaduais do Brasil e observou que, sob sua batuta, a economia do Rio crescera o dobro da nacional. Ressaltou haver 21 bilhões de dólares em investimentos no estado e garantiu que entregaria em três anos “mais metrô do que foi feito em vinte”. Em tom solene, pregou que o tripé legalidade–moralidade–transparência era a combinação de sucesso na administração pública.

Se um carioca recém-chegado de vinte anos no Ártico entrasse no auditório, jamais imaginaria ser Cabral o mandatário mais hostilizado e pior avaliado do país. Desde os protestos de junho, a aprovação a seu governo desabou de 45% para poucos 12%, segundo medição do Ibope. É um percentual inalcançado em décadas. O recorde ainda é de Fernando Collor de Mello, que tinha 9% de aprovação quando sofreu o impeachment. Contra Cabral, houve passeatas, depredação, tentativa de invasão de prédios públicos, saques de lojas, carros incendiados, ataques à polícia e um vagalhão de apupos que chegou até a avenida Paulista. Por quase cinquenta dias, manifestantes acamparam ao lado de seu apartamento no Leblon para pressionar por uma renúncia. Vizinhos se agitaram, exigindo sua mudança do bairro. Correligionários de longa data evitaram defendê-lo em público, caso do prefeito do Rio, Eduardo Paes. Em solenidades, Cabral passou a ser vaiado com entusiasmo pela multidão. Reeleito há menos de três anos em primeiro turno com 66% dos votos, a grande estrela do PMDB se viu impedido de sair às ruas. Parecia um calcinado corpo celeste caindo num buraco negro.

“É hidráulico ou não é?”, voltou a inquirir o governador. Vexada, a desembargadora Leila Mariano, presidente do Tribunal de Justiça do Rio, explicou que a engrenagem era velha e nunca fora trocada. “Eu já falei para a presidenta Dilma e ela vai ser uma das quatro testemunhas do processo que vou abrir contra o Cabral por insalubridade”, disse Pezão, provocando uma gargalhada desanuviadora – à exceção do magistrado Carvalho, que continuava mudo e suave em bicas. A porta se entreabriu. Parte do cocuruto de um bombeiro surgiu numa nesga sob os pés dos enclausurados. “Ninguém saia do carro, por favor!”, ele gritou, incitando mais risos. “Só se for voando”, disse Cabral, esticando o pescoço como um filhote de pássaro querendo sair do ovo. Depois de uma eternidade – três minutos, ao todo –, viu-se a luz do sol. “Só faltava eu ficar preso, né?”, disse o governador ao receber a lufada de ar quente vinda da garagem.

Era quase hora do almoço e ele estava atrasado para duas audiências no Palácio Guanabara. Acomodou-se no banco de trás do carro blindado, reclamou do calor e passou a relativizar as críticas contra si. “Ao contrário do que você diz, eu posso e estou saindo nas ruas”, falou, deslizando a mão pela gravata azul-cobalto, como se acariciasse o rabo de um gato. “Ontem mesmo fui a Seropédica, Vassouras, Mendes e fui muito bem recebido. Ando por aí direto e sou sempre bem acolhido.”

Mencionei que, na antevéspera, um coro de 85 mil pessoas o havia xingado por um longuíssimo minuto durante uma apresentação no Rock in Rio. Mais uma vez, ele contemporizou. “Ah, isso foi incitado por um cantor, um cara que faz campanha contra mim desde 1997”, disse, referindo-se a Tico Santa Cruz, vocalista da banda Detonautas, que puxou a multidão. “Isso é o Rio de Janeiro. Depende do lugar, do perfil das pessoas. Em 2010, eu me reelei com faixas de ‘Fora Cabral’. O Rio não é trivial.”

O carro avançava pelo bairro do Flamengo e ele prosseguiu a análise sem solavancos. Em suas pesquisas, disse, jamais atingiu o percentual de impopularidade que lhe foi atribuído. “Nunca tive só 12% de aprovação. Variou entre 15, 18, 20. E esse número é velho também, já melhorou”, afirmou, escorrendo novamente a mão pela gravata. Na sua avaliação, o que parecia uma crise sem solução era fruto da exploração de um “imaginário popular” alimentado por adversários que “jogavam abaixo da linha da cintura”.

Havia os que chamou de “profissas de manifestação”, os sindicatos, os partidos políticos – como o Partido Socialismo e Liberdade e o Partido da República –, seus representantes, os black blocs, de quem não se conhecia exatamente a agenda, e os “formadores de opinião”. “É o pessoal que em 2006 fez campanha para a Denise Frossard, em 2008 e 2010 fez para o Fernando Gabeira, em 2012 estava com o Marcelo Freixo”, comentou. Parecia muita gente, disse, mas eram vozes isoladas. Para ele, a oposição soube reverberar com força a onda negativa produzida contra o governo, “mas é uma coisa que está decantando, que as pessoas estão discernindo a ironia por trás dela, vendo que são ataques que não ficam de pé”.

O carro parou em um semáforo vermelho. “A gente vê pelas pesquisas que, em relação à sucessão, não houve nenhum legatário das manifestações”, comentou Cabral. A situação estadual seria diferente do que havia ocorrido em âmbito nacional com Marina Silva, que, depois das jornadas de junho, ganhara musculatura como alternativa a Dilma Rousseff. “O Pezão está lá embolado com todos. Não tem nenhum candidato que passe dos vinte pontos. A diferença é que nós temos uma história de sete anos de mudança no estado. E as pessoas sabem disso”, falou. Ao cruzar os portões do Palácio Guanabara, Cabral concluiu: “Isso é um processo. Um governante democrático tem que entender. Há de se ter paciência e tolerância. Essa é a palavra: to-le-rân-cia.”

Numa tarde de agosto, o vereador e ex-prefeito Cesar Maia, do Democratas, despachava em seu gabinete na Câmara Municipal. Vestia uma camisa listrada de branco e azul e tinha uma gravata vermelha pendurada nos ombros como uma echarpe. Assertivo e focado, ele fala rápido, tem o olhar injetado e enormes fios de sobrancelha que apontam para cima como pequenas antenas. Rabiscava o verso de um papel com uma pesquisa do Instituto GPP. O levantamento de opinião pública mostrava que, três meses antes dos protestos, mais de 60% da população não sabia citar uma realização do governo Cabral.

Cesar Maia enumerou o recheio do “imaginário popular”, citado por Cabral. “Vamos lá”, começou, “gastos exorbitantes na festinha de sorteio da Copa do Mundo, construção de estádios, a boa vida, viagens para o exterior, ligações promíscuas com Eike, Cavendish, guardanapo, helicóptero, marquetagem, relação péssima com os servidores públicos, catástrofe na serra fluminense e ele sempre viajando, Amarildo, vídeo chamando menino de otário, escritório de advocacia da mulher.” Recuperou o fôlego e perguntou: “É bastante, não?”

Segundo ele, os protestos de junho afetaram a imagem de todos os políticos, mas a situação de Cabral era de outra ordem. “A passagem de ônibus foi um tipping point. Com ele, o que houve foi um processo cumulativo, foi a desfaçatez de anos, que estava represada, que veio à tona”, comentou. Para o ex-prefeito, Cabral virou o retrato acabado da ignomínia da política nacional. “Quando a população se vê à deriva, você tem que escolher sua Geni de estimação, um fato ou personagem para aglutinar e canalizar a revolta das pessoas. Ele foi fácil. Quem colecionou tanta impropriedade assim?”, perguntou.

Dali a alguns minutos, Maia participaria de uma votação em plenário. Levantou-se e fez o nó da gravata deixando o colarinho da camisa em riste, como a gola da capa de um vampiro. Em sua opinião, a situação de Cabral era irreversível e a tentativa de emplacar Pezão como sucessor, um devaneio. “Quando eu saí da prefeitura, eu tinha 25% de ótimo e bom e 35% de ruim e péssimo. Tinha uma campanha da TV Globo contra mim, a epidemia de dengue, tudo muito ruim, mas eu podia andar na rua. Ele tem 12% de bom e 50% de péssimo. Isso é mortal”, falou.

Primogênito do jornalista e crítico musical Sérgio Cabral, um dos fundadores do Pasquim, e da museóloga Magaly, Serginho – como é chamado na intimidade – teve uma infância de garoto de subúrbio. Nasceu no Engenho Novo e foi criado em Cavalcanti, onde jogava bola

e soltava pipa na rua. A família se mudou para São Paulo quando o pai trabalhou na revista Realidade. De volta ao Rio, instalaram-se no Leblon. A casa era frequentada por sambistas e jornalistas cariocas de esquerda. Virou então um integrante da jeunesse dorée, que discutia comunismo no Arpoador.

Desde cedo, Cabral gostou de política. Escrevia no jornal da escola e discursava se houvesse três pessoas reunidas. Aos 15 anos, frequentava reuniões da Juventude Comunista e, aos 18, já militava no grupo jovem do Movimento Democrático Brasileiro – partido de oposição consentida na ditadura. No 2º grau, foi expulso do colégio por ter conclamado os alunos a montar um grêmio estudantil. Nessa época, participou da campanha de seu pai para vereador e foi um dos coordenadores do comitê que apoiou a eleição indireta de Tancredo Neves.

Foi quando conheceu sua primeira mulher, Suzana, com quem teve três filhos. Ela é sobrinha-neta de Tancredo Neves e filha de Gastão Lobosque Neves, proeminente empresário do ramo de minério em Minas Gerais. Cabral sempre teve uma diligente admiração pelo sogro e o clã Neves. Ficou muito amigo de um primo da mulher, Aécio Neves, com quem fumava nos fundos do avião que levava Tancredo aos comícios pelas eleições diretas à Presidência. Tornou-se inseparável de um tio de Suzana, o senador Francisco Dornelles, do Partido Progressista. É a ele a quem recorre em encruzilhadas políticas.

Formado em jornalismo sem jamais ter exercido a profissão, ele nunca cogitou outra carreira que não fosse a dos palanques, dos gabinetes, das viagens – de campanha ou não. Numa antiga entrevista, seu pai disse que “o Serginho gosta tanto de eleição que, se pudesse, ele se candidataria a papa”. Trabalhou no gabinete do pai na Câmara Municipal, mas vivia com conforto graças à família da mulher. Em 1987, aos 24 anos, Cabral assumiu seu primeiro cargo público. Foi nomeado diretor de Operações da Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro a pedido do sogro e do pai. Eles insistiram com o então governador Moreira Franco para que desse uma chance ao jovem e ambicioso aspirante a político. A aposta vingou. Em pouco tempo, Cabral implementou dois projetos que se tornariam sua marca registrada junto ao eleitorado: o Clube da Maior Idade e os Albergues da Juventude. Passou a ser adorado por velhinhos e mocinhos.

A profícua atuação à frente dos programas o levou ao PSDB e ao cargo de deputado estadual – para o qual foi eleito em 1990 com tímidos 12 000 votos. Aproximou-se do então prefeito Marcello Alencar – à época no Partido Democrático Trabalhista –, que contava com alta popularidade, diferentemente do que ocorria com o governador Leonel Brizola. “Quero ser um novo Marcello sem o Brizola para atrapalhar”, era o slogan de campanha de Cabral à prefeitura em 1992. Não deu certo e foi derrotado. A maior visibilidade lhe rendeu frutos. Em 1994 garantiu a reeleição para a Assembleia fluminense com 168 mil votos.

A essa altura, Sérgio Cabral já encarnava os atributos que vieram a defini-lo no futuro. Animado, adaptava-se como um Zelig a situações e pessoas. É dotado de uma dose de fanfarrice, que costuma soar simpática, quase sedutora, conferindo-lhe um ar eternamente juvenil. Aprendeu com o pai a contar piadas, a soltar bons mots, além de discorrer sobre boemia, samba, futebol e demais clichês da carioca. Por outro lado, sempre cultivou o modo tradicional de ganhar votos: mandar cartões de aniversário para eleitores, não perder um baile da terceira idade, beijar crianças de colo, chamar prefeitos do interior de “meu querido”, contratar cabos eleitorais, tratar empresários como sumidades e atender pedidos de emprego.

Bom de palanque e de rua, criou uma série de frases para todos os gostos: “Meus filhos e minha família têm acesso à saúde e à educação e a maioria não tem. Isso é muito injusto”, falava com indignação à gente pobre. “A economia só se desenvolve se soltar a criatividade do empresário”, defendia junto a proprietários. “Sou a síntese social do Rio”, dizia a todos. Quando precisava, mencionava ter saído do subúrbio apenas aos 7 anos. Se outra situação pedia, lembrava que sua casa sempre foi frequentada por artistas e intelectuais. Em um terceiro cenário, podia se valer do parentesco torto com a aristocrática família Neves. Entre os pares na política, ele é tido como ambicioso, organizado, jeitoso e com afiada percepção de oportunidades. É considerado o mestre das evasivas. Um deputado estadual da base governista me contou que, quando o governador Cabral fala “Que maravilha, vamos nessa!”, quer dizer exatamente o contrário.

Em 1994, Marcello Alencar se elegeu governador e seu afilhado político conquistou a presidência da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Aos 31 anos, Sérgio Cabral se cobriu com o manto da austeridade e começou a coibir regalias. Nunca se esqueceu de avisar a imprensa dos seus feitos. Foi na frente de repórteres que apresentou o arsenal

bélico apreendido com os seguranças de seu antecessor, o deputado José Nader, e a salinha secreta, dentro de um banheiro, que seria usada – dizia-se – para acertar pagamentos. Dispensou o motorista da Casa e ia para o trabalho dirigindo o próprio carro, um Voyage.

Teve uma atuação profícua e ruidosa. Conseguiu aprovar o fim da aposentadoria especial para parlamentares e estabeleceu um teto para o funcionalismo público. Também agiu para melhorar a vida de setores da população. Ajudou a implantar o Passe Livre para estudantes da rede pública, deficientes físicos e maiores de 65 anos. Firmou-se na opinião pública como “o novo”, “o austero”, e passou a contar com uma forte simpatia da imprensa local, sobretudo emissoras de rádio.

Dois anos depois, candidatou-se novamente à prefeitura. Na frente das pesquisas, Cabral dava como certa a eleição, já que seu principal adversário era o poste da vez: o desconhecido Luiz Paulo Conde, secretário de Urbanismo do prefeito Cesar Maia, do finado Partido da Frente Liberal. Durante a campanha, o deputado Miro Teixeira, candidato pelo Partido Democrático Trabalhista, acusou Cabral de ter embolsado diárias da assembleia para viagens jamais realizadas. Ele negou e atacou o adversário, chamando-o de “político velho e carcomido”. Os adversários revidaram dizendo que era a prova de que Cabral não gostava de velhos.

“A campanha foi toda errada”, disse-me um dos coordenadores de seu comitê eleitoral na ocasião, hoje parlamentar. “Ele parecia um mauricinho vazio, que estava ali a passeio.” Outro equívoco foi ter subestimado o poder de Cesar Maia, que acabara de inaugurar dezenas de obras pela cidade. Derrotado por Conde, Cabral ficou prostrado. Em momentos de crise, ele costuma se abater fisicamente. Tranca-se num quarto escuro, fica dias incomunicável com a cabeça soterrada no travesseiro, à base de calmantes.

Em 1998, Anthony Garotinho, radialista evangélico, foi eleito governador pelo Partido Democrático Trabalhista, numa ampla coalizão de legendas de esquerda. A campanha de Garotinho foi fincada na crítica à gestão de Marcello Alencar e, por consequência, à turma de Sérgio Cabral – sobretudo no que dizia respeito às privatizações. O governo vendera quase todas as empresas públicas estaduais – barcas, energia elétrica, trens urbanos e o Banco do Estado do Rio de Janeiro, o Banerj.

A um mês da posse de Garotinho, Cabral participou de uma gravação clandestina, que revelou um esquema de cobrança de propina na privatização da Companhia de Água e

Esgoto, a Ceda, que acabou suspensa. A denúncia foi uma punhalada no peito de Alencar e reduziu a pó a sólida amizade e parceria que os unia dando início a um belicoso confronto diário pela imprensa.

É quando se toma conhecimento de uma novidade: Cabral havia ficado rico. Apesar de viver com o salário de deputado estadual, Cabral, segundo Marcello Alencar, tinha um patrimônio incompatível com sua renda. Pela primeira vez, soube-se da casa no condomínio Portobello, em Mangaratiba, um assunto sobre o qual o governador ainda hoje tergiversa. A propriedade, avaliada por corretores em 5 milhões de reais, tem as estruturas interna e externa feitas com divisórias drywall, toda importada dos Estados Unidos. À época, ele informou dar consultoria política a um publicitário, o que justificava seus rendimentos.

Há dois anos, a revista *Época* mostrou que, para quitar a casa, Cabral fizera empréstimos junto a seu chefe de gabinete, ao subchefe e a um assessor, que ganhavam um décimo do valor que disponibilizaram ao patrão. Também aparecia dinheiro do sogro e de Suzana Neves na negociação do imóvel. Em sua declaração de bens entregue ao Tribunal Superior Eleitoral, ele alegou que o valor da casa era de 200 mil reais.

Marcello Alencar ainda acusou Cabral de empregar parentes em cargos no Tribunal de Contas do Estado, incluindo seu irmão e sua segunda mulher, a advogada Marise Rivetti. Ele negou as acusações, xingou Alencar, condenou o nepotismo e apresentou provas de que os familiares eram assíduos. Dizendo ser “inviável” sua permanência entre os tucanos, Cabral rompeu com o partido e voltou à casa de origem, o PMDB-cansado-de-guerra, mas ainda com excelente apetite. A partir daí, aliou-se a Garotinho, o que lhe garantiu a continuidade à frente da Assembleia Legislativa do Rio. No ano seguinte, a investigação sobre a compra da casa de Mangaratiba foi arquivada na Justiça.

Foi no começo de 2001 que a advogada Adriana de Lourdes Ancelmo, então assessora da Procuradoria-Geral na Assembleia fluminense, conheceu seu futuro marido. Ela aguardava o elevador privativo quando o presidente da Casa, Sérgio Cabral, chegou com seu vasto entourage. A jovem se apresentou a Cabral, que ficou encantado com a morena de sorriso largo e atitude destemida. Ele estava em sua terceira união e ela era casada havia sete anos com um advogado, dono de um modesto escritório no Centro da cidade. Separaram-se e logo foram morar juntos. No ano seguinte, nasceu o primeiro dos dois filhos deles, que só

vieram a celebrar oficialmente a união três anos depois, em uma cerimônia para 900 convidados no Copacabana Palace. A festa, cujo salão foi decorado com 4 mil dúzias de rosas vermelhas, foi retratada em seis páginas da revista Casamento. A lua de mel foi em Paris.

À frente da Assembleia, Cabral foi um fiel parceiro de Garotinho, garantindo maioria do plenário nas votações de interesse do governo. Em 2002, lançou-se ao Senado e foi eleito com 4,2 milhões de votos, a maior votação para o cargo na história do Rio. Morando em Brasília, longe da família, dos amigos, recém-casado e com filhos pequenos, Cabral detestou o novo trabalho. Aborrecia-se com a modorra e os conchavos no cafezinho do plenário. Quando podia, ausentava-se. Um levantamento da Mesa Diretora do Senado mostrou que, de 2003 a 2005, ele havia faltado a um terço das votações, ou seja, havia acumulado 178 faltas. O maior feito de seu mandato foi ter sido o relator do Estatuto Nacional do Idoso, o que lhe valeu mais admiração do antigo e fiel eleitorado.

Rosinha Garotinho sucedeu o marido e era a governadora em 2005. Sem poder disputar mais um mandato, o casal Garotinho, então no PMDB, resolveu apoiar Cabral para substituí-la no comando da Guanabara. Colocaram a estrutura do governo à disposição da campanha e, em troca, indicaram o vice na chapa, Luiz Fernando de Souza “Pezão”, ex-secretário de governo de Rosinha, ex-prefeito de Piraí, cidade que havia sido bombada com recursos dos cofres estaduais. Ali, Pezão promovera o que chamou de “revolução tecnológica” com wi-fi público gratuito.

O governo Rosinha contava com boa popularidade entre os mais pobres, mas era desprezado pela elite. Orientado por marqueteiros, Cabral passou a imagem de querer romper com a continuidade, sem enterrar os programas assistencialistas aprovados pelo povo. Adversários ressaltavam o enriquecimento mal explicado, a casa de Mangaratiba e sua atuação na Assembleia. “Quando ele foi presidente da Alerj, houve 66 CPIs, todas feitas só para achacar empresários”, disse à época Elder Dantas, vice na chapa de Denise Frossard, do PPS, sem apresentar provas.

Uma história me foi contada por três interlocutores distintos. Rosinha havia decidido se desincompatibilizar do governo para se candidatar ao Senado e garantir um cargo público. Com sua saída, assumiria o vice-governador e ex-prefeito, Luiz Paulo Conde. Às vésperas da saída, Cabral e Regis Fichtner – hoje chefe da Casa Civil do governo – apareceram na

residência oficial durante a noite. Queriam convencer o casal para que Rosinha terminasse o mandato. De acordo com os relatos, Cabral disse que, se Conde assumisse, ele o trairia e acabaria com o projeto dos Garotinho – e dele próprio – de fazê-lo governador do Rio. Depois de uma longa conversa e a garantia de que continuariam parceiros no governo futuro, o casal topou a proposta. Rosinha ficou, Conde não assumiu, e Cabral foi eleito governador do Rio com mais de 5 milhões de votos.

No dia seguinte à eleição, Cabral não atendeu aos telefonemas de Garotinho. E não os atendeu nunca mais. A amigos, Sérgio Cabral nunca escondera seu desprezo pelo ex-governador. Eleito, livrou-se dele. De sua parte, Pezão também se afastou. Um ministro de Dilma Rousseff me relatou uma reunião do partido, na qual Rosinha chamava Pezão de “traidor” na frente de todos, ao que ele permaneceu calado. O casal Garotinho, que contava com secretarias e autarquias, como a Cedae, só fez nomeações no Departamento Estadual de Trânsito.

Durante o mandato de Cabral, o Tribunal Regional Eleitoral deixou os Garotinho inelegíveis e cassou o mandato de Rosinha como prefeita de Campos dos Goytacazes. A Justiça prendeu o chefe da polícia do governo de ambos, o deputado Álvaro Lins. Ele e Garotinho foram acusados de lotear cargos nas delegacias do Rio e condenados por formação de quadrilha. Dez entre dez observadores fluminenses enxergaram as digitais de Cabral nos processos contra o casal. O ódio entre eles é do tipo visto apenas em filmes preto e branco estrelados pela atriz Joan Crawford.

Ao assumir o governo do Rio, Sérgio Cabral acabou com a nomeação política para cargos na Segurança Pública, na Saúde e nas inspetorias da Fazenda. Formou uma equipe de perfil mais técnico, equilibrou as despesas do estado no primeiro ano e logo produziu um superávit nas contas, o que não se via fazia muito tempo. Ainda nos primeiros meses, duas barbaridades abateram o governo: a morte do garoto João Hélio, arrastado por bandidos num assalto, e a chacina do Alemão, na qual dezenove pessoas foram mortas pela polícia. O problema do banditismo, e sua relação visceral com a polícia e o tráfico de drogas, continuava insolúvel.

“Aí, acontecem as duas coisas mais importantes da vida do Cabral: a invenção das Unidades de Polícia Pacificadora, quando ele encanta a elite e a imprensa, e a proximidade com o presidente Lula”, disse-me o deputado estadual Luiz Paulo da Rocha, do PSDB.

Desde o início, a ocupação das favelas pela polícia teve audiência de novela das nove. Na primeira página de O Globo, a entrada do Exército na Vila Cruzeiro, no complexo do Alemão, por exemplo, foi comparada à invasão da Normandia por tropas aliadas. Quando se anunciava a instalação das UPPs, o espetáculo era televisionado ao vivo, com direito a suíte no dia seguinte mostrando a nova realidade local. Houve uma queda significativa dos índices de criminalidade. Pela primeira vez em anos, a taxa de homicídios no estado ficou abaixo de trinta mortes por cada grupo de 100 mil habitantes – embora ainda superior à taxa de São Paulo, em torno de dez para cada 100 mil habitantes. A sensação de bem-estar da população era reforçada pelo noticiário entusiasmado com as realizações do governo.

Em paralelo, Cabral construiu uma ponte com o Palácio do Planalto, selando uma umbilical relação com o presidente Lula. “Foi um encontro de interesses mútuos”, lembrou um deputado federal petista. Para Lula, interessava ter um aliado na segunda maior capital do país, já que São Paulo e Minas Gerais estavam com os tucanos. De sua parte, Cabral estava interessado em verbas e investimentos, que viabilizariam obras e realizações em seu governo. Somou-se a isso a empatia entre o governador e o presidente, celebrada várias vezes em público. O Rio de Janeiro nunca recebeu tantas verbas de Brasília quanto no governo Lula.

Sérgio Cabral se apresentava como um governante atualizado, pragmático, pós-ideológico, com uma agenda modernizadora, inclusive no terreno dos costumes. Disse ser favorável à legalização das drogas e do aborto. Propôs à Previdência do Rio pagar pensão a casais homossexuais. Angariara prestígio, simpatia de jornalistas, dos patrões da mídia, do Palácio do Planalto, das organizações não governamentais. Finalmente se tornara um personagem nacional. Concomitantemente, sua imagem era vendida a peso de diamante por uma das maiores empresas de comunicação do país, a FSB, e, mais tarde, pela Prole, uma ascendente agência publicitária, que lidava com a propaganda institucional do governo.

Entre janeiro de 2007 e setembro de 2013, o governo Cabral gastou 715 milhões de reais na rubrica “Serviços de comunicação e divulgação”, de acordo com dados do Sistema de Administração Financeira para Estados e Municípios. “Isso é só o que foi gasto para divulgar o que ele fez no governo. É uma média de 100 milhões por ano, o equivalente ao orçamento anual inteiro de um município de pequeno porte”, disse o deputado tucano Luiz Paulo da Rocha.

Mesmo diante das viagens cada vez mais frequentes ao exterior, ou dos impropérios disparados em público – como chamar médicos faltosos de “vagabundos e safados” –, ele parecia reagir com naturalidade. “Sofro por estar fora, mas tenho que vender o Rio”, disse em uma ocasião. “O presidente Lula também é criticado por isso. Então, estou em boa companhia.” No final do primeiro ano de governo, Sérgio Cabral havia passado uma média de um a cada seis dias fora do Brasil. A euforia aumentou com a economia a todo vapor, as promessas do pré-sal, a Copa do Mundo, as Olimpíadas. O Rio voltou ao primeiro plano. Sem percalços, Cabral elegeu em 2008, em primeiro turno, seu candidato a prefeito da capital, Eduardo Paes. A amigos, ele nunca escondeu o sonho de ser o vice na chapa da reeleição de Dilma em 2014.

Corria o 23º dia do “Ocupa Cabral” na esquina da avenida Delfim Moreira com a rua Aristides Espínola, no coração do Leblon, o metro quadrado mais caro do país. A 100 metros do apartamento de Sérgio Cabral, seis barracas de camping, uma extensa cobertura de lona preta e outra tenda branca tomavam conta de parte da calçada e de uma faixa da avenida, criando um funil para o trânsito. No entorno, havia cadeiras, bancos, espelhos, isopores, uma quantidade industrial de cobertores sujos e embolados, faixas de protesto e uma caixa de som profissional conectada a um gato feito no poste de luz. Ouvia-se música eletrônica quase o dia inteiro.

Era um final de tarde e cerca de trinta pessoas davam conta da rotina diária do acampamento. Um rapaz magro, sardento e articulado, apresentou-se como Bruno Cintra, mais conhecido como Bruno Ruivo. Um dos coordenadores do Ocupa, ele segurava o livro Constituição Federal para Concursos e teclava em um iPad, cedido aos manifestantes por um estudante da Pontifícia Universidade Católica, morador do Leblon. Cintra me mostrou o histórico dos dias de ocupação, organizado como numa tabela Excel, e depois contou como nasceu o movimento. Segundo ele, no final de junho, “o Pepe, o Maicon e o Zeca” estavam em um bar e assistiam a um pronunciamento de Dilma Rousseff em rede nacional. “Uma hora ela mencionou a baderna em relação aos protestos. Aí, eles falaram: ‘Baderna? Vamos dar uma lição neles’”, contou. No mesmo dia, divulgaram pela Mídia Ninja e pelas redes sociais que se instalariam na porta do governador. O maior dos atos organizados por eles reuniu 4 mil pessoas na rua de Cabral. Dez dias depois, a polícia desmontou as tendas na marra e prendeu um dos que protestavam.

Em menos de um mês, eles estavam de volta. Dessa vez, sem previsão de ir embora. Um rapaz com o capuz preto do moletom enterrado na cabeça interrompeu a conversa. “Me dá aí o iPad, meu”, disse. “Combinei de encontrar uma mina, libera aí para eu ver se ela mandou mensagem no meu Facebook.” A contragosto, Ruivo lhe passou o tablet. Uma dupla de jornalistas italianos fotografava tudo. Outro repórter, um afegão com uma filmadora a tiracolo, aproximou-se e Ruivo se dirigiu a ele em inglês fluente. Cintra me disse ser estudante universitário e morar na Zona Sul com o irmão, que “tinha trabalho, todo certinho”.

Passaram pelo acampamento estudantes, desempregados, indolentes, trabalhadores, curiosos, mendigos, adictos, sem-teto, moradores dos vizinhos Morro do Vidigal e da Rocinha, rebeldes com e sem causa, neo-hippies, militantes de partidos e os black blocs. No auge da ocupação, a população flutuante chegava a quarenta pessoas de dia, reduzia-se à metade durante a madrugada e dobrava nos fins de semana. Dividiam-se em grupos: segurança, mídia e mobilização, limpeza, estratégia política e materiais. Cintra era da estratégia política. Um rapaz, chamado de Islã, era o chefe da segurança. Usava jaqueta de couro preta mesmo nos dias mais quentes e ficava sentado horas a fio em uma cadeira de praia.

Eles haviam feito um acordo com os seguranças do Posto 12, em frente à praia, para, por 50 reais por dia, usar o banheiro e o chuveiro à vontade. Ao público em geral, custa 2,80 por pessoa a cada vez. As baterias dos celulares eram carregadas em portarias de prédios da orla por zeladores, que se ofereciam para a tarefa. Na hora das refeições, contavam com doações de vizinhos ou cada um se virava para comer o que desse.

O dia passava na modorra. Conversavam entre si, falavam para as câmeras da mídia alternativa sobre qualquer coisa o tempo todo, pediam dinheiro para motoristas, iam até o mar, voltavam com olhos vermelhos, rindo muito, entoavam gritos de guerra contra Cabral, dançavam como numa festinha ao ar livre. Boa parte do tempo era usada para discutir uma maneira de engrossar algum protesto ou cultivar o desprezo por inimigos comuns: a imprensa – as Organizações Globo, em particular –, o governo e o capitalismo. A maioria fazia questão de parecer enfastiada com a presença dos jornalistas. Como uma Greta Garbo voluntariosa, a black bloc conhecida por Emma, que estampou a capa da revista Veja, dispensava pedidos de entrevistas. “Não tenho mais nada para falar.” Por três vezes, perguntaram-me se eu era da “mídia burguesa”.

Luiza Dreyer tem 23 anos, estudou no tradicional Colégio Santo Inácio, mora com a mãe no bairro do Flamengo e trancou a faculdade na PUC. Estava acampada desde o primeiro dia e, uma vez por semana, voltava para casa para pegar roupas limpas ou “lavar o cabelo direito”. Ela estendia camisas e shorts masculinos em um varal improvisado, preso a duas árvores no canteiro da avenida. “Olha o tanto de coisa que conquistamos. O Cabral voltou atrás em várias decisões porque fomos lá e brigamos. Isso mostra nossa força. Agora ele vai ter que dizer cadê o Amarildo!”, disse, referindo-se ao sumiço do ajudante de pedreiro, que se suspeitava ter sido morto por policiais na Rocinha. Perguntei se pensavam que o movimento poderia se institucionalizar e, eventualmente, virar um partido. “Não estamos pensando nisso agora. O objetivo hoje é efetuar as mudanças e tirá-lo do governo.” A moça, que também era assídua da Marcha das Vadias, disse que a mãe ficava preocupada com sua ausência, mas que “agora entendia a importância de participar dos protestos”.

Um carro da Globosat ficou preso num extenso engarrafamento na Delfim Moreira. “É a Globo, é a Globo, vamos lá!” Uns saíram correndo, outros pegaram balões a gás recheados com tinta, um black bloc tirou um spray laranja de dentro de uma barraca. “Foda-se a Globo!”, ouvia-se. Minutos depois, voltaram com ar satisfeito. Contaram ter pichado todo o carro e disseram que o motorista havia ficado com medo. “Falamos para ele que não era nada pessoal”, explicou-me um rapaz magro de barba por fazer.

No final da tarde, apareceu Ernesto Fuentes Brito, guru dos acampados, que usava uma boina a la Sierra Maestra. Filho do historiador Elinor Mendes Brito – um dos setenta presos políticos trocados pelo embaixador suíço Giovanni Bucher, sequestrado pela Vanguarda Popular Revolucionária, em 1970 –, ele tem 36 anos, nasceu no Chile, onde o pai ficou exilado e é professor de biologia. Estava desempregado havia três meses. “Fui demitido por minhas ideias, mas também porque eu queria uma vida mais libertária”, contou. Desde então, havia passado a organizar atos e manifestações pela cidade contra o governo Cabral. Ele contou manter um apartamento na Zona Norte, cujas despesas de manutenção eram pagas com suas economias. “Eu tenho uma reserva”, disse-me.

Sentado na calçada, Fuentes apontou um black bloc que rebojava agachando-se até o chão ao som da Gaiola das Popozudas em companhia de outros cinco manifestantes. “Veja aquele garoto. É negro, pobre, encontrou um lugar para ser libertário e viver como quer”, disse, professoral. “Ele não é morador de rua. Ele escolheu morar na rua, é diferente. Isso é um ideal, é muito importante.” O black bloc começou a gritar “Vai se foder” para um

carro. “Peralá, isso não!”, Fuentes lhe chamou a atenção de longe. “Foi mal, foi mal”, respondeu o rapaz.

Por alguns minutos, o professor passou a discorrer sobre a luta de classes e como a imprensa, os bancos e os governos têm uma agenda que jamais beneficiará a maioria. De um utilitário preto, um playboy segurando uma latinha de cerveja buzinou e acenou para os manifestantes. “É isso aí! Fora, Cabral!” Com um sorriso contido, Fuentes comentou: “Isso é bem Bertoldo.” Fiz cara de interrogação. “Bertoldo Brecht. É a coisa do motorista e do patrão. Quando bebe, fica legal e justo, é capaz de oferecer a filha para o motorista. Mas quando baixa o teor do álcool, o abismo social volta com força”, disse em referência à peça *O Senhor Puntilla e Seu Criado Matti*. “Quando a elite bebe, vem aqui, abraça a gente... Depois, quer distância”, concluiu.

Um ônibus se ateu no engarrafamento e um passageiro passou através da janela uma faixa em que se lia “Fora, Sérgio Cabral e Eduardo Paes. Respeitem o povo!”, o que provocou uma ovação dos manifestantes. O painel foi instalado entre as barracas. Em meia hora, doze carros pararam e deram alguma contribuição em dinheiro para o grupo.

No começo da noite, mais de cinquenta pessoas circulavam pelo local. Aproximou-se um garoto de 20 anos, usando jeans, tênis e carregando uma mochila. Chamava-se Bruno, era estudante de geografia da PUC e estava cansado da “vida burguesa”. Durante vinte minutos, entoou uma cantilena de problemas com o pai rico, que não aceitava que ele fizesse geografia, que sua vida era vazia e superficial. Fuentes ouviu com atenção e, ao final, o aconselhou a voltar para a faculdade. Logo em seguida, um homem negro lhe trouxe um copo de café quente. Era funcionário da obra do metrô, a 500 metros dali, e dormia todos os dias no acampamento. “Ele mora em Nova Iguaçu. Ganha 100 reais por dia e gasta 27 de passagem, não vale a pena voltar para casa. Antes de a gente estar aqui, ele dormia sob uma marquise. Agora, está aqui com a gente”, explicou Fuentes.

Luiza Dreyer apareceu com a expressão de felicidade. Havia disponibilizado sua conta bancária pessoal para doações e tinham feito um depósito de 700 reais. De quem? “Não sei, colocaram! Ótimo, vamos fazer vários investimentos em arquitetura aqui, comprar mais barracas e botijões de gás”, comentou. Todos os acampados com quem conversei durante os quatro dias que estive no Ocupa Cabral negaram receber pagamentos de grupos

ou partidos políticos. “Falar que recebemos de alguém é uma maneira baixa de desmerecer nossa ação”, comentou Fuentes.

A reeleição de Cabral teve o clima de verso de Baudelaire: lá, onde tudo é ordem e beleza/luxo, calma e volúpia. As UPPs eram uma vitrine mundial e sombreavam os baixos índices nas áreas de saúde e educação. Porém, a conjuntura estava diferente. Afastado da vida política para tratar do câncer na laringe, Lula já não era um parceiro presente. De sua parte, Dilma nutria pouca simpatia pelo jeito galhofeiro do governador. Lembrava-se com desprezo de um vídeo gravado no Carnaval em que apareciam juntos – ele, bêbado, enrolando um inglês incompreensível –, quando ela ainda era candidata. Ela gostava era de Pezão, que considerava sério, competente e trabalhador.

Havia pegado muito mal o sumiço de Cabral quando das enchentes de janeiro de 2011 na serra fluminense, que mataram quase mil pessoas. No ano anterior, diante da mesma tragédia, ele só tinha aparecido dias depois, quando culpou a prefeitura dos municípios atingidos. Mas, ainda que a economia desse os primeiros sinais de que iria desandar, Cabral conservava a maré de estabilidade. “Aí acontece o incontrolável, o inesperado, o que abalou tudo: o acidente de helicóptero na Bahia”, lembrou o vereador Cesar Maia.

Em junho de 2011, Sérgio Cabral, familiares e amigos tomaram emprestado o avião particular do empresário Eike Batista para ir à festa de aniversário do empreiteiro Fernando Cavendish, que tinha contratos de mais de 1 bilhão de reais com o governo, parte deles sem licitação. O governador vivia um momento de euforia, sobretudo na vida pessoal. A turma desembarcou do jato de Eike em Porto Seguro, na Bahia, e pegaria um helicóptero até Trancoso, um voo de dez minutos. Como havia muitos convidados, os homens deram prioridade às mulheres e crianças. A aeronave caiu no mar cinco minutos depois da decolagem. No acidente, sete pessoas morreram. Entre elas, a namorada do filho do governador; a cunhada, Fernanda Kfuri, e a mulher de Cavendish, Jordana; e o filho dela, o menino Lucas Kfuri de Magalhães Lins, neto do executivo José Luiz de Magalhães Lins, figura destacada da elite brasileira, articulador político e responsável pela consolidação do Banco Nacional, que, com sua saída, foi à bancarrota.

A criança era o alento do patriarca, que lidava com outra tragédia particular. O pai do menino – seu filho predileto, José Luca – sofria de um grave câncer. A notícia da morte da criança devastou os parentes. Logo depois do acidente, os Magalhães Lins chamaram o

advogado carioca Nelio Machado para uma reunião na casa da família no bairro do Humaitá. Parte deles queria responsabilizar criminalmente Sérgio Cabral e Fernando Cavendish pela tragédia. Naquela mesma noite, desistiram da ideia. Destruído pela perda do filho único, José Luca chegou a interromper o tratamento de quimioterapia. Um ano e meio depois, ele sucumbiu à doença.

À medida que as notícias e os corpos iam sendo encontrados em alto-mar mais detalhes vinham à tona. Soube-se que o voo foi feito à noite, chovia, havia densa neblina e o piloto do helicóptero estava com o brevê vencido havia cinco anos. Também que a mulher de Cabral, que estava no Rio, ignorava a viagem. O governador foi ao enterro da nora e depois se isolou em Mangaratiba. Como resposta institucional à tragédia, baixou uma norma para si próprio: lançou com alarde um Código de Conduta Ética para o servidor público regulamentando a proibição de receber presentes e vantagens no exercício do cargo.

“O acidente desnudou o que sempre foi a principal característica do governo dele: a relação promíscua entre o público e o privado”, comentou o deputado estadual Marcelo Freixo, do PSOL, em uma tarde recente. “O Cabral é um psicopata, que não tem sentimento de culpa por nenhuma das coisas bizarras e absurdas em que ele se envolve. Ele se comporta como se não fosse nada com ele.” Logo em seguida, Cabral e Adriana Ancelmo homologaram o divórcio, que durou quarenta dias. No outro ano, o casal renovou os votos numa cerimônia no Palácio Laranjeiras, cujos padrinhos postiços foram Lula e Dilma, que estavam na cidade para uma solenidade pública.

Quase um ano depois, em abril de 2012, o deputado federal e ex-governador Anthony Garotinho publicou em seu blog uma série de fotos, tiradas em Paris, quando Sérgio Cabral, acompanhado de uma comitiva de 150 pessoas, desembarcou na capital para receber a Legião de Honra pelo Senado francês. Nas fotos, Fernando Cavendish aparece abraçado a secretários de estado com guardanapos amarrados na cabeça. Em outra série, Cabral e a turma dançam funk ou algo do gênero agachados em frente a um cantor. Noutra, Cavendish, o empresário George Sadala, concessionário do Poupatempo no Rio e em Minas, mais os secretários de Saúde e de Transportes (Sérgio Cortes e Wilson Carlos) estão no restaurante do hotel Ritz de Paris. Há também a cena das respectivas mulheres exibindo a sola de sapatos da grife Christian Louboutin.

Depois de quase um mês em silêncio, Cabral respondeu não manter relações escusas com o empreiteiro, seu amigo de longa data.

“O pior é que o Sérgio Cabral foi o melhor governador que o Rio já teve”, disse Jorge Picciani, presidente do PMDB fluminense, durante um jantar em um restaurante na Barra da Tijuca, em agosto. “Essas críticas são injustas. Ele tem sensibilidade social, um histórico de melhorias para a população, para o Rio e para a democracia. Essa coisa mesmo de acabar com voto secreto, ele fez isso na Assembleia há muitos anos”, comentou.

Alto, corpulento, com bochechas macilentas e voz gutural, Picciani lembra um personagem de desenho da Pixar. Calado, parece mais ameaçador do que quando conversa, em tom amistoso e gentil. Tinha o cabelo cortado à escovinha, usava jeans, camiseta, blazer de linho e um mocassim branco. Ele é considerado “o dono do PMDB do Rio”.

O problema de Cabral, segundo Picciani, era mais complexo. “A pessoa física interferiu na jurídica”, disse. Passando os olhos no cardápio, ele comentou: “Eu sou da roça. Eu não gosto de viajar. Esse negócio de 200 pessoas, bebida, deslumbramento. Ali foi o novoriquismo, a soberba”, falou. Ele classificou de “falta de sorte” a amizade de Cabral com Cavendish, que tinha negócios com o bicheiro Carlinhos Cachoeira. “Uma empresa que estava estabelecida no Rio muito antes do governo dele”, afirmou.

Na avaliação de Picciani, a imagem do governador será recomposta em breve, mas é preciso uma mudança urgente na maneira de vender sua imagem. “Os programas de tevê dele são um horror. A gente combina uma coisa, sai outra”, comentou. Na véspera, a propaganda do PMDB estadual mostrou obras, tratores, trabalhadores, túneis. Não se fez menção ao nome ou à imagem de Cabral. Segundo Picciani, o combinado era comparar o governo Cabral com o de Benedita da Silva, do Partido dos Trabalhadores, usando imagens do traficante Fernandinho Beira-Mar rindo ao ser preso. “Ia mostrar como mudou a segurança. Isso é o que melhora a imagem dele! Aí, você liga a tevê e é tudo o contrário”, disse. Os programas são feitos pela agência Prole, a mesma responsável pelas inserções de Aécio Neves, e aprovados pelo governador.

Picciani passou a se mexer na cadeira como se tivesse sido acometido por uma crise de coceira. “Ai, esse sapato estava me apertando demais”, disse, aliviado, ao se livrar de um deles por debaixo da mesa. Falou-se sobre as manifestações populares contra o governo e ele afirmou que os acampados na rua de Cabral eram financiados por partidos políticos,

como o PR e o PSOL. “É coisa paga, encomendada. Os adversários se aproveitaram dos protestos nacionais e se uniram.”

O Partido dos Trabalhadores, segundo ele, havia estimulado a maré de críticas. Com a queda de Cabral nas pesquisas, o senador Lindbergh Farias, do PT, aproveitou o momento para impor sua candidatura à sucessão, ainda que a aliança nacional entre os dois partidos se esfacelasse no Estado. “Eu estou doido para que eles rompam conosco aqui no Rio”, disse Picciani em tom de blague, referindo-se ao PT. “Porque estou louco para apoiar o Eduardo Campos”, comentou, sarcástico, na saída do restaurante.

Quando entrou no amplo gabinete no Palácio Guanabara, Cabral leu em voz alta uma notícia estampada na tela do computador de sua mesa. “Ixi... ‘Atirador de Washington ouvia a voz de Deus’... Ai, meu Deus”, comentou. Ele se dirigiu a uma grande porta e, como um Luís XIV em seu Versalhes particular, empurrou-a deixando os dois braços estendidos na altura do peito. “Olha que bonito esse jardim. Foi restaurado por nós”, disse-me. Uma larga aleia de centenárias palmeiras imperiais circundava um chafariz com a imagem de Netuno e esculturas de crianças montadas em peixes num idílico cenário emoldurado por Mata Atlântica nativa. “Vamos dar uma volta”, sugeriu.

Aos 50 anos, Cabral emagreceu, está bronzado, mantém o senso de humor aguçado e o indefectível sopro juvenil. Durante a caminhada, ele enumerava as conquistas de seu governo, como havia feito no seminário pouco antes. “Como se fala em improbidade e corrupção num governo que ganha investment grade, que é premiado a toda hora na gestão das finanças?”, indagou. Interrompi-o dizendo que seu problema era o voo do Juquinha e o guardanapo na cabeça. “Eu não apareço em foto nenhuma de guardanapo. Taí, ó. Essa é uma das tentativas de estigmatizar”, disse.

Quando as manifestações tomaram corpo nas ruas, Cabral passou a rever medidas impopulares, como a demolição de um parque aquático e uma escola, que desapareceriam com as obras da Copa e da Olimpíada. Devolveu dinheiro de diárias de viagens privadas e derrubou uma resolução que proibia bailes funk nas favelas pacificadas. Também sancionou uma lei que vetava mascarados em protestos de rua. No meio da confusão, uma reportagem da Veja mostrou que helicópteros do governo eram usados para levar o governador, sua mulher, seus filhos, babás e até o cachorro da família, o Juquinha, para Mangaratiba. Cabral respondeu às críticas dizendo não estar “fazendo nenhuma estripulia”.

Dias depois, pela segunda ocasião, valeu-se de um código de ética. Dessa vez, decidiu disciplinar o uso de aeronaves no serviço público.

Durante nosso passeio pelos jardins do Guanabara, ele argumentou que um governante pode e deve usar helicóptero por questões de segurança. “Ainda mais nós que combatemos tanto a criminalidade”, disse. Passarinhos piavam forte, ele olhou para o céu como se os procurasse e emendou: “E o Juquinha, pelo amor de Deus, é um cachorrinho desse tamanhinho, e é do meu filho”, disse afinando a voz e juntando as duas mãos espalmadas no ar. “Sempre foi voo de família, meus filhos junto. Nunca foi só babá com cachorro. É segurança da minha família”, emendou. Quando citei que até um cabeleireiro havia declarado ter voado para atender a família em Mangaratiba, ele cerrou as sobrancelhas e me olhou como se eu estivesse falando javanês. “Ah, isso foi uma vez que ele pegou carona com alguém. Comigo, sei lá, o que é isso! Pelo amor de Deus, não teve isso!”

Um funcionário o parou para falar mal do secretário de Educação. Quando ele se afastou, eu quis saber sobre as diárias recebidas em viagens particulares, pelas quais ele recentemente reembolsou o erário. “Isso foi um erro burocrático. Houve dois ou três casos. A gente explica, mas o repórter vai lá e põe. Eu vou responder? Eu vou brigar com repórter? Eu sou jornalista, pô!” Ele caminhava lentamente e tinha um tom de voz firme, de quem não duvida por um segundo do que está dizendo. “Tem essa estigmatização, isso reverbera em nichos... Tem artista que não gosta de mim. Eu sou admirador do Caetano Veloso, mas ele escreve contra minha administração. Vou desgostar dele, que compõe aquelas músicas extraordinárias? Mais uma vez, é o que eu digo: to-le-rân-cia.” Diante de uma frondosa árvore que nos dava uma sombra refrescante, ele arriscou a hipótese de que talvez tivesse se importado mais com gestão do que com política. “É verdade, eu curto gestão.” Perguntei o que ele diria a quem aposta que ele está morto e Pezão inviabilizado. “Nada!” Insisti. “Digo que eleição e mineração só depois da apuração.”

Assim que as fotos e os vídeos de Cabral, Cavendish e amigos no exterior vieram a público, passou-se a especular sobre quem os teria vazado. Correu na cidade a versão de que teria sido a sogra de Cavendish, que teve duas filhas e dois netos mortos no acidente. Ou que a própria família Magalhães Lins teria viabilizado a divulgação. “Não tem nada de sogra do Cavendish”, disse o deputado Anthony Garotinho, potencial candidato ao governo do Rio, em uma noite de agosto, no seu gabinete na Câmara Federal, em Brasília.

De acordo com Garotinho, as fotos foram copiadas do computador de Jordana Kfuri, mulher de Cavendish, por um amigo dela. “Por coincidência, esse sujeito estudava na mesma faculdade de um funcionário do meu programa de rádio, na Manchete”, contou. O rapaz, que por dever de ofício tinha acesso aos arquivos, se dizia “indignado” com o tratamento dado aos parentes das vítimas e responsabilizava Cabral e Cavendish pelo acidente. “Aí, ele deu o arquivo para o meu funcionário, que me trouxe o pen drive. Quando eu abri as fotos, eu não acreditei”, comentou.

A primeira leva foi divulgada no blog do deputado no auge da CPI do Cachoeira, que investigava as ligações da Delta com o contraventor Carlinhos Cachoeira. De acordo com a Comissão, Cavendish era suspeito de utilizar sua construtora para repassar dinheiro, por meio de laranjas, a pessoas ligadas ao esquema do bicheiro. Em troca, ganhava prioridade nas obras estaduais. “Ali eu vazei para pressionar o Congresso para convocar o Cabral para a CPI, mas a blindagem do governo foi mais forte”, comentou Garotinho. Foram convocados os governadores Agnelo Queiroz, do PT do Distrito Federal, e o tucano Marconi Perillo, de Goiás. Fora a amizade com Cavendish e os gordos contratos da empresa com o governo, Cabral não havia sido citado em nenhum grampo da investigação. Mas o deputado Cândido Vaccarezza, do PT, foi flagrado mandando uma mensagem de texto tranquilizando Cabral. “Você é nosso e nós somos teu”, escreveu.

“São 300 fotos, nós vazamos cinquenta. Tem muita ainda, tem para todos os gostos e públicos”, continuou Garotinho com a voz empostada de locutor de rádio. Eu quis saber se ele havia feito muitas cópias do material. “Eu ando com isso no meu bolso, minha querida. Não está em cofre, não tem cópia, eu não confio em ninguém”, disse, afastando o corpo da mesa, deslizando a cadeira de rodinhas para trás. Ele se abaixou e tirou um pen drive preto da pasta de mão, que estava no chão. “Tá tudo aqui, ó. Tem foto com empreiteiros, com fornecedores do governo, gente que não deveria estar junto, entende? São várias viagens.” Quando pedi para que me mostrasse, ele deu uma risada sarcástica. “Todo mundo vai ver tudo. Mas no momento certo”, afirmou, colocando o dispositivo no bolso da camisa.

Garotinho comentou estar esquadrinhando os contratos da banca de advocacia da mulher do governador. Ela é sócia majoritária do escritório Coelho & Ancelmo, que tem como clientes o Metrô do Rio, a Supervia e o Grupo Facility, com contratos de mais de 1,5 bilhão de reais com o governo estadual. Antes de Cabral assumir o cargo, apenas 2% do

faturamento do escritório tinha origem em concessionárias e prestadoras de serviço para o estado. Atualmente, são 60%.

Às dez da noite Garotinho continuava elétrico. “Vamos ver os vídeos! Faz tempo que não vejo!”, sugeriu. Abriu o iPad e achou no YouTube as gravações que haviam vazado. “Ai, esse é ótimo!”, comentou. Na tela, via-se o grupo ao redor de uma mesa de um restaurante de hotel sob o olhar aturdido de um garçom, que segurava um bolo. “Olha, agora eles vão cantar ‘Com quem será’, olha o que o Cabral vai fazer!”, disse com a animação de uma criança. Os convivas entoaram a música e Cabral levantou o braço como que para chamar a atenção para si na filmagem. “Vai depender, vai depender...”, ouvia-se. Teatralmente, Garotinho se levantou da cadeira e passou a imitar os gestos e cantar em uníssono com o governador, que encarava a câmera. “Se o Serginho vai querer!”, repetiu o deputado antes de explodir em uma gaitada. “Depois, eu que sou provinciano, eu que sou da turma do chuvisco”, disse, ainda, em gargalhada. “Esse Sérgio Cabral é o maior mico que o Rio de Janeiro já teve.”

Nos jardins do palácio, Cabral continuava a caminhada peripatética. Falou-se sobre o sucesso do escritório de advocacia de sua mulher. “Olha que interessante, eu estava refletindo outro dia: normalmente os políticos são agredidos por botar a mulher na assistência social. Há vinte anos, minha mulher tem esse escritório que...” “Cresceu horrores no seu governo”, completei. Com um tom de voz sério, ele retrucou que jamais pediu favores em nome dela: “Nunca me meti nos assuntos do trabalho dela e não vai ser agora. É até covardia contra o mérito dela e dos sócios.”

Comentei que havia quem apostasse que, se o helicóptero não tivesse caído na Bahia, ele estaria firme no jogo sucessório. Cabral lembrou que, antes dos protestos, ou seja, bem depois do helicóptero e do guardanapo, a aprovação a seu governo era de 45%. “O Eduardo Paes foi reeleito com 64% dos votos caminhando do meu lado. Nas eleições de 2012, estive em vários palanques.” De novo, minimizou o caso: “Nunca escondi a minha amizade com o Cavendish, que é anterior ao governo e que não tem nada a ver com o problema que ele teve no Centro-Oeste”, defendeu-se.

Uma análise da revista inglesa *The Economist* atribuía a queda vertiginosa na popularidade de Cabral a uma percepção na fragilidade da política de enfrentamento da violência. O

desaparecimento do pedreiro Amarildo na Rocinha e a morte de nove pessoas no Complexo da Maré, assassinadas por policiais, teriam contribuído para isso.

O celular de Cabral tocou. Era Dorita, chefe de gabinete, dizendo que estava atrasado para a reunião. Foi quando ele se deu conta de que segurava um livro de fotos do Palácio Guanabara desde o início do passeio, como uma bolsa ou uma pasta. “Nem me toquei”, disse, oferecendo-me o presente. Ele se despediu com dois beijinhos, mas antes concluiu o raciocínio. “Nem todas as críticas foram equivocadas, é preciso refletir sobre elas, mas as pessoas vão perceber que o governo briga para descobrir onde está o Amarildo. Vão ouvir a empregada doméstica que mora na Cidade de Deus contar que a vida dela melhorou muito”, afirmou. “É um processo, há que se entender isso. Mas uma coisa que eu não sou é soberbo. Isso não. Não tem cara mais humilde do que eu. Quem me conhece sabe”, disse.

Era noite quando a primeira das oito barracas foi desmontada. No começo de setembro, depois de 36 dias instalados no Leblon, os manifestantes do Ocupa Cabral levantaram acampamento. À imprensa, disseram que iriam se preparar para os atos de 7 de setembro. “Começou a encher de mascarados no Ocupa, a coisa foi ficando com um tom diferente do que era no começo. Depois veio a lei que proibia usar máscara. Se os mascarados ficassem lá, a ordem era tirar todo mundo do acampamento... Então, eles saíram antes”, disse-me dias depois, por telefone, André Cintra, irmão de Bruno Ruivo, que – como todos os outros manifestantes com que conversei – estava incomunicável. “O meu irmão diz que eles só estão de férias, não estão desmobilizados. Que isso está longe de terminar, mas o estrago no Cabral já está feito”, completou.

Dias depois, no escritório de Jorge Picciani na Barra da Tijuca, um grupo da base governista comemorava a desocupação na porta de Cabral. Um deputado estadual apostava numa possível bonança, falava mal dos candidatos à sucessão e se mostrava confiante na eleição de Pezão. “Nós temos a máquina, temos gente, dinheiro e sabemos fazer campanha”, comentou, pedindo anonimato porque almejava um cargo público. De cabeça, passou a cantar os números de uma pesquisa do partido, que colocava na liderança da disputa o ministro da Pesca, Marcelo Crivella, do Partido Republicano Brasileiro, seguido por Lindbergh Farias, com 17%, Garotinho, com 13%, e Pezão com 10% das intenções de votos.

Segundo ele, a ira contra Cabral não havia atingido o vice. Pezão, ele disse, tinha “o passado limpo”. “Ele não tem calo, tem calinho, não pega nada”, comentou. O “calinho” era a desapropriação da casa de uma parente – feita quando Pezão foi governador interino –, vendida ao estado em regime de urgência por um valor muito superior ao do mercado.

O plano era Cabral deixar o cargo em dezembro para que Pezão se beneficiasse o quanto antes das inaugurações previstas para o ano que vem. Segundo Picciani, o governador melhoraria nas pesquisas e sua saída antecipada não teria ar de fuga. “O Pezão tira os cinco principais secretários, põe gente dele, cria uma marca própria. Vai continuar com o Beltrame [secretário de Segurança Pública], que é um sucesso”, disse. A ideia também era acomodar Cabral em um ministério, já que uma candidatura ao Senado poderia ser arriscada. As negociações estavam adiantadas com o Palácio do Planalto. De Brasília, veio a sugestão de abrigá-lo na pasta do Turismo. Ele não gostou. Achou que se tratava de uma piada